# NHE'Ẽ PORÃ

MEMÓRIA E TRANSFORMAÇÃO

Museu
da Língua
Portuguesa

# NHE'Ẽ PORÃ

MEMÓRIA E TRANSFORMAÇÃO

Museu
da Língua
Portuguesa

São Paulo, 2023

# UMA SOCIEDADE FEITA DE MUITAS SOCIEDADES

**Nhe'ẽ Porã: Memória e Transformação**, com foco nas línguas dos povos originários, representa um marco na história do Museu da Língua Portuguesa. A primeira grande exposição sobre o tema no Brasil, sob a premissa institucional de uma curadoria indígena, marcou o lançamento da Década Internacional das Línguas Indígenas (DILI 2022–2032) da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) no Brasil e recebeu entre outubro de 2022 e abril de 2023 mais de 189 mil visitantes.

Com curadoria da artista, educadora e ativista Daiara Tukano, a mostra apresentou aos mais diversos públicos, de maneira poética, potente e acessível, a diversidade linguística como expressão das culturas indígenas do país, mas também como importante instrumento de resistência dessas populações. Além da curadoria indígena, a exposição contou com a colaboração de mais de 50 especialistas indígenas, entre linguistas, artistas e criadores.

A imersão proposta pelo Museu da Língua Portuguesa na riqueza e na complexidade das línguas e culturas originárias se desdobrou não só na exposição física e virtual, mas em materiais e atividades educativas, debates, mostra de cinema, apresentações culturais e cursos disponibilizados gratuitamente na internet. Para o aprofundamento do tema, a exposição teve a curadoria especial para línguas indígenas de Luciana Storto, linguista e docente da Universidade de São Paulo, e a colaboração de Altaci Corrêa Rubim, do povo Kokama, representante dos povos indígenas da América Latina e Caribe no Grupo de Trabalho Mundial da DILI. Essa é uma pauta fundamental para a instituição no longo prazo e continuará sendo objeto de pesquisa, subsidiando atualizações dos conteúdos presentes na exposição principal e novas abordagens nas áreas de cultura, educação e preservação, dentre outros.

A presente publicação registra o legado de **Nhe'ẽ Porã,** uma exposição que trouxe para o centro da cidade de São Paulo a força dos povos indígenas, que atravessou o rio dos tempos, desde as origens até as diversas frentes de luta indígena na contemporaneidade. Trata-se de uma contribuição para que cada vez mais pessoas conheçam e reflitam sobre o tema das línguas indígenas e seus significados profundos nesta nossa sociedade feita de muitas sociedades.

Quando uma língua desaparece, extinguem-se universos. Assim, reconhecer, valorizar e fortalecer a nossa grande diversidade social, cultural e linguística é tarefa mais que urgente, com a qual o Museu da Língua Portuguesa estabelece um compromisso institucional que se inicia com esta exposição.

**Renata Motta**
[diretora executiva da Organização Social de Cultura IDBrasil Cultura, Educação e Esporte]

**Marília Bonas**
[diretora técnica do Museu da Língua Portuguesa]

# CADA LÍNGUA, UM MUNDO

Cada língua traz em si um mundo, com valores, conceitos, relações, histórias. Com sua tradição oral, as mais de 175 línguas indígenas faladas hoje no Brasil carregam suas culturas seculares de geração em geração. É o poder da palavra que, como diz a história wapixana, no princípio do mundo, tinha força criadora, capaz de fazer surgir rios, montanhas, florestas.

Por isso, **Nhe'ẽ Porã: memória e transformação** é uma exposição necessária e urgente. Marco do lançamento, no Brasil, da Década Internacional das Línguas Indígenas (2022–2032), ela nos faz lembrar que trabalhar pela preservação e divulgação das línguas dos povos originários é promover a diversidade, a pluralidade social, as diferentes formas de interação indivíduo-natureza e outros modos possíveis de sociedade e de vida no planeta.

Foi com essa convicção que o Instituto Cultural Vale tomou a iniciativa de articular e patrocinar a exposição no Museu da Língua Portuguesa, que se desdobrou em versão digital e se prepara para viajar pelo país e até para fora dele, com a intenção de ampliar ainda mais sua comunicação com públicos diversos.

Sempre partindo de uma perspectiva indígena, com curadoria, pesquisadores e artistas de diferentes povos e regiões, **Nhe'ẽ Porã** repassa 500 anos de relações entre línguas indígenas e a língua portuguesa, colonização, representatividade, produção artística e atuação política. Assim, a exposição contribui não apenas para a visibilidade dessas línguas, mas para a compreensão, por parte de toda a sociedade, da riqueza das culturas dos povos originários e, portanto, do nosso próprio país.

Preservar as línguas indígenas é também preservar a nossa cultura, a cultura do povo brasileiro. No Instituto Cultural Vale acreditamos ser fundamental fomentar ações culturais que levem toda a riqueza de saberes e fazeres do Brasil aos diferentes públicos. Com esta exposição, temos a oportunidade de conhecer mais sobre os povos originários e de refletir sobre suas formas de criar, viver e conviver.

**Maria Luiza de Oliveira Pinto e Paiva**
[vice-presidente executiva de Sustentabilidade da Vale e presidente do Conselho Estratégico do Instituto Cultural Vale]

**Hugo Barreto**
[diretor presidente do Instituto Cultural Vale e diretor de Clima, Natureza e Investimento Cultural da Vale]



# LÍNGUAS INDÍGENAS: PATRIMÔNIOS IMATERIAIS DA HUMANIDADE

Espaço de narrativas que expressa a rica diversidade dos povos originários brasileiros, a exposição **Nhe'ẽ Porã: memória e transformação** se consagrou como ação inaugural da Década Internacional das Línguas Indígenas (DILI 2022-2032) no Brasil. Tornou-se uma referência para o acesso à memória e para a valorização do patrimônio cultural, incluindo expressões e evocações presentes em vários territórios e comunidades indígenas no país, em uma atitude de reconhecimento e respeito a seus direitos culturais e reverência a seus conhecimentos ancestrais.

Assim, a Unesco, agência líder da Organização das Nações Unidas (ONU) no campo da cultura, com atuação na preservação da riqueza das línguas indígenas, se une à exposição **Nhe'ẽ Porã** em um movimento de reconhecer e valorizar o legado dos povos originários. A DILI mobiliza a sociedade como um todo para a preservação da diversidade linguística dos povos originários. No Brasil, a ação instituída pela ONU no âmbito da cultura e da educação constitui um esforço que visa ao reconhecimento e à valorização do patrimônio imaterial das nações indígenas.

Com seus valores e saberes, a língua materna é um elemento essencial para manter viva a tradição de uma comunidade étnica. Nesse sentido, a DILI propõe espaços de revitalização e fortalecimento protagonizados pelos povos indígenas, com o intuito de salvaguardar as línguas existentes que estão desaparecendo em um ritmo alarmante no mundo todo.

Com isso, a exposição **Nhe'ẽ Porã** e a Década Internacional das Línguas Indígenas resgatam essas línguas como o retrato da alma de cada um dos povos originários. Elas são as vozes dos representantes das comunidades e dos detentores do conhecimento linguístico das culturas indígenas, são os símbolos de resistência cultural que remetem a leituras e representações de mundos. São elementos que compõem uma perspectiva de superação das desigualdades e da intolerância para a construção de um mundo cada vez mais diverso, inclusivo e sustentável.

**Marlova Jovchelovitch Noleto**
[diretora e representante da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) no Brasil]

# OUTROS MUNDOS POSSÍVEIS

A língua é o que nos conforma e nos faz ser quem somos. É o nosso melhor retrato, aquilo que traduz a nossa forma singular de estar no mundo. Há quem diga que as línguas são "estruturas coloridas, inventivas, populares e resistentes (...), o nosso ambiente, o nosso mato".[1] É uma imagem bonita e verdadeira.

No Brasil, país onde povos muito diversos entre si convivem em cidades, metrópoles, campos, florestas e cerrados, nos comunicamos, sonhamos e criamos majoritariamente em língua portuguesa. Mas, ao contrário do que a maioria dos brasileiros pensa, há cerca de outras 175 línguas sendo faladas hoje em nosso extenso território, cada uma carregando uma sonoridade e expressando uma concepção da vida, uma maneira de ser. Essa grande diversidade é uma das maiores riquezas do país e um dos nossos trunfos em um mundo cada vez mais homogeneizado. Mas ela já foi muito maior. Em cinco séculos de distorções sociais, políticas, éticas e estéticas, centenas de povos e línguas desapareceram, e com eles se extinguiram universos, saberes e modos únicos de viver. Essas ameaças seguem vivas e precisam ser combatidas.

O Museu da Língua Portuguesa tem, desde a sua origem, buscado valorizar e reafirmar o vigor das culturas e das línguas dos povos originários do Brasil, oferecendo aos visitantes um acesso mais direto à realidade indígena contemporânea e à sua história. Como um lugar privilegiado para vivências que não são possíveis em outras situações, o museu tem abordado de forma lúdica e criativa temas da nossa formação e da nossa realidade linguística, fazendo dialogar o que é antigo e o que é contemporâneo, diferentes tipos de saberes e formas de expressão, sem deixar de lado o seu sentido profundo, a sua complexidade e a sua poesia. Nosso desejo é que o visitante percorra esses espaços, descobrindo mundos até então pouco conhecidos e que possa, assim, ampliar seu repertório e sofrer transformações.

A exposição **Nhe'ẽ Porã: memória e transformação** nasceu do desejo de ampliar o diálogo com o público, trazendo à luz novas formas de abordar a complexa questão das culturas e línguas dos povos originários do país. E para falar dessa realidade amplamente desconhecida e pouco estudada nas escolas do país, convidamos a artista, educadora, comunicadora, pesquisadora e ativista Daiara Tukano. Sua presença como curadora desta exposição temporária garantiu um intercâmbio intercultural ampliado com os povos indígenas do Brasil.

1 Galindo, Caetano W. *Latim em pó: um passeio pela formação do nosso português*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022, p. 208.

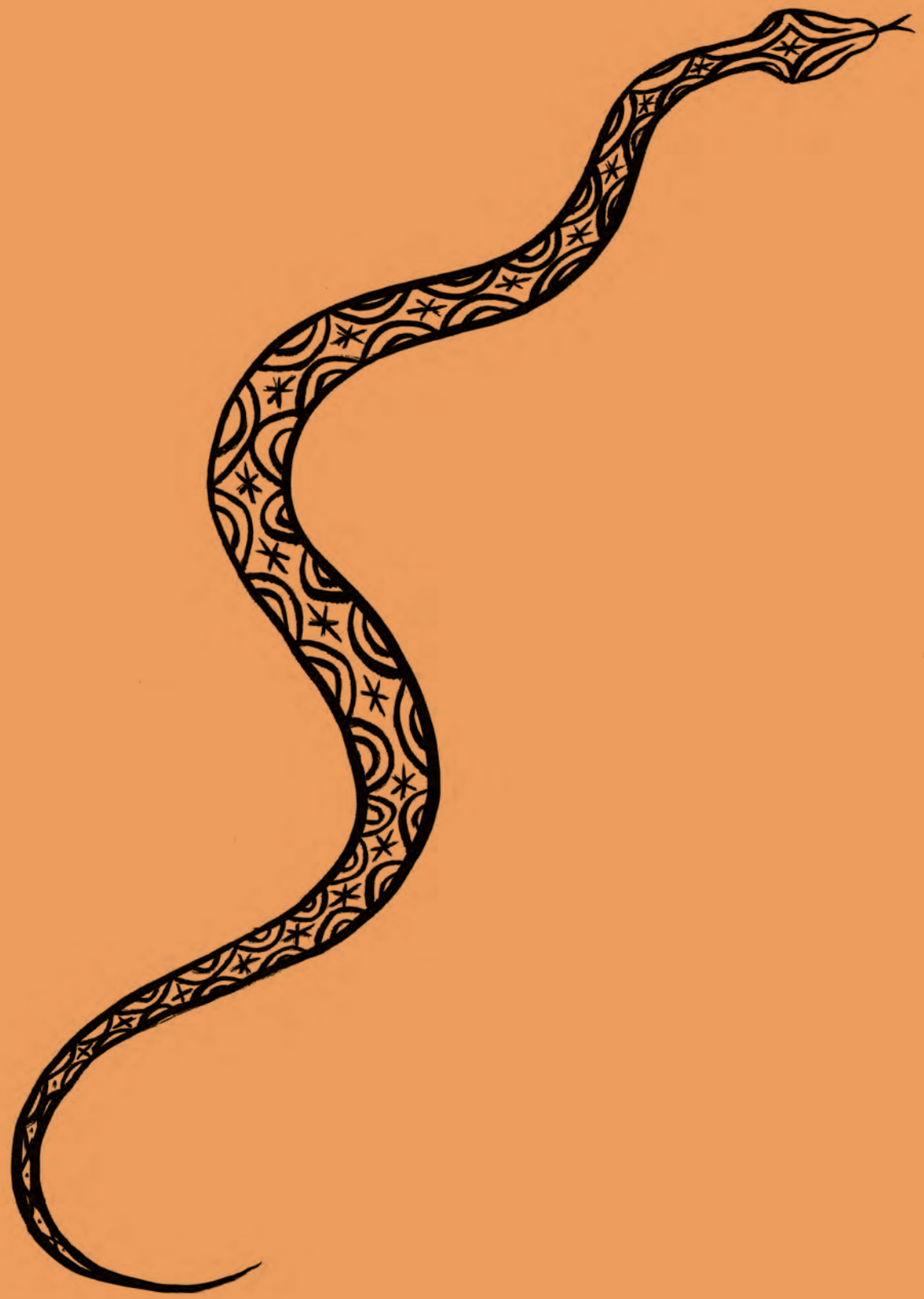


Com a preciosa colaboração da linguista Luciana Storto e da antropóloga Majoí Gongora, bem como de uma equipe de arquitetos, artistas gráficos, roteiristas, pesquisadores e cenógrafos, entre outros profissionais da área, Daiara concebeu, desenhou e realizou uma obra de fôlego, ao mesmo tempo política e poética, além de grandemente informativa. Nela, objetos originais muito antigos juntam-se a obras criadas por artistas contemporâneos de diferentes etnias; dados demográficos dialogam com a densa cosmologia de diferentes povos; instalações multimídias complementam depoimentos de importantes líderes indígenas; textos em línguas indígenas, tais como o Guarani Mbya e o Yanomami, ocupam as paredes ao lado de fotos raras de indígenas escravizados em épocas não tão longínquas.

Desde o início, Daiara, pertencente ao povo Tukano, demonstrou a intenção de trabalhar com artistas, realizadores e estudiosos indígenas de diferentes etnias. Era importante para ela que a exposição fosse representativa, ao menos em parte, da enorme diversidade dos "parentes" que vivem em nosso território. E isso foi feito com sucesso. Assim, **Nhe'ẽ Porã** apresenta com força e graça a vitalidade das línguas indígenas sem deixar de lado todos os problemas que essas culturas têm enfrentado ao longo dos séculos. Tudo isso a partir de uma perspectiva indígena que reafirma o protagonismo desses povos nas reflexões sobre sua própria produção e sua reprodução cultural, sobre sua subjetividade e seus valores, sobre as suas tradições, memórias e transformações.

Foram muitas as alegrias e conquistas propiciadas por esta bela exposição. Instalações e mapas inéditos foram criados a partir de pesquisas em fontes variadas e com a colaboração de importantes instituições nacionais e internacionais. Toda essa produção está disponibilizada no site do museu e, agora, também neste catálogo. Haveria ainda muitos aspectos a observar sobre o processo de realização deste trabalho. Mas o catálogo fala por si. **Nhe'ẽ Porã** nos faz pensar sobre um Brasil diverso, complexo, ético e justo pelo qual vale a pena lutar. E nos lembra que "sem os povos indígenas, o Brasil não será mais o Brasil" (Vincent Carelli).

**Isa Grinspum Ferraz**
[curadora especial do
Museu da Língua Portuguesa]



# NHE'Ẽ PORÃ: O CATÁLOGO

A presente publicação busca trazer a beleza e força de **Nhe'ẽ Porã: memória e transformação** em sua concepção original. Nesta transposição para a forma impressa, optamos por manter o fio narrativo que conecta as salas. O livro é organizado em quatro seções que levam o nome dessas salas, remetendo a temas-chave da exposição: *Terra é Viva*, *Língua é Memória*, *Palavra tem Poder* e *Palavra tem Espírito*.

Em seu percurso, concebido em formato circular, o público é guiado por um rio desenhado no chão que carrega os belos versos do poema "Chuva de Palavras", de Daiara Tukano, e de suas versões em diversas línguas indígenas. Aqui, privilegiamos outras presenças que marcam os espaços expositivos – dos pássaros e das árvores – e a potência das palavras e ações dos povos originários em destaque em suas produções contemporâneas.

Um dos principais desafios para a elaboração do catálogo foi transpor materiais diversos (obras artísticas, documentos, mapas, peças arqueológicas, registros sonoros e audiovisuais, animações e conteúdos multimídias) e espaços essencialmente sensoriais. Cantos, rezos, narrativas e depoimentos constituem a tessitura sonora, visual e gráfica das salas, ao lado de sons de floresta e do canto de pássaros importantes nas cosmovisões dos povos indígenas.

**Nhe'ẽ Porã** reúne de forma inédita mais de noventa registros sonoros graças à colaboração de centros de pesquisa e documentação, como o Museu do Índio e o Museu Paraense Emílio Goeldi, de pesquisadores e falantes nativos – elementos centrais para o contato com um pluriverso linguístico desconhecido por grande parte da população brasileira.

Instalações como a *Floresta de Muitos Cantos*, a sala de exibição *Ninho do Japu* e obras impactantes, como *A Redenção* e *Histórias da Cobranização*, de Daiara Tukano, a *Marcha dos Povos Indígenas*, de Kamikia Kisêdjê, e *Exnãu-kôtxêpiátá: as onças e o tempo novo*, de Tamikuã Txihi, permitem uma imersão na diversidade das línguas indígenas e nas lutas que esses povos vêm protagonizando há muito tempo.

A maior parte dos materiais ausentes nesta publicação pode ser acessada na versão digital da exposição via QR code. Desejamos que os diferentes conteúdos aqui apresentados e as reflexões que suscitam possam encontrar uma escuta atenta e aberta às transformações necessárias para construirmos outras formas de existência nesta Terra.

Boa imersão!

**Majoí Favero Gongora**
[editora e assistente de curadoria da exposição]

# AYVU, ARANDU RAPYTA HA'E IPYAU VA'ERÃ

Jaro'aguyjevete 5 mil nhande'i va'e reko ayvu ha'e arandu, ko yvyvai pygua!

Brasil py, kova'e py oĩ heta raxa ayvu ejavi gui, ikuai 175 ayvu anhetegua imbaraete va'erã, okanhy e'ý aguã.

Nhande ayvu ma, nhande yvyrupa, nhanneramoĩ nhandejaryi kuery Reno degua: Jairo jareko ha'e nhamombe'u kova'e yvy heta oĩ hery. Kova'e mátria ka'aguy ja'ea re oĩ heta hi'a, ha'e nhande kuer família ma heta yvyra mbaraete ramo, hapo puku mbaraete va'e, ha'e ma ojayaa teĩ henhoĩ ju va'erã.

Mbovy jexara'u, mboraei, mbovy hu'y ha'e texay pa oxyry apy nha'ã aguã, mbya'a porã reve, nhaendu aguã mby'a vy'a, jaiko nhaendu aguã yvyvai?

Ayvu porã jajopy aguã, nhe'ẽ porã, jajapyxaka rã, mbeguei, nhambojerovia jareko rã, nhaendu ha'e jajapo va'e reve, opamba'e nhande reve oĩ va'e pe:

Yvyvai oikove, ayvu ma arandu rapyta, ayvu ma imabaraete, ayvu ma inhe'ẽ va'e.

Ayvu reve nhambopara yvyvai, jajapo boae-ae'i rami nhanhoty ju aguã nhande'apyte rapyta py, nhakotevẽ nhaendu ayvu porã nhanekyre'ý aguã, nhandepy'a tyty nhamoma'endu'aa rami ko Pameri Pati memby ryru, kova'e yvy onhemomyĩ va'e, ha'e kova'e Opehko Pati, kova'e kamby aguyje nhandexy yvy guigua.

Tou katu ayvu'a kova'e Década Internacional gui nhande'i va'e kuery mba'e!

Aguyjevete.

**Daiara Tukano**
[Tradução para o Mbya: Jera Guarani]



# LÍNGUA, MEMÓRIA E TRANSFORMAÇÃO

Saudemos as vozes e as memórias dos mais de 5 mil povos indígenas do mundo! No Brasil, um dos países mais multilíngues do planeta, existem mais de 175 línguas originárias, que resistem a um longo processo de apagamento e constituem um imenso patrimônio a ser conhecido e fortalecido para que não desapareça.

Nossas línguas são territórios. Somos parte da caminhada de nossos ancestrais: ocupando, demarcando e declarando que esta Terra tem muitos nomes. Esta mátria de tantas matas tem muitas frutas, e as famílias de línguas indígenas são árvores de tronco forte, com raízes profundas, que mesmo quando cortadas são capazes de rebrotar. Quantos sonhos, cantos, quantas flechas e lágrimas foram derramados para que pudéssemos estar aqui, de peito aberto, dispostos a passar a emoção de viver e ouvir o mundo? Para acolher as belas palavras – *nhe'ẽ porã* –, é preciso ter atenção, delicadeza e respeito com o que pensamos e fazemos e com tudo e todos à nossa volta: **Terra é Viva, Língua é Memória, Palavra tem Poder, Palavra tem Espírito**.

Com as palavras desenhamos mundos, criamos alternativas para reflorestar os pensamentos. Precisamos ouvir as boas palavras para que elas possam nos mover, assim como nos move a batida do coração, e lembrar que continuamos no ventre deste *pameri pati*, este mundo de transformação, e deste *öpehko pati*, este mundo do leite sagrado de nossa grande mãe. Que venham os frutos da Década Internacional das Línguas Indígenas!

*Añû*.

**Daiara Tukano**
[curadora da exposição]

ARUAK
KARIB
CHARRUA
YAATHE
PANO
NADUHUP
KWAZÁ
BORA
RELÂMPAGO
BRILHOU
COTA

# YVY JA IKOVEA AE

Yvy ma oī ae ma raka'e tekove oī e'y re. Yvy, opamba'e'i oiko'ia heta oī mboaraei, yvytu mirī vevui ha'e heta mba'e ojekuaa.

Mbovy ma'ety rire, ka'aguy regua kuery opa rupi oikuaa oendu porã aguã mba'emo pa oī yvy re. Mby'a oguereko kova'e pygua ombojeroviaa rupi nhomoirū, ha'e rami ae py yvy re joguero'aa py tekove'i re ae oī.

Ejavi nhombojoja.

Peteī tekoa ma oī mbaraete heta rupi, pavẽ pegua oikove va'e kuery ejavi katuī pe yvy rupa rekoa ijoja aguã tekove rupi, reko, ijayvua ha'e py oī va'e py. Nhande va'e kuery ayvu ma tekoa ejavi; tekoa arandu rupa, mby'a ha'e Nhanembouare kuery. Peteī yvyra tuvixa ka'aguy regua, oguerojeapo reta tekoa, heta ombojoja, ogueraa-raa ha'yīgue tekoa rupi, heta rupi ombojoja, ha'e ojapo tekoa.

Kova'e exposição rery, Nhe'ẽ Porã, Guarani kuery mba'e, "Ayvu Porã" he'i. Nhe'ẽ ma arandu rapyta mbya'a porã renda. Nhaendu aguã, nhambojaity kuaa rã, mborayvu reve nhamonhendu rã, ombojoja mbya'a porã nhe'ẽ kuery reve, (Nhe'ẽ) iporã va'e reve. Roeka ayvu porã rupi romombe'u aguã Brasil py nhande'i va'e kuery mbaraete regua, ha'e va'e ayvu nhembojaity rupi, roarõ peteī japyxaka, oguereko kuaa va'erã rupi, omoatyrõ aguã anhetegua e'y hare ete ma omombe'u va'e ay peve.

[Tradução para o Mbya: Jera Guarani]



# TERRA É VIVA

A vida existe neste mundo desde antes do surgimento da humanidade. A Terra, morada de diferentes seres, tem muitos cantos. São cantos de pássaros, da brisa suave dos ventos e dos habitantes das diversas paisagens.

Ao longo de milênios, os povos originários de todos os continentes desenvolveram uma escuta atenta, capaz de ouvir e aprender com a memória do mundo. O sentimento de pertencimento a este lugar e o profundo respeito pelos seres que nele habitam são o que os une. Por isso, a luta pela Terra é a luta pela vida. Tudo está interligado.

Um território é muito mais que um pedaço de terra. Ele remete a uma diversidade de habitantes e ecossistemas conectados, bem como à dimensão imaterial da vida, como são as línguas e as culturas de quem ali vive. As línguas indígenas também são territórios – de memória, de pensamento e de espiritualidade. Como árvores de uma grande floresta, formam comunidades, conectam mundos, espalham sementes e geram vida.

O nome desta exposição é um conceito dos povos Guarani que significa "belas palavras". **Nhe'ẽ Porã** é a fala de divina sabedoria carregada de bons sentimentos. Para ser ouvida, precisa ser compartilhada com doçura, unindo a delicadeza do sopro e do espírito (*nhe'ẽ*) ao que é belo e bom (*porã*). Buscamos palavras doces para narrar trajetórias de resistência e luta dos povos indígenas. E, a partir desse sopro, esperamos encontrar uma escuta cuidadosa e disposta a se abrir à transformação.

[Texto elaborado em diálogo com Carlos Papá, do povo Mbya]

# TERRA DE MUITOS CANTOS
# FAMÍLIAS LINGUÍSTICAS
# ORIGINÁRIAS DAS AMÉRICAS

ARUAK
ARUAK
ARUTANI-SAPE
SALIVA
SALIVA
TINIGUA
ARUAK
KARIB
JOTI
YARURO
BETOI
CHIBCHA
CHOCO
OTOMACOA
OTOMACOA
GUAMO
KARIB
CHIBCHA
ARUAK
Warao
KARIB
TIMOTE
CHOCO
KARIB
KARIB
JIRAJARA
CHIBCHA
ARUAK
ARUAK
CHIBCHA
MISUMALPA
LENCAN
UTOAZTEC
LENCAN
XINCA
CHIBCHA
JICAQUEAN
UTOAZTEC
OTO-
MANGUE
UTOAZTEC
TEQUISTLATEC
MIXE-ZOQUE
OTO-MANGUE
UTOAZTEC
CUITLATEC
UTOAZTEC
UTOAZTEC
TARASCA
UTOAZTEC
MAYA
TOTONACO
OTO-MANGUE
MAYA
ARUAK
ARUAK
ARUAK
ARUAK
ARUAK
COAHUILTEC
COMECRUDO
UTOAZTEC
CALUSA
KARANKAWA
TIMUCUA
CHITIMACHA
NA-DENE
ATAKAPAN
SIOUX
NATCHEZ
TONKAWA
MUSKOGEAN
SIOUX
TUNICA
UTOAZTEC
NA-DENE
CADDO
KIOWA-TANOA
CHOCHIMI-YUMAN
KERESAN
CHUMASH
SALINAN
SIOUX
YUCHI
NA-DENE
YOKUTS
ESSELEN
IROQUOIAN
IROQUOIAN
KIOWA-TANOA
KIOWA-TANOA
MIWOK-COSTANOAN
ALGIC
WASHO
YUKI
POMO
UTOAZTEC
MAIDUN
YUKI
IROQUOIAN
ALGIC
SIOUX
ALGIC
YANA
NA-DENE
ALGIC
CADDO
PALAIHNIH
WINTUALGIC
SHASTA
KARUK
IROQUOIAN
KLAMATH
NA-DENE
TAKELMA
MOLALA
COOS
TAKELMA
SIUSLAW
IROQUOIAN
ALGIC
SIOUX
ALSEA
ALGIC
ALGIC
CADDO
CAYUSE
MOLALA
SALISH
CHINOOK
ALGIC
SAHAPTI
NA-DENE
CHIMAKUM
BEOTHUK
ALGIC
KUTENAI
NA-DENE
WAKASHA
SALISH
SALISH
WAKASHA
SALISH
WAKASHA
HAIDA
HAIDA
TSIMSHIAN
ESKIMO-ALEUT
NA-DENE
ESKIMO-ALEUT
ESKIMO-ALEUT
ESKIMO-ALEUT
NA-DENE
ESKIMO-ALEUT
ESKIMO-ALEUT
ESKIMO-ALEUT
ESKIMO-ALEUT
ESKIMO-ALEUT
ESKIMO-ALEUT
ESKIMO-ALEUT
ESKIMO-ALEUT

# TERRA DE MUITOS CANTOS: FAMÍLIAS LINGUÍSTICAS ORIGINÁRIAS DAS AMÉRICAS

Habitado por milhares de povos, o continente americano, que se estende do polo Norte ao polo Sul, é uma Terra de muitos nomes. Turtle Island a chamam os indígenas do norte – que no mapa virou sul; Pindorama é o nome de origem tupi-guarani dado ao atual território brasileiro. Abya Yala é, na língua Guna, "terra em florescimento" e vem sendo utilizado como contraponto à "América" – um léxico comum aos povos indígenas do continente.

O mapa propõe outros olhares sobre esta Terra, os territórios originários e a diversidade de povos e línguas. Referenciando-se nos poucos materiais existentes sobre o tema, ele mostra de forma simplificada e aproximativa a distribuição geográfica das famílias linguísticas originárias das Américas. É uma imagem estática que sobrepõe diversos tempos históricos e não tem a pretensão de apresentar as transformações decorrentes da invasão territorial e do genocídio dos povos indígenas, mas evidenciar sua relação originária com a Terra.

A rosa dos ventos ilustrada por Daiara Tukano traz a águia ao Norte, o gavião-real ao Sul, o beija-flor ao Leste e o condor ao Oeste indicando as direções, enquanto a cobra grande faz alusão aos caminhos de migração originária – esses são seres importantes em diversas culturas indígenas.



# FLORESTA DE LÍNGUAS: DIVERSIDADE LINGUÍSTICA NO BRASIL

No Brasil, são faladas mais de 175 línguas indígenas que pertencem a mais de uma dezena de famílias linguísticas diferentes. Essas famílias são como as árvores de uma grande floresta cuja riqueza também expressa a diversidade de modos de vida e cosmovisões.

As línguas indígenas são agrupadas em famílias quando é possível, por meio de estudos linguísticos, identificar semelhanças e afinidades estruturais entre elas. Uma família linguística reúne línguas que têm uma origem comum: um idioma ancestral falado há centenas ou milhares de anos.

Segundo a revisão realizada para a exposição, 165 línguas indígenas pertencem a 19 famílias linguísticas: Tupi, Macro-Jê, Karib, Aruak, Pano, Tukano, Arawá, Yanomami, Txapakura, Naduhup, Katukina, Nambikwara, Bororo, Mura, Bora, Tikuna-yuri, Guaikuru, Zamuko e Charrua. A maior família é a Tupi, constituída por dez subfamílias, reunindo 47 línguas faladas de norte a sul do país. Todas elas vêm de uma mesma língua antiga, o "proto-Tupi", falado há cerca de 4500 anos. A família Macro-Jê, por sua vez, engloba vinte línguas, distribuídas em oito subfamílias.

Também existem oito línguas, como o Kwazá, o Trumai e o Aikanã, que não se encaixam em nenhuma das famílias linguísticas conhecidas e por isso são chamadas de "línguas isoladas". Isso quer dizer que os estudos linguísticos feitos até o momento não puderam reconstruir relações estruturais ou históricas com outras línguas já documentadas. São, portanto, línguas cujos elos se perderam ao longo do tempo.

Compondo essa paisagem diversa, há ainda duas línguas de contato – termo que designa idiomas originados em contextos de intensa pressão social. É o caso das línguas *kheuól* (ou *creole*), que têm como base línguas europeias e surgiram no contexto escravista nas colônias no Atlântico. No Brasil, o *kheuól* falado pelos povos Galibi-Marworno e Karipuna é derivado do francês. Por fim, além das centenas de línguas indígenas faladas no país, existem mais de vinte línguas de sinais distintas, como aquelas utilizadas pelos povos Ka'apor, Kaingang, Terena, Kaiowá, Makuxi, Yanomami, Tikmũ'ũn, Xukuru do Ororubá, entre outros.

Toda essa diversidade não é plenamente conhecida. Hoje, vinte por cento das línguas indígenas faladas no Brasil não foram objeto de estudo linguístico. Há poucos dados sobre seus falantes e sua distribuição dentro e fora de Terras Indígenas, assim como existem poucas pesquisas sobre as línguas em retomada, o português indígena e a diversidade de línguas indígenas em áreas urbanas. É essencial fortalecer os estudos dessas línguas, patrimônios de valor inestimável.

# FAMÍLIAS LINGUÍSTICAS FALADAS EM TERRAS INDÍGENAS RECONHECIDAS NO BRASIL (2022)

Este mapa apresenta a distribuição das 19 famílias linguísticas das línguas indígenas faladas no território brasileiro, assim como das oito "línguas isoladas" e das duas línguas de contato. Sua elaboração partiu de dados disponíveis apenas sobre os falantes que vivem em Terras Indígenas (TIs) reconhecidas pelo Estado.
Até o momento, não há informações sistematizadas sobre as línguas indígenas faladas nas áreas urbanas e rurais fora das TIs. Diante dessa ausência de dados, é importante observar que se trata de uma representação parcial.

Terras Indígenas

**Família linguística**

*Língua isolada*

*Língua de contato*

N

0 100 200 300km

# FAMÍLIAS LINGUÍSTICAS

TUPI
*grande como a samaúma*

## MACRO-JÊ

***firme como a castanheira***

RIKBAKTSA
Rikbaktsa
KRENAK
Borum (Krenak)
JABUTI
Arikapu
MAXAKALI
Djeoromitxi
CHIQUITANO
Tikmũũn yĩy ax (Maxakali)
Bésiro
JÊ
Apinajé
KARAJÁ
Kaĵkwakratxi (Tapayuna)
Mẽbêngôkre (Kayapó)
Tĩmbira
Akwẽ (Xerente)
A'uwẽ (Xavante)
Panará
Lakiãnõ (Xokleng)
Kaingang
Khĩsêtjê (Suyá)
OFAYÉ
Xambioá
Inỹrybè (Karajá)
Inỹ (Javaé)
Ofayé

## KARIB

***resiliente como a andiroba***

Makuxi
Pemon (Taurepáng, Arekuna)
Kapon (Ingarikó, Akawaio, Patamona)
Matipu-Uaghütü
Ye'kwana
Nahukwa
Apalai
Wayana
Kali'na (Galibi do Oiapoque)
Pureĥno (Kaxuyana)
Hixkaryana
Kalapalo
Waiwai
Kuikuro
Tarëno (Tiriyó)
Ikpeng
Kinja yara (Waimiri-Atroari)
Ugrongmo (Arara do Pará)
Kurâ (Bakairi)

## BORA

***enigmática como a embaúba***

Miranha

Xinane-yura (Yaminawa)

Hãtxa kuĩ (Kaxinawa)

Yawanawa

Katukina do Acre

Shanenawa

Kaxarari

## PANO

***encantada como o breu branco***

Matis

Matsés (Mayoruna)

Korubo

Shawãdawa (Arara)

Ũdikuĩ (Puyanawa)

Nukini

Kulina

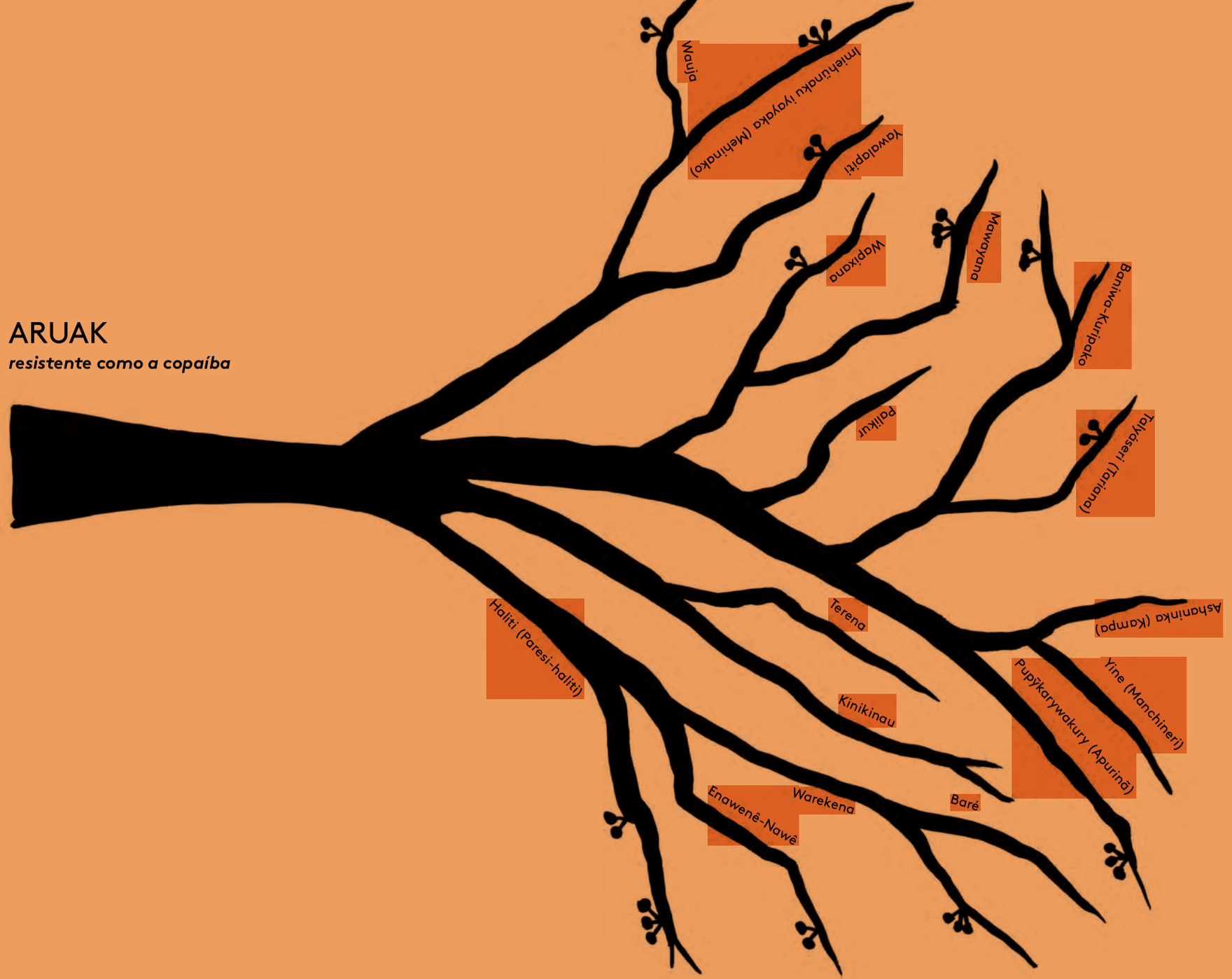
## ZAMUKO

***formosa como a bromélia***

Yshyr (Chamacoco)

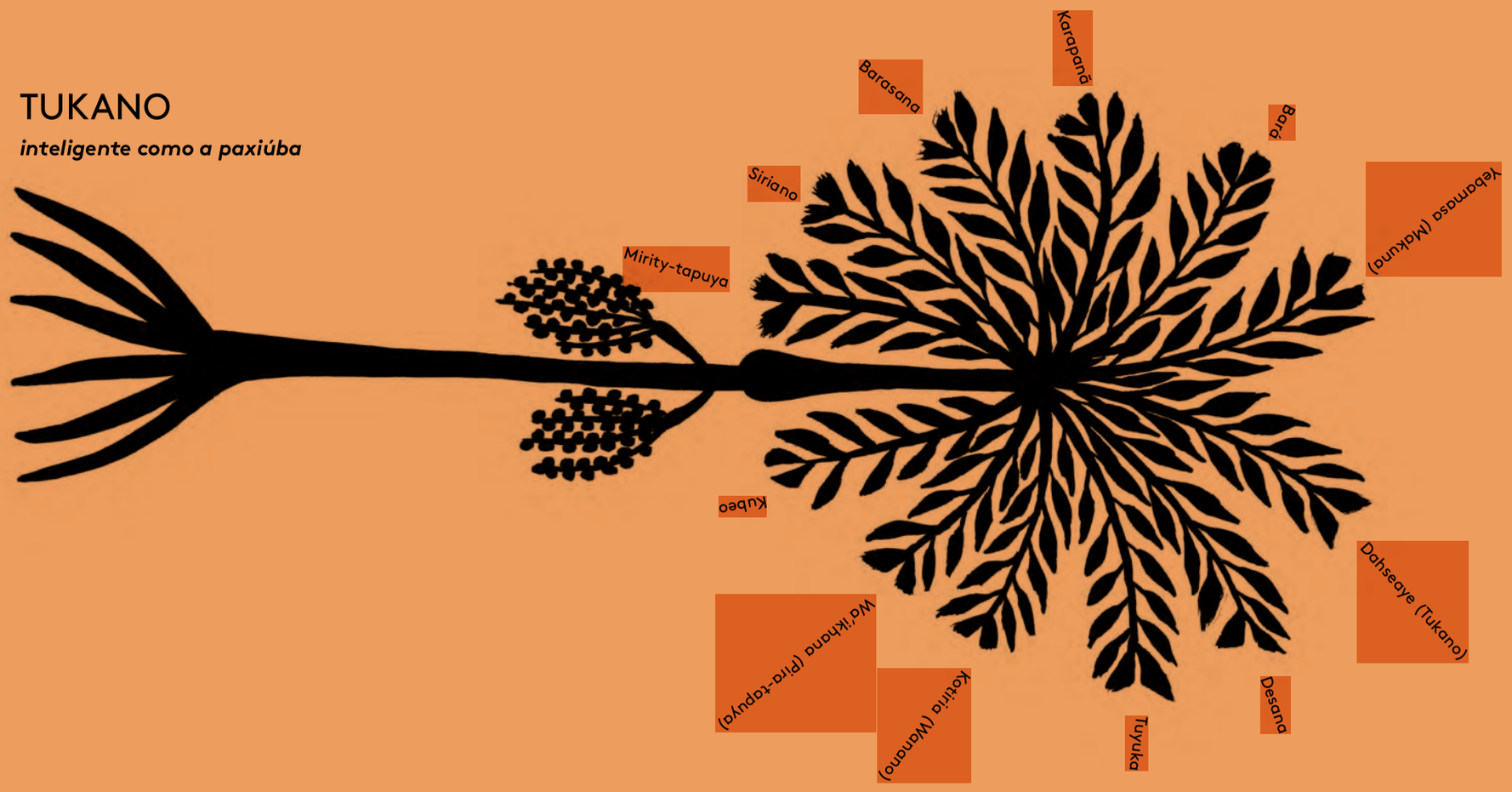
## ARUAK

***resistente como a copaíba***




## TUKANO

***inteligente como a paxiúba***



MURA

***certeira como a taboca***

Pirahã

TIKUNA-YURI

***bonita como o tururi***

Magüta (Tikuna)

GUAIKURU

***tenaz como a macaúba***

Ejiwajegi (Kadiwéu)

# ARAWÁ

***generosa como o patauá***

# TXAPAKURA

***elegante como o jenipapo***

## NADUHUP

***sábia como a coca***

Nadëb

Hup

Dãw

Yuhup

## BORORO

***farta como o jatobá***

Boe (Bororo)

Umutina

## YANOMAMI

***visionária como a virola***

Yãroamë

Yanomamɨ

Yãnomɔ

Sanöma

Yanomam

Ninam

## CHARRUA

***altiva como a araucária***

Ipi (Charrua)

## NAMBIKWARA

***potente como o tabaco***

Nambikwara do Norte

Sabanê

Nambikwara do Sul

## KATUKINA

***elevada como a pupunha***

Tükuna (Katukina do Rio Biá)

Tukuna koni (Kanamari)

Tsohom-dyapa

LÍNGUAS ISOLADAS

MỸKY-MANOKI

*suave como o algodão*

GUATÓ

*imponente como o acuri*

KWAZÁ

*generosa como o milho*

ARUTANI

*esperta como o cipó*

YAATHE

*perseverante como o ouricuri*

KANOÉ

*substanciosa como a mandioca-brava*

AIKANÃ

*colorida como o urucum*

TRUMAI

*nobre como o buriti*

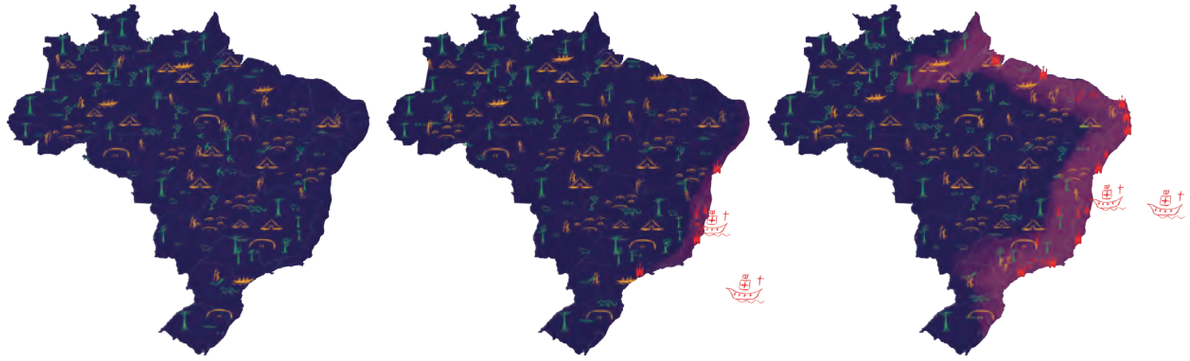
LÍNGUAS DE SINAIS

*belas como o cajueiro*

LÍNGUAS DE CONTATO

*ardentes como a pimenta*

# RESISTÊNCIA INDÍGENA*



**1498 [séc. XV]**
Cerca de 1000 línguas
indígenas faladas

**1556 [séc. XVI]**
Cerca de 916 línguas
indígenas faladas

**1655 [séc. XVII]**
Cerca de 768 línguas
indígenas faladas

Nossa história não começa em 1500. Aqui não houve descobrimento, mas invasão. A formação do Brasil é marcada pelo esbulho dos territórios e pelo genocídio das populações originárias. Hoje, após mais de cinco séculos de resistência indígena, essas histórias não podem mais ser silenciadas.

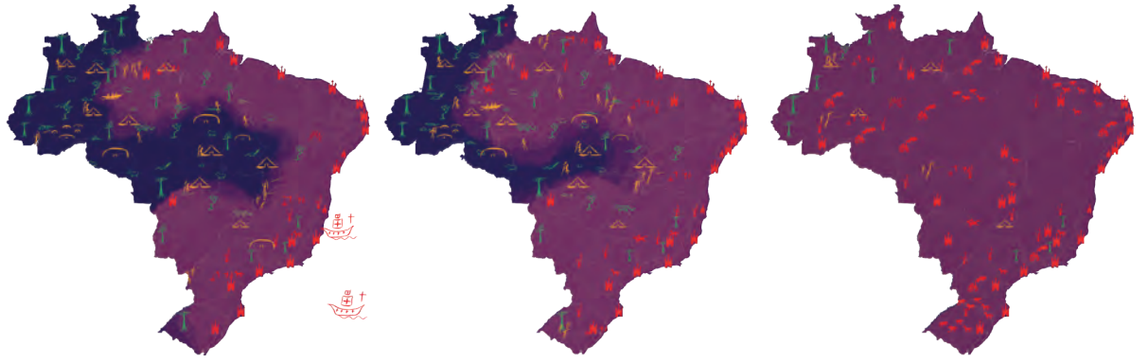
Antes da grande invasão dos europeus já viviam nesta terra mais de mil povos, com suas culturas ricas e diversas. Desde então, incessantes guerras e conflitos vêm dizimando a população indígena. Os povos originários resistiram e resistem diariamente a toda violência, lutam pela garantia de seus direitos e pelo reconhecimento de seus territórios, que preservam a natureza e grande parte da biodiversidade no planeta.

É preciso impedir novos massacres e cuidar das próximas gerações – demarcar as Terras Indígenas, proteger esses territórios, combater o garimpo e o desmatamento e fortalecer as línguas e culturas dos povos indígenas é defender a vida.

***Resistência Indígena***

ESTÚDIO BIJARI. ILUSTRAÇÕES: DAIARA TUKANO
Roteiro: Marcelo Macca e Daiara Tukano; pesquisa: Gustavo de Godoy e Silva.
Animação. Brasil, 2022

* Dada a ausência de dados sobre o tema, os números de línguas são estimativas, portanto, sujeitos à imprecisão.



**1793 [séc. XVIII]**
Cerca de 561 línguas
indígenas faladas

**1856 [séc. XIX]**
Cerca de 440 línguas
indígenas faladas

**2000 [séc. XX]**
Cerca de 201 línguas
indígenas faladas

**SÉCULO XVI**

**Guerra aos Tamoios, 1562–67**
De São Paulo ao Rio de Janeiro

**Guerra aos Potiguara, 1586–89**
Rio Grande do Norte

**SÉCULO XVII**

**Guerra dos Bárbaros, 1676–92**
Do Recôncavo Baiano ao Rio Grande do Norte e o Piauí

**SÉCULO XVIII**

**Guerra aos Manaós, 1723–28**
Norte do Amazonas e Roraima

**Guerra aos Guaikuru e Paiaguá, 1725–91**
Mato Grosso do Sul e região de fronteira

**Guerra Guaranítica, 1753–56**
Noroeste do Rio Grande do Sul e região de fronteira

**SÉCULO XIX**

**Cabanagem, 1835-40**
Pará

**Guerra do Paraguai, 1864–70**
Fronteira Brasil-Paraguai

**SÉCULO XX**

**Guerra aos Kaingang, 1864–1924**
Oeste de São Paulo e norte do Paraná

**Massacres e escravização no ciclo da Borracha, 1879–1912**
Amazônia

**Ataques aos Xokleng, 1890–1925**
Santa Catarina

**Massacre dos Cinta-Larga, 1963**
Rondônia e Mato Grosso

**Conflitos durante a construção de rodovias na Amazônia (Transamazônica, Perimetral Norte e Cuiabá-Santarém), déc. de 1970**

**Ataques aos Kinja (Waimiri Atroari), 1974–83**
Roraima e Amazonas

**Massacre de Haximu, 1993**
Terra Indígena Yanomami, Roraima

**Massacre dos Guarani-Kaiowá, 1895 até hoje**
Mato Grosso do Sul

**Invasão garimpeira na Terra Indígena Munduruku, 2016 até hoje**
Sudoeste do Pará

**Invasão garimpeira na Terra Indígena Yanomami, 2010 até hoje**
Amazonas e Roraima

**Luta contra o Marco Temporal e o desmonte das políticas indigenistas, 2016 até hoje**

**Cerco aos povos isolados, não contatados.**

ENCONTRO
DE LÍNGUAS
LÍNGUAS
DE CONTATO
FAMÍLIAS LINGUÍSTICAS FALADAS
EM TERRAS INDÍGENAS
RECONHECIDAS NO BRASIL

# NHE'ENGA MA'ENDUARA

Îabi’õ nhe’enga o-î-é i-‘ara-kûaba, i-ekoaba-mombe’ú-ikobé-supe. Nhe’enga-etá bé abá-anama-etá îepi akûeîme Pindora’-me, ko’yra-Brasil-pe y-tyb, a’e nhembo’esaba n’-o-aîpó-mbo’e-ĩ. Nhembo’esaba n’o-retam’-bu’ama-mbo’e-ĩ, é retama-aso-îaboka y-tyb. Asé o-papar 1000 abá-anama 1500 îanondé y-tyb; 2022-pe 305 abá-anama bé 175 nhe’enga y-tyb.

Marana i ikobé-ekoaba abá-karaíba-pa’-ũme kûesé bé kori, karaíba oîepé-’ara-sepîaka, oiepé-nhe’enga, oîepé-yby-kûaba o-î-ekomonhanga-reme. A’e o-î-mo-kanhém mba’e etá bé ko’yré nhe’enga-pykabo-resé, itáîub’-ekatu-resé, aíba-morubixa’-resé, abá-ekoaba-supé moeté-e’yma-resé, abá-nhe’enga o-îepotabē-kanhém-ypype.

Marã-pe asé o-papar nhe’eng-etá-etá-kanhema? Nhe’em’-ganhema i ‘ara-paba. Ikó mba’e o-y-tyb êpé, oró-îkó-mboryb, popyatãbo; asé o-îkó-mba’e-mboryb! Ekotebē korite’ĩ o-ŷ-tyb: asé o-î-moanga-be erekó abá-karaí’-pa’ũme. Ko’yté, abá-pe o-î-mbo’e-katu-eté amõ?

Ypy-asaba: asé o-î-kûab abá-anama n-o-îkó-ramo-ĩ mokoîa bé mosapyra ikó-be, é ypy; a’e riré, asé o-î-kûab i-eko’é-mombe’u-ma’enduara-supé, apó-bē-bo îandé-erekó pitã’-pitang’-ikobé-katu.

[Tradução para o Tupi-Antigo: Ricardo Tupiniquim Ramos]



# LÍNGUA É MEMÓRIA

Cada língua expressa uma compreensão de mundo, uma forma própria de narrar as experiências de vida. Neste território que veio a se chamar Brasil, sempre existiu uma diversidade de línguas e povos, mas isso nunca foi ensinado nas escolas. Estima-se que, antes de 1500, havia mais de mil povos indígenas, e hoje restam cerca de 305, que mantêm vivas mais de 175 línguas.

As relações entre os povos indígenas e os colonizadores europeus foram permeadas por uma dinâmica de violência evidente que se desenvolveu durante séculos pela imposição de uma única visão mundo, de uma única língua e de uma única noção de território. Nesse processo, muito se perdeu, e mesmo hoje, por causa da pressão da língua nacional hegemônica, do domínio socioeconômico e político, do desrespeito aos direitos humanos e às liberdades fundamentais, as línguas indígenas continuam em risco de desaparecimento.

Como dimensionar a morte de centenas de línguas? A perda de uma língua é o fim de um mundo. Essa violência, que nunca foi aceitável, mas persiste, não pode mais ser tolerada. É urgente repensar essas relações. Afinal de contas, quem civiliza quem?

É fundamental entendermos os povos originários como protagonistas, não mais como coadjuvantes da história, e nos sensibilizar com as memórias presentes em suas diferentes narrativas, reconstruindo nossas relações de vida para o bem-estar das futuras gerações.

# MEMÓRIA E TESTEMUNHO

As pinturas, os petróglifos e outros objetos elaborados pelos povos que viveram há mais de 12 mil anos no atual território brasileiro são testemunhos da riqueza e da complexidade das civilizações originárias: revelam antigos modos de existência e relação de mundo. De sua presença ecoam as memórias que séculos de colonização tentaram apagar, trazendo o alento do que pode ser reconstruído. Quem fala por nós antes de 1500?

***Pamürimasa, Espíritos da Transformação – Janete Maia Martins Lana***

PAULO DESANA
Fotografia
Brasil, 2021

Artesã tariana com grafismos dos povos do Alto Rio Negro (AM) cuja simbologia remete à Cobra-Canoa da Transformação e ao surgimento da humanidade.

**Muiraquitã em formato de batráquio**

Lítico
1 × 2,5 × 4 cm
Brasil, 900–500 AP: Antes do Presente

**Confeccionados pelos povos do baixo Amazonas, os muiraquitãs feitos com pedra verde e usados como pingentes ou adornos eram considerados amuletos poderosos.**

Acervo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo

**Zoólito em formato de ave com as asas abertas**

Lítico 8 × 19 × 29 cm
Brasil, 5000–1000 AP

**Muitos artefatos líticos com formato de animal eram usados como pilão ou recipiente para colocar substâncias medicinais utilizadas em rituais, como o paricá.**

Coleção Paixão /Acervo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo

**Parque Nacional da Serra da Capivara**

CC BY-SA 4.0
Fotografia. Piauí, Brasil, s/d.

**Pinturas rupestres feitas entre 6 e 15 mil anos atrás são vestígios da presença humana no continente.**

**Petróglifos na Cachoeira de Iauaretê**

SÔNIA LORENZ
Instituto Socioambiental ISA
Fotografia. Alto Rio Uaupés, Amazonas, Brasil, 2003

**Importantes referências nas narrativas de origem dos povos indígenas do Alto Rio Negro, os petróglifos evidenciam a antiguidade de sua ocupação na região.**

# ENCONTRO DE LÍNGUAS

A necessidade de comunicação é fruto do encontro. Os chamados "língua" foram os primeiros intérpretes enviados às colônias para aprender as línguas originárias. Ao mesmo tempo, os indígenas também tinham seus tradutores – a exemplo de Hans Staden e do cacique Cunhambebe, cujos diálogos marcam os primeiros relatos sobre o Brasil. Nesses primeiros encontros entre culturas, o imaginário ocidental sobre os povos indígenas foi se construindo a partir do estranhamento e da desumanização: classificando-os como "selvagens", "bárbaros" e "canibais".

"(...) No lábio inferior, eles têm um furo grande, desde a juventude. Quando são ainda jovens, perfuram o lábio com uma ponta de chifre de cervo, colocam no furo uma pedrinha ou pedaços de madeira e untam-no com um de seus unguentos. O pequeno furo permanece aberto assim. Depois, quando ficam maiores ou capazes de feitos de bravura, a abertura é aumentada e o jovem coloca através dela uma grande pedra verde. A parte superior da pedra, que tem uma forma especial, mais estreita, fica voltada para dentro e a parte grossa para fora. Seu peso faz o lábio inferior pender para baixo o tempo todo. Também usam duas pedras pequenas atravessadas nas bochechas, nos dois lados da boca."

Hans Staden, 1548-1555. [Extraído de *A verdadeira história dos selvagens, nus, ferozes devoradores de homens*, de Hans Staden. Rio de Janeiro: Edição Dantes, 1999.]

***Jau ware sche***
**Eu sou onça**

***Retrato de Cunhambebe***

ANDRÉ THEVET
Extraído da *Cosmografia Universal*. 1575

Chefe tupinambá que liderou no século XVI, ao lado dos franceses, a resistência contra os portugueses pela manutenção de vasto território tupinambá.

Acervo Fundação Biblioteca Nacional

***Terra Brasilis***

PEDRO LOPO HOMEM, Jorge Reinel
Extraído do *Atlas Miller*. 1519

As cartas náuticas representam o conhecimento e o imaginário dos europeus sobre as terras que desconheciam e começavam a explorar e sobre seus habitantes.

Acervo Fundação Biblioteca Nacional

"Esta carta é da região do grande Brasil e, do lado ocidental, alcança as Antilhas do Rei de Castela. Quanto à sua gente, é de cor um tanto escura. Selvagem e crudelíssima, alimenta-se de carne humana. Esse mesmo povo emprega, de modo notável, o arco e as setas. Aqui [há] papagaios multicores e outras inúmeras aves e feras monstruosas. E encontram-se muitos gêneros de macacos e nasce em grande quantidade a árvore que, chamada Brasil, é considerada conveniente para tingir o vestuário com a cor púrpura."

[Legenda de caráter histórico do mapa *Terra Brasilis*. Tradução do latim para o português feita por Jaime Cortesão em 1935.]

***Cenas de Antropofagia no Brasil***

THÉODORE DE BRY
Extraído de
*Americae Tertia Pars Memorabile Provinciae Brasiliae Historiam*. 1596

**As gravuras de Théodore de Bry reelaboram ilustrações presentes no relato de Hans Staden, representando os habitantes originários como guerreiros bárbaros e antropófagos.**

**A imagem dos indígenas como canibais foi reiterada pelos viajantes europeus ao longo dos séculos XVI e XVII, alimentando práticas violentas baseadas na oposição racista entre "bárbaros" e "civilizados".**

Coleção Brasiliana Itaú

**Tembetás**

Quartzo branco
2 × 3 cm, Ø 1 cm.
Brasil, s/d

Lítico 5 × 3 cm,
Ø 2,5 cm. Brasil,
s/d

**Adornos labiais usados por vários povos indígenas. Introduzidos no lábio inferior furado, são associados a ritos de passagem à maturidade.**

Acervo Museu
de Arqueologia
e Etnologia da
Universidade de São
Paulo

# LÍNGUAS GERAIS, FERRAMENTAS COLONIAIS

No início da colonização no Brasil, os portugueses perceberam que uma língua indígena se destacava por ser falada em toda a costa por diversos povos, como os Tupinambá, Tupiniquim, Tabajara e Potiguara. Chamada de "Tupi", tornou-se um instrumento central para a catequização e o aldeamento forçados dos povos indígenas. A partir do uso disseminado entre indígenas e portugueses, essa língua Tupi-Guarani foi sendo transformada, dando origem às línguas gerais paulista e amazônica (Nheengatu) que, durante os primeiros trezentos anos, foram as mais utilizadas na colônia. O Nheengatu é falado ainda hoje no norte do país.

***Aratinga Luteus S. Guarouba, teb. XIV.***

JOHANN BAPTIST VON SPIX
Extraído de *Avium species novae, quas in itinere per Brasiliam annis*, tomo 1, 1824

Os nomes científicos e populares da fauna e flora no Brasil evidenciam a forte influência de línguas Tupi no português. A maioria dos nomes de ave, por exemplo, é de origem tupinambá.

Acervo Biblioteca Brasiliana Guita e José Mindlin–USP

ARTE DE GRAM-
MATICA DA LINGOA
mais vſada na coſta do Braſil.
pelo padre Ioſeph de Anchieta da Cõpanhia de
IESV.
IHS
DOMINI NOMEN TVRRIS FORTISSIMA
Com licença do Ordinario & do Prepoſito geral
da Companhia de IESV.
Em Coimbra per Antonio de Mariz. 1595.

***Arte da Gramática da língua mais usada na costa do Brasil***

JOSÉ DE ANCHIETA
1595

O jesuíta José Anchieta é o autor da primeira gramática da língua Tupi, instrumento central para a catequese indígena.

"A língua de que usam, toda pela costa, é uma: ainda que em certos vocábulos difere nalgumas partes; mas não de maneira que se deixem uns aos outros de entender: e isto até altura de vinte e sete grãos, que daí por diante há outra gentilidade, de que nós não temos tanta notícia, que falam já outra língua diferente.

Esta de que trato, que é a geral pela costa, é mui branda, e a qualquer nação fácil de tomar. Alguns vocábulos há nela de que não usam senão as fêmeas, e outros que não servem senão para os machos: carece de três letras, convém a saber, não se acha nela F, nem L, nem R, cousa digna de espanto porque assim não têm Fé, nem Lei, nem Rei, e desta maneira vivem desordenadamente sem terem, além disso conta, nem peso, nem medido."

Pero de Magalhães Gândavo, 1576. [Extraído de *História da Provincia Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil* (1576), capítulo 10 – "Do Gentio que há nesta Província, da condição e costumes dele, e de como se governam na paz".]

Bernardelli, s.d.

***A Catequização, reescritura sob perspect-ativismo***

DENILSON BANIWA
Impressão digital
Rasura a nanquim sobre ilustração de Bernardelli, 2020

As intervenções do artista tematizam os primeiros séculos da colonização e explicitam a longa duração da violência contra os povos originários.

(...) Sasyeté ã ixébe ma’eaíba pe remimonhangûera resé kó marana, pe raûsubare’yma. Marãnamo, kó yby poretéramo pe rekóreme, amarãmonhangype oré gûasembaba ri?

Na saûsubarypyramo ruã sekóû? Ma’ẽtepe é mokõî ygûã maramonhangápe? Oré resé omaramonhãba’e, apŷabaíba pitikoara, kanhẽmbabi Serinha’ẽme.

Apŷabaíba pytybõsara opakatu i kanhemi kûesé akỹ maramonhangápe. Apŷabaíba irũnamo o a’o resé omaramonhãba’epûera, opakatu i kanhemi oré suí. N’onheme’engi îeí ãgûa supé quartel. Marãnamo, kó yby poretéramo ãgûa rekóreme?

(...) Esta guerra é muito dolorosa para mim, por causa das coisas más que vocês fizeram, e eu não tenho pena de vocês.

Por que faço guerra com gente de nosso sangue, se vocês são os verdadeiros habitantes desta terra? Será que falta compaixão para com nossa gente? Ora, já duas vezes em luta?

Os homens maus, potiguaras que lutavam contra nós, morreram todos em Serinhaém. Todos os que ajudavam os homens maus morreram na batalha ontem, lamentavelmente. Os que lutaram com os homens maus para sua própria desonra, todos eles pereceram por nossas mãos. Hoje não se poupou a vida deles. Por que isso se eles são os habitantes verdadeiros desta terra?

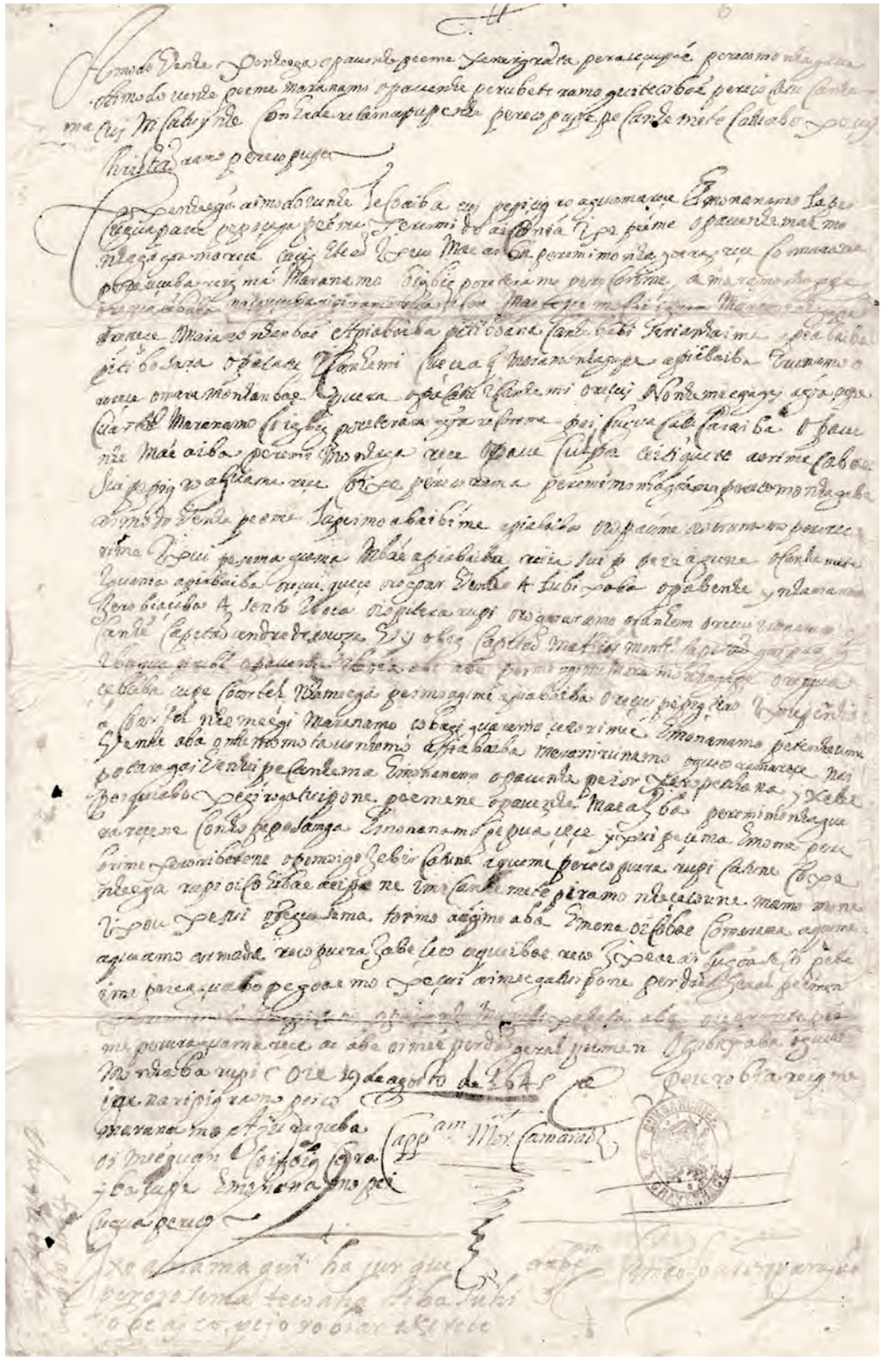
Felipe Camarão, 19 de agosto, 1645. [Trecho de carta transcrita e traduzida por Eduardo Navarro publicada em “Transcrição e tradução integral anotada das cartas dos Índios Camarões, de 1645, em Tupi Antigo” pelo *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, Ciências Humanas, vol. 17, número 3, 2022.]

**Carta de Felipe Camarão a Pedro Poti**

1645

Um dos únicos textos de que temos conhecimento escritos em Tupi por indígenas em tempos coloniais, detalha a guerra entre portugueses e holandeses e seus aliados indígenas.

Acervo Real Biblioteca da Holanda



# LÍNGUAS PERIGOSAS

Perseguir as línguas indígenas foi um modo eficaz de fragilizar os povos e deslegitimar sua ocupação territorial. Muitos deixaram de falar a própria língua em decorrência da ameaça física que isso representava desde o período colonial. O castigo para quem se recusasse a aprender o português era a censura, o espancamento e até a morte. A imposição de uma única língua é a expressão de um conceito de nação fundado na exclusão do diferente, que deve ser integrado à sociedade dominante. Não à toa, o português é, para muitos povos originários, uma língua perigosa.

**Depoimento de Davi Kopenawa, xamã e liderança do povo Yanomami**

DIREÇÃO: FELIPE HIRSCH
produção: Café Royal; realização: Sesc
Vídeo "Nossa Pátria Está Onde Somos Amados". Brasil, 2022

***Vocês surgiram do outro lado da grande água, é de lá que veio a língua dos portugueses. Esta imensa terra-floresta não conhecia a língua portuguesa. Falávamos apenas a nossa própria língua. (...) No passado, nos locais onde chegaram os seus antepassados, ninguém os entendia, sendo que eram gente estranha nascida em outras terras distantes que decidiram vir para cá por conta de uma árvore a qual chamaram de pau-brasil. Por conta disso, deram o nome de Brasil para esta terra. Estou contando isso em minha própria língua para que ouçam a verdadeira língua deste habitante da floresta. A língua de vocês é doce e, mesmo com esta aparente doçura, ela é como uma epidemia. Soa desta forma. Vocês falam bonito, ela tem um som agradável, mas por quererem acabar com a nossa voz, a língua de vocês também foi ensinada a outros povos: "Aprendam a minha língua portuguesa! Se os povos da floresta aprenderem, nós, brancos, portugueses, poderemos entendê-los! Poderemos conversar com vocês!" E por ser assim o discurso de vocês, a língua portuguesa é perigosa, é uma língua hostil, como se fosse uma gilete muito afiada. (...) A língua portuguesa pode ser útil, mas deixa os nossos pensamentos e a nossa boca tomados pelo esquecimento. Assim deixaremos de falar a língua da floresta, acabarão os diálogos de convite, as curas xamânicas, os cantos.***

***Carta ao Velho Mundo***

JAIDER ESBELL
Fac-símile da página 139 de livro-objeto, acrílica sobre impressão off-set, 37,5 × 27,7 × 3,7 cm
Brasil, 2018–2019

Coleção do Musée National d'Art Moderne/Centre Pompidou © Jaider Esbell Estate

"Sempre foi máxima inalteravelmente praticada em todas as Nações que conquistaram novos Domínios introduzir logo nos povos conquistados o seu próprio idioma, por ser indisputável, que este é um dos meios mais eficazes para desterrar dos Povos rústicos a barbaridade dos seus antigos costumes (...). Observando, pois, todas as Nações polidas do Mundo, este prudente, e sólido sistema, nesta Conquista se praticou tanto pelo contrário, que só cuidaram os primeiros Conquistadores estabelecer nela o uso da Língua, que chamaram geral; invenção verdadeiramente abominável, e diabólica (...), para que privados os Índios de todos aqueles meios, que os podiam civilizar, permanecessem na rústica, e bárbara sujeição, em que até agora se conservavam. Para desterrar esse perniciosíssimo abuso, será um dos principais cuidados dos Diretores estabelecer nas suas respectivas Povoações o uso da Língua Portuguesa, não consentindo por modo algum, que (...) usem da língua própria das suas Nações, ou da chamada geral; mas unicamente da Portuguesa (...)."

Marquês de Pombal, 1757.
[Extraído de *Diretório* do Índios, lei tornada pública em 1757, por Dom José I, rei de Portugal. ]

# GUERRAS NO BRASIL

O esbulho territorial contra os povos originários se deu por meio de guerras, legislações e violações que datam desde o século XVI. A história brasileira continua omitindo a violência contra os povos indígenas, como a escravidão e o genocídio, além das lutas de resistência desses povos. Nos dias atuais, a batalha é para refutar a tese jurídica do marco temporal, proposta que só reconhece como Terras Indígenas aquelas que já estivessem ocupadas por seus povos em 1988, ano da promulgação da Constituição. Assim, o direito originário à terra seria negado aos povos expulsos de seus territórios antes dessa data.

***Demarcação Já***

LABLUXZ_/MNI
Paulo Fluxuz,
Diogo Terra,
Guilherme Minoti,
José Moreau
e Mobilização
Nacional
Indígena
Fotografia. Brasília,
Distrito Federal,
Brasil, 2018

Projeção a laser no Congresso Nacional no encerramento do Acampamento Terra Livre (ATL) de 2018, a maior mobilização indígena do país.

**Sepé Tiaraju**

JOVANIR
MEDEIROS
MIRANDA
Fotografia do
Memorial da
Epopeia Rio-
Grandense
Missioneira e
Farroupilha de
Danúbio Gonçalves.
Brasil, 2022

**SEPÉ TIARAJU**

Foi uma importante liderança guarani que conduziu inúmeras revoltas contra os exércitos portugueses e espanhóis no século XVIII. A resistência indígena em Sete Povos das Missões, nome dado ao conjunto de sete missões jesuíticas fundadas por religiosos espanhóis em territórios guarani – hoje, Rio Grande do Sul, Brasil –, durou alguns anos até Sepé ser assassinado em 1756.

Sua morte desencadeou novos movimentos de luta pela desocupação dos territórios guarani em Sete Povos das Missões, desafiando o Tratado de Madrid (1750), firmado entre Portugal e Espanha, que buscava definir os limites entre as colônias sul-americanas e dar fim às disputas entre as duas coroas.

***Esta terra tem dono!***

A frase enunciada há séculos por Sepé Tiaraju ainda é um mote dos povos indígenas no Brasil na luta por seus direitos territoriais.

**CARTA RÉGIA**
**DE 13 DE MAIO DE 1808,**
**Palácio do Rio de Janeiro.**

"Manda fazer guerra aos índios Botocudos. (...) [D]eveis considerar como principiada contra estes Indios antropophagos uma guerra offensiva que continuareis sempre em todos os annos nas estações seccas e que não terá fim, senão quando tiverdes a felicidade de vos senhorear de suas habitações e de os capacitar da superioridade das minhas reaes armas de maneira tal que movidos do justo terror das mesmas, peçam a paz e sujeitando-se ao doce jugo das leis e promettendo viver em sociedade, possam vir a ser vassallos uteis, como ja o são as immensas variedades de Indios que nestes meus vastos Estados do Brazil se acham aldeados e gozam da felicidade que é consequencia necessaria do estado social: (...) ordeno-vos que façais distribuir em seis districtos, ou partes, todo o terreno infestado pelos Indios Botocudos, nomeando seis Commandantes (...) a [quem] ficará livre escolher os soldados (...) para formarem diversas Bandeiras (...) e concertando entre si o plano mais proficuo para a total reducção de uma semelhante e atroz raça antrophopaga. (...) Que sejam considerados como prisioneiros de guerra todos os Indios Botocudos que se tomarem com as armas na mão em qualquer ataque; e que sejam entregues para o serviço do respectivo Commandante por dez annos, e todo o mais tempo em que durar sua ferocidade, podendo elle empregal-os em seu serviço particular durante esse tempo e conserval-os com a devida segurança, mesmo em ferros, emquanto não derem provas do abandono de sua atrocidade e antropophagia(...)."

***Soldados indígenas da província de Curitiba escoltando selvagens***

JEAN-BAPTISTE DEBRET
1834

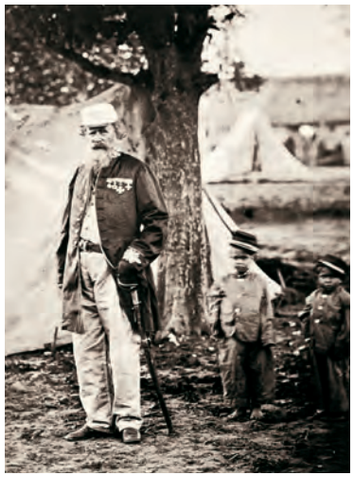
Acervo Biblioteca Brasiliana Guita e José Mindlin-USP

**Oficial do Exército Brasileiro com crianças-soldado capturadas na Guerra do Paraguai**

CARLOS CÉSAR
Fotografia. 1870

A violência sofrida por indígenas na Guerra do Paraguai (1864-1870) é pouco conhecida. Muitos Guarani, inclusive crianças, foram obrigados a lutar como soldados.

Acervo Coleção Princesa Isabel. Gentilmente cedida pela Editora Capivara



**Incêndios criminosos e resistência Guarani e Kaiowá**

KUNHANGUE ATY GUASU – MULHERES GUARANI E KAIOWÁ
**depoimento: Rosicleide Vilhalva Kaiowá; gravação: Tonico Benites**
Vídeos e fotografias. Mato Grosso do Sul, Brasil, 2021-2022

***Nós, como linha de frente, e também os rezadores e familiares, estamos sendo ameaçados e atacados todos os dias. Hoje mais uma casa está virando cinza, não somente a casa de reza, mas também a vida das lideranças, dos rezadores e das crianças que frequentam a casa. A ameaça e a vulnerabilidade no interior da tekoha [aldeia] não estão sendo vistas pela justiça, e hoje estamos denunciando, porque há vida inocente em perigo, vida de criança, vida de rezador. Em nenhum momento escutamos rezador ameaçando a vida de outras pessoas, mas a vida dos rezadores e dos que cuidam dos rezadores está ameaçada. A nossa vida está em risco. Nós estamos pedindo socorro. (...) Estamos sendo atacados em nosso próprio território, e ninguém está fazendo nada.***

**Rosicleide Vilhalva Kaiowá,** integrante da organização Kunhangue Aty Guasu – Mulheres Guarani e Kaiowá.
[Trecho de depoimento registrado em Tekoha Rancho Jacaré, 20 de outubro de 2021.]

# ENTRE A BORRACHA E A CRUZ

Em diversos momentos da história, interesses econômicos dos Estados nacionais atropelaram os direitos indígenas. Na virada do século XX, com o *boom* da borracha, muitos territórios indígenas foram invadidos. Nesse período, o governo brasileiro desenvolveu políticas voltadas à tutela e à "integração" dos indígenas, considerados "relativamente incapazes", como a implementação de internatos missionários. Crianças foram separadas da família, proibidas de falar a própria língua e forçadas a trabalhos braçais. Os religiosos perseguiram pajés, proibiram rituais e destruíram objetos sagrados em nome da "civilização".

**Internato salesiano**

Fotografia. São Gabriel da Cachoeira, Amazonas, Brasil, s/d

**A vida das crianças na missão era marcada por rigor e disciplina extremos, e suas línguas eram proibidas sob pena de punição severa.**

Acervo Diocese São Gabriel da Cachoeira

**Indígena em seringal no Acre**

Fotografia. Brasil, s/d

**Povos sobreviventes de massacres organizados por seringalistas peruanos e brasileiros foram escravizados em seringais**

Acervo Fundação de Cultura Elias Mansour – Departamento de Patrimônio Histórico e Cultural FEM SER

**Indígenas escravizados na Amazônia**

Fotografia. Região do Putumayo, Peru e Colômbia, início de 1900

**A escravização indígena na região levou à morte milhares de pessoas.**

Acervo Biblioteca da Universidade de Toronto

**Palmatória, copo de cachaça, maracá e Bíblia na língua Terena**

Brasil, s/d

**A palmatória, instrumento de castigo introduzido no Brasil pelos jesuítas na colonização, foi utilizado até o século XX em internatos e escolas indígenas. A presença missionária entre os povos indígenas produziu e produz transformações. Os primeiros passos são o aprendizado da língua indígena e a tradução da Bíblia.**

Palmatória de pau-brasil coletada entre o povo Sateré Mawé (Acervo Daiara Tukano) e Maracá (Acervo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo)

***Com a chegada de gente de fora no nosso país, carregada de suas crenças e religiões, e encontrando uma diversidade de línguas e povos, a repressão foi de todas as formas. Uma das formas era a partir da religião, dizendo que as nossas falas e os nossos conhecimentos eram diabólicos, que toda cultura era diabólica e, portanto, a gente não tinha alma. A morte das línguas é a morte dos povos. A morte dos territórios também está junto desse processo. O nosso povo quase acabou lá no Alto Rio Negro. Mesmo estando distante, lá no final do Brasil, os colonizadores foram buscar os nossos chefes para levar a Belém, escravizar e acabar com os principais líderes nos séculos XVIII, XIX. Mas alguns escaparam, fugiram. Voltaram para as nossas terras e repovoaram para a gente continuar vivo até hoje. Essa colonização quebrou nossos alicerces, nossa organização social. A casa, vocês sabem, tem alicerces e, sem eles, essa casa cai. É como se fosse isso. Foi quebrada a nossa organização social, e a gente ficou totalmente sem força política, desarticulados entre nós, como povos indígenas. (...) A religião católica obrigou as pessoas a negarem as suas línguas. Vinte por cento do povo Baniwa não fala mais a língua por causa da chegada de missionários que repreenderam e castigaram as pessoas.***

**Depoimento de André Baniwa, professor, escritor e liderança do povo Baniwa.**

DIREÇÃO: FELIPE HIRSCH
produção: Café Royal; realização: Sesc
Vídeo "Nossa Pátria Está Onde Somos Amados". Brasil, 2022

***A Redenção***

DAIARA TUKANO
Acrílica sobre tela
100×100 cm, Brasil,
2022

**Padre José Domitrovich e lideranças do povo Tukano**

Fotografia. Rio Uaupés, Amazonas, Brasil, s/d

A fundação da missão salesiana em São Gabriel da Cachoeira (AM) em 1916 marca o início do aldeamento dos indígenas e da destruição dos objetos cerimoniais e das malocas, consideradas "casas do diabo".

Acervo Diocese São Gabriel da Cachoeira



## BAHSÁ BUSÁ: MAHÃPOARI AHKARO

Bahsá busá mari nisse, nissa mahãpoari ahkaró, possetirã baya mahsã na pehsase nissa. Te'é pehsarã nirõkarã mahsã nirã wesama, kihti ukuse, bahsese, bahsamori mahsirã nissama. Ahko ehtoakarã, añurõ bahsatuarã, kumurõ duhirotirã, mahsãre kapiwaya suori bahsarã nissama. Wiopehsarã mahsã na pehsase nirõwe mahãpoari.

To'o werã bayaroa diakʉ mahãpoari pehsasama posse werã. Tere pehsakarã betisama, ba'ase puõke, ba'ase ahsise, ba'ase usetise, tere ba'atisama, numiã merã nitisama, bahsenokarã nissama, mahãpoari pehsakabero doatibosa nirã.

Bahsá busá baya ku kahtiro kãse nirõ wesa. Tereta pehsa kahtiroti bahsari mahsu nigu wesami baya. Kʉ uhpu kãse nirõ wesa, kʉ kahtiroti wese nisa. To wero nirõkase nirõwe.

Poose, mahsã kurari opekõ dia karã na po'o ba'ase ni'i, yukʉ duhka posse, wai posse, waikʉrãdi posse, pehe ahpeye po'o ba'ase niburosa. Po'o ba kahpiwaya bahsarã to'o bahsaperãmeta mehta wessama. Mahsã kurari uku potã nukarã wessama, bahsese ukurã wessama. Waimahsã merã uku bahsarã wessama. Kahtiroti, ukuseti, bahsaseti wese ni'i posse.

Bahsá busá bahsamori kase nirõ we, yepamahsã ukusemerãre kahpiwaya nisama. Kahpiwaya bahsase mahsã ekatiro kase nissa, ameri uku heõpeo, bahsese uku, waimahsã merã uku potã wese nissa. Mahãpoari ni'i, dupokãpʉta mahsã kurari kiomuhãtike nirõ we. Wiopehsase ni'i te mahãpoari, wiose ni'i. Bahsekã wesama te pahsarãti nirã, doetise wari nirã. Opekõdia kãra mahsã kurari nuhkʉ mahsãpoari ahkaro kiosama. Nirõkase nirõwe, mahsã kahtirotise kãse ni'i bahsá busá.

[Tradução para o Dahseaye: Yupuri, João Paulo Lima Barreto]

## *BAHSÁ BUSÁ*: PLUMÁRIAS E ADORNOS DO POVO TUKANO (YEPAMAHSÃ)

*Bahsá busá* é um conjunto de plumárias e adornos com significados complexos usados nas festas de *poose* (Dabucuri) pelos mestres de dança mais respeitados. Quem o coloca expressa o domínio do corpus mítico e de *bahsamori* (conjunto de cantos e ritmos), o preparo corporal e da voz, o controle emocional e a maestria. É por isso que apenas o *baya* (mestre de dança) pode vesti-lo nas festas. Antes e depois de ser usado, é preciso jejuar, abster-se sexualmente e submeter-se a restrições alimentares e aos benzimentos de proteção para evitar o desequilíbrio e as doenças. *Bahsá busá* é considerado uma extensão da vida do mestre – são os elementos constitutivos do corpo e da força vital do *baya*.

*Poose* são festas de Dabucuri de frutas, peixes e caça realizadas pelos povos indígenas da região do Alto Rio Negro, sobretudo para o agradecimento pela fartura, para a comunicação com os *waimahsã* (seres que habitam os domínios aquático, terrestre e aéreo e são responsáveis por cuidar desses ambientes) e para a atualização das histórias dos povos dos tempos primordiais.

A agência de *bahsá busá* está na musicalidade conhecida pelos Yepamahsã como *kahpiwaya*. Ao cantar, o mestre cerimonial aciona alegria, harmonia e produz a pacificação entre os humanos e os *waimahsã*. A origem, o uso e os perigos de *bahsá busá* estão inscritos nas histórias de origem do mundo e dos humanos. São os bens materiais e imateriais mais importantes dos povos do Alto Rio Negro.

**João Paulo Lima Barreto**

[Doutor em antropologia social pela Universidade Federal do Amazonas e pertencente ao povo Tukano]

# COLEÇÃO DO POVO TUKANO

**Escudo cerimonial - *baátipakaro***

Cipó-titica e outros materiais 7 cm, Ø 78 cm. Rio Uaupés, Amazonas, Brasil

Coleção Irmã Catarina de Oliveira /Acervo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo

**Lança cerimonial – *yaígu***

Madeira, penas de ave e pelo de macaco 230 cm, Ø 15 cm. Amazonas, Brasil, s/d

Coleção Irmã Catarina de Oliveira /Acervo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo

**Banco cerimonial – *kumurõ***

Madeira 46×20×17 cm. Rio Uaupés, Amazonas, Brasil, s/d

Coleção General Almeida de Moura /Acervo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo

**Trocano feminino – *waí toatí***

Madeira 148 cm, Ø 62 cm. Rio Negro, Amazonas, Brasil, s/d

**Objetos como o tambor trocano e adornos cerimoniais importantes não existem mais nas comunidades. Os poucos exemplares estão em museus no Brasil e no exterior.**

Acervo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo

**Charuto - *weti mũ'rôro***

Vegetais diversos 37 cm, Ø 4 cm. Rio Uaupés, Amazonas, Brasil, s/d

Coleção Irmã Catarina de Oliveira /Acervo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo

**Forquilha do cigarro - *mũ'rôro peoro***

Madeira 71 cm. Rio Uaupés, Amazonas, Brasil, s/d

Coleção Irmã Catarina de Oliveira /Acervo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo

**Flauta – *puhtiri wo'ã***

Osso animal, carapaças e asas de besouro 21×11 cm, Ø 5 cm. Amazonas, Brasil, s/d

Coleção Irmã Catarina de Oliveira /Acervo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo

**1**
**Diadema de penas de garça – *ukapãma***

Plumas e fibra vegetal 60 × 50 cm, Ø 15 cm. Rio Negro, Amazonas, Brasil, s/d

Coleção Ana Maria Salum / Acervo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo

**2**
**Faixa frontal emplumada – *mahã poaridaa***

Curauá, plumas e penas 51 × 13 cm. Rio Uaupés, Amazonas, Brasil, s/d

Acervo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo

**3**
**Colar – *bisarida***

Fibra vegetal, carapaças e asas de besouro 23 cm, Ø 26 cm. Amazonas, Brasil, s/d

Acervo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo

**4**
**Colar – *ʉ'tabohá***

Quartzo branco e fibra vegetal 36 × 4 × 17 cm. Rio Uaupés, Amazonas, Brasil, s/d

Coleção José Bech / Acervo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo

**5**
**Colar – *hiso picari be'to***

Dentes de jacaré e fibra vegetal 3 × 40 × 30 cm. Rio Uaupés, Amazonas, Brasil, s/d

Coleção José Bech / Acervo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo.

**6**
**Maracá – *ñasaga***

Madeira, cabaça, fibra vegetal e plumas 36,5 cm, Ø 9 cm. Rio Uaupés, Amazonas, Brasil, s/d

Coleção Faculdade de Filosofia / Acervo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo

**7**
**Recipiente de tinta corporal – *üro'ña'ãgã***

Fibra vegetal e cabaça Ø 4 cm. Rio Negro, Amazonas, Brasil, s/d

Acervo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo

**8**
**Cinto – *yaí uhpikari daá***

Dentes de onça e fibra vegetal 30 × 2 cm. Rio Uaupés, Amazonas, Brasil, s/d

Coleção José Bech / Acervo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo

**9**
**Bracelete – *basâ karõda***

Penas e fibra de curauá 50 × 12 × 40 cm. Rio Uaupés, Amazonas, Brasil, s/d

Coleção José Bech / Acervo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo.

**10**
**Pote para cerimônia de ayahuasca – *kahpi tu'ü***

Cerâmica 25 cm, Ø 16 cm. Rio Uaupés, Amazonas, Brasil, s/d

Coleção José Bech / Acervo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo

**11**
**Tanga – *basawasoro***

Tururi (líber) 61 × 14,5 cm. Rio Uaupés, Amazonas, Brasil, s/d

Coleção Marechal Rondon / Acervo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo

**12**
**Trompete transverso – *uhpitʉ***

Cerâmica 15,5 cm, Ø 13 cm. Rio Uaupés, Amazonas, Brasil, s/d

Coleção José Bech / Acervo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo

**13**
**Tornozeleira**

Dentes de animal e fibra vegetal 25 × 2 cm. Rio Uaupés, Amazonas, Brasil, s/d

Coleção José Bech / Acervo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo

# QUEM CIVILIZA QUEM?

"Botocudo" foi um termo pejorativo atribuído aos povos que usavam botoques; era sinônimo de "feroz", "primitivo", "rebelde" e "inimigo". Essas terminologias foram usadas ao longo da história colonial para diminuir a humanidade desses povos e legitimar as chamadas "guerras justas", que causaram o genocídio e a expropriação de territórios indígenas. Porém, para povos como os Mẽbêngôkre (Kayapó), o botoque é um símbolo de autoridade tradicional que é carregado com honra e dignidade por suas lideranças. É expressão da responsabilidade de guiar o povo com a força da palavra.

**Cacique Raoni Metuktire e lideranças Mẽbêngôkre no Congresso Nacional**

BETO RICARDO
Instituto Socioambiental ISA
Fotografia. Brasil, 1987

Mobilização pela inclusão dos direitos indígenas na Constituição Federal durante o processo constituinte.

***Selvagem Botocuda***

JOAQUIM AYRES
Fotografia. Brasil, 1882

**Mulheres do povo Nak-Nanuk foram levadas ao Rio de Janeiro, em 1882, para a Exposição Antropológica Brasileira, evento destinado a expor objetos e pessoas consideradas "exóticas".**

Acervo Museu Etnológico de Berlim. VIII E 4182, Ethnologisches Museum, Staatliche Museen zu Berlin

**Botoques do povo Khĩsêtjê**

Madeira 2×7×8 cm; 2,5×8 cm. Mato Grosso, Brasil s/d

**Discos labiais usados por povos de línguas Jê. O adorno masculino é associado à importância da oratória e dos cantos entre os Khĩsêtjê.**

Acervo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo

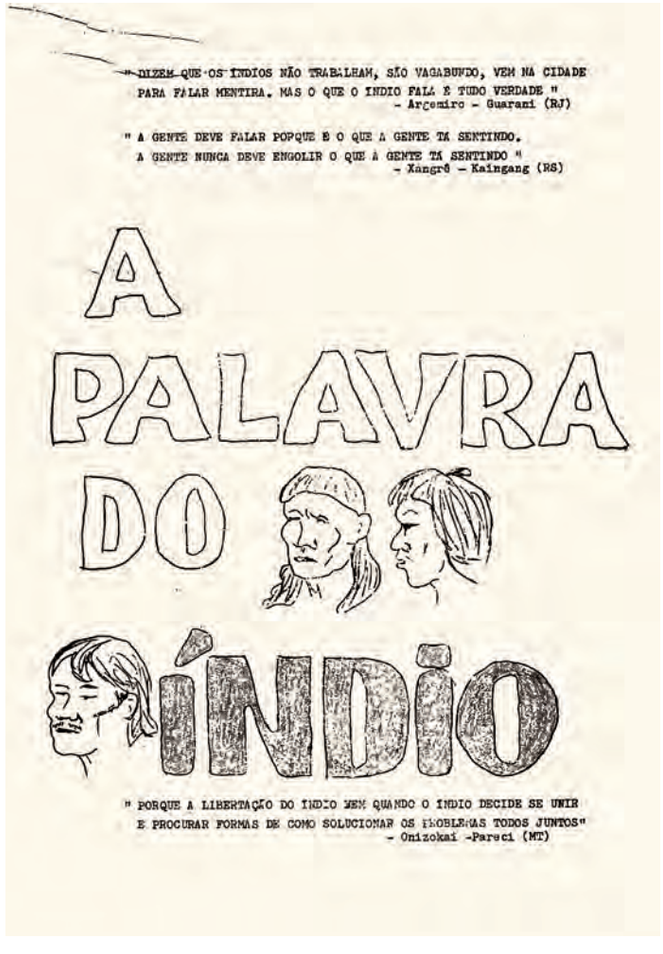
***Indígenas Botocudos***

MARC FERREZ
Fotografia. Salvador, Brasil, 1876

Coleção Gilberto Ferrez/Acervo Instituto Moreira Salles

# TEMPO DOS DIREITOS

A Constituição de 1988 é um marco da redemocratização do Brasil e da conquista dos direitos indígenas. A inclusão de um capítulo dedicado aos povos originários é fruto da articulação nacional protagonizada por lideranças indígenas de todo o país em reação às violências históricas sofridas por esses povos. A luta pelos direitos indígenas continua custando muitas vidas e, até hoje, o desafio é fazer com que sejam garantidos na prática, e as políticas públicas, implementadas de fato.


" DIZEM QUE OS ÍNDIOS NÃO TRABALHAM, SÃO VAGABUNDO, VEM NA CIDADE PARA FALAR MENTIRA. MAS O QUE O INDIO FALA É TUDO VERDADE "
- Arçomiro - Guarani (RJ)

" A GENTE DEVE FALAR PORQUE É O QUE A GENTE TÁ SENTINDO.
A GENTE NUNCA DEVE ENGOLIR O QUE A GENTE TÁ SENTINDO "
- Xangrê - Kaingang (RS)

A PALAVRA DO ÍNDIO

" PORQUE A LIBERTAÇÃO DO INDIO VEM QUANDO O INDIO DECIDE SE UNIR E PROCURAR FORMAS DE COMO SOLUCIONAR OS PROBLEMAS TODOS JUNTOS"
- Onizokai -Pareci (MT)

***Jornal A Palavra do Índio***

Xanxerê, Santa Catarina, Brasil, 1979

Acervo Armazém da Memória



***Arara***

JESCO VON PUTTKAMER
Vídeo. Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil, 1970

26'

Acervo PUC Goiás / IGPA

## REPARAR É DEMARCAR

Todos temos o direito à memória e à verdade sobre crimes cometidos pelos Estados nacionais, a exemplo da ditadura militar no Brasil (1964-85). O reconhecimento das graves violações cometidas pelo Estado brasileiro contra os povos indígenas visa não somente informar sobre o passado, mas apontar as violências que se perpetuam na atualidade e fomentar a construção de políticas públicas como formas de justiça e reparação.

O governo brasileiro, por meio da Comissão Nacional da Verdade (CNV), assumiu sua responsabilidade, por ação direta ou omissão, pelo esbulho das Terras Indígenas ocupadas ilegalmente durante a ditadura militar e pelas violações aos direitos indígenas. O relatório da CNV, baseado em uma investigação sobre apenas dez povos, verificou que ao menos 8 350 indígenas foram mortos em massacres e comprovou inúmeras tentativas de extermínio, remoções forçadas, contágio por doenças infectocontagiosas, prisões, torturas e maus-tratos. A negação dos direitos territoriais continua sendo a maior violência contra os povos indígenas.

Em 5 de fevereiro de 1970, em plena ditadura civil-militar, ocorreu no quartel do Batalhão-Escola Voluntários da Pátria da Polícia Militar de Minas Gerais (Brasil) a festa de formatura da primeira turma da Guarda Rural Indígena (GRIN). Criada um ano antes, a Guarda, formada por 84 indígenas recrutados em aldeias dos povos Xerente, Tikmũũn (Maxakali), Karajá, Krahô e Gavião, tinha a missão de "executar o policiamento ostensivo das áreas reservadas aos silvícolas". No desfile, acompanhado por uma plateia de militares, políticos e populares, entre os quais havia muitas crianças, a guarda fardada marchou e fez demonstrações dos ensinamentos recebidos em sua formação: eram métodos de defesa pessoal, de captura e condução de presos, além de, ostensivamente, cenas de torturas.

[As cenas do desfile, registradas por Jesco von Puttkamer, ficaram guardadas por décadas e só recentemente vieram a público por meio da Comissão Nacional da Verdade, cujos trabalhos de responsabilização e reparação dos crimes da ditadura incluíram os crimes do Estado contra os povos indígenas. A exposição dessas chocantes imagens evidenciou, mais uma vez, a institucionalização da tortura como política de Estado durante o regime militar.]

ENTREVISTA

# UNI

## Por uma nova política indigenista

A União das Nações Indigenas (UNI) é uma tentativa de reunificar uma população de 200 mil pessoas, divididas em 180 nações e falando 160 línguas diferentes, que nos últimos anos foi vitima do genocídio praticado pela politica indigenista oficial, executada pela FUNAI. Liderada por uma imensa maioria de jovens índios, a UNI quer mudar este quadro, recuperando a identidade das nações indígenas, ver suas terras demarcadas e participar da próxima Constituição Brasileira. O Jornal SEM TERRA ouviu duas lideranças da Coordenação Nacional da UNI: Ailton Krenak, do Vale do Rio Doce, Minas Gerais e Álvaro Tucano, do Alto Rio Negro, Amazonas. Eles falaram sobre esta realidadc.

**ST — A UNI tinha ou tem esperanças na "Nova República?"**
Krenak — Nunca tivemos a ingenuidade de acreditar que este governo seria mais sensível aos nossos problemas. A diferença é que com este dá para falar. Nos governos passados, nem recebiam a gente. Mas nós sempre tivemos que forçar a barra em qualquer governo: ruim, menos ruim,etc. ...Castello Branco não resolveu o nosso problema, Figueiredo também e Sarney não está resolvendo nada. Então, para nós, não há diferença entre a "velha" e a "Nova República".

**ST — Mudou o relacionamento com a FUNAI?**
Tucano — A UNI não reconhece a FUNAI e a FUNAI não reconhece a UNI. Os companheiros índios que trabalham na FUNAI são funcionários do governo e não respondem pelo interesses das comunidades indígenas. As pessoas que trabalham na FUNAI são as mesmas que roubaram durante este tempo todo. Isto tem que acabar se querem uma "Nova República".

**ST — O que a UNI reivindicou do novo governo?**
Krenak — Nós reivindicamos a reestruturação e a modernização da agência que o governo tem para o índio, que é a Fundação Nacional de Apoio ao Índio (FUNAI). Nós apresentamos a proposta de transformar esse órgão num colegiado, onde os índios teriam uma representação direta e indicariam toda a política do órgão. Seria uma espécie de secretaria especial ligada diretamente ao presidente da República, com a proposta de uma nova política indigenista.

Ailton Krenak

**ST — Como foi encaminhada esta proposta?**
Krenak — Foi entregue em novembro ao candidato Tancredo Neves, durante um simpósio realizado no Congresso Nacional sobre o "Índio e o Estado", organizado pela assessoria de Tancredo e que contou com a colaboração e a coordenação da UNI. Tancredo se comprometeu conosco. Mas depois entrou esse ministro (Ronaldo da Costa Couto, do Interior) que nada entende do problema indígena e colocou um corrupto chamado Gérson Alves da Silva na presidência da FUNAI.

**ST — Como está a demarcação das terras indígenas?**
Tucano — As áreas indígenas identificadas até a década de 60, na sua maioria, foram demarcadas ainda no tempo do SPI (Serviço de Proteção ao Índio), criado pelo Marechal Rondon. No entanto, não tiveram sua demarcação respeitada. Hoje, 80 por cento do total das áreas indígenas estão em situação irregular. Nessas demarcações teve tanta sacanagem, que eles chegaram a mudar nomes de rios no mapa do Brasil para roubar terra do índio.

**ST — Quais os prejuízos da política de colonização para os índios?**
Tucano — A colonização tem sido desastrosa. Os Planos de Desenvolvimentos Regionais do Ministério do Interior, que é a base da colonização, são feitos para esquartejar a Amazônia. As grandes rodovias, como a Transamazônica, a Perimetral Norte e outras BRs, permitiram a penetração desenfreada de migrantes nessas regiões. Hoje, toda a região é um conflito só. E as reservas indígenas estão no centro desse conflito. No Acre, por exemplo, onde temos 32 reservas, o governador Nabor Júnior está arrendando praticamente todo o estado para agricultores e empresas do Sul, ao ponto de empresários do Acre ficarem furiosos.

**ST — E a corrida do ouro nas terras indígenas?**
Krenak — Criaram o mito do ouro em terra de índio, pois os grandes grupos que estão interessados em invadir nossas terras manipulam miseráveis garimpeiros que estão perambulando pelo Norte do país. Várias invasões organizadas em terras de índios foram feitas em busca de ouro. Algumas com o apoio da Polícia Federal e do Exército. O que acontece hoje no Brasil é semelhante à marcha do ouro para o oeste dos Estados Unidos no século passado, à custa de um bando de miseráveis que iam atrás de ouro, matando índios. Atrás deles logo vinham as estradas de ferro, os grandes fazendeiros. Será que a gente vai repetir isto aqui na Amazônia?

**ST — Quais as áreas indígenas em conflito?**
Krenak — A gente pode começar por Rondônia, onde os **Yanomani** são massacrados por garimpeiros. Em Roraima os **Macuxi** e os **Wapixana** estão tendo as aldeias incendiadas pelos fazendeiros. Depois podemos ir para a Bacia do Amazonas, passar pelo Acre, onde os índios estão sendo escravizados para construir estradas para os seringalistas.
No sul do Pará, divisa com o Maranhão, há conflito com os **Guajajara**. Aí no sul do Pará e norte de Goiás, o famoso Bico do Papagaio, as populações indígenas, como os **Gavião** e os **Xavante**, sofrem invasões permanentes da parte de fazendeiros organizados e gananciosos. O mapa dos conflitos continua. Você desce Goiás e entra no Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, há conflitos com os **Kadiwéu**. Aí você vira e vem descendo para o Paraná, vai pegar os **Kaingang** do Toldo do Chinbangue, em Santa Catarina. No Nordeste, tem os conflitos com os **Pataxós**, na Bahia. O Brasil é um barril de pólvora pronto para explodir.

**ST — Qual a solução para os posseiros que estão nas áreas indígenas?**
Tucano — Deve haver um trabalho de conscientização entre os lavradores de que a Amazônia não é totalmente desocupada como dizem as autoridades. Sessenta por cento dos povos indígenas vivem nesta região. Quando essas pessoas ouvirem falar dos projetos de assentamentos, devem se informar se esses projetos não estão dentro de terras indígenas. Se souberem de alguma irregularidade, entrem em contato com as



LEIA

Álvaro Tucano

organizações indígenas e não com a FUNAI. Agora, os que estão atualmente dentro de nossas áreas, o governo pode resolver perfeitamente o problema, desapropriando os grandes latifúndios que existem na região.

**ST — Qual o melhor processo de contato do índio com a civilização?**
Krenak — O projeto ideal para o Movimento Indígena é garantir o direito básico de as comunidades decidirem se devem e que tipo de relação manter com a sociedade. Quando as comunidades decidirem manter relações com a sociedade brasileira, as organizações indígenas vão acompanhar a esse processo de integração. Assim eles podem identificar o que interessa ou não levar de fora para dentro de suas comunidades.

**ST — O Plano de Reforma Agrária significa soluções para os problemas indígenas?**
Tucano — Nós queremos que o governo aproveite a Reforma Agrária para discriminar as terras habitadas por populações indígenas. A partir daí muitos equívocos que têm acontecido poderão ser evitados, como a criação de projetos em cima das terras dos índios. Portanto, essa reforma nos beneficia porque é uma oportunidade de o governo botar ordem na casa.

**ST — E sobre a Constituinte. O que a UNI está pensando?**
Krenak — Participar. A UNI está discutindo a possibilidade de garantir duas cadeiras na Assembléia Constituinte sem participar das eleições gerais. Nós vamos discutir esta proposta com a sociedade e o governo. A população indígena é muito diversa, são mais de 180 grupos vivendo em regiões distintas e na sua maioria não falam o português. Além de tudo são apenas 200 mil pessoas. É muito difícil participar das eleições nestas condições. Por isso nós pretendemos sensibilizar o governo para que aceite a nossa proposta. Vai depender do povo brasileiro. Se ele quiser, os índios terão duas cadeiras na Assembléia Nacional Constituinte. Nós somos uma minoria que depende e confia na maioria do povo brasileiro.

JORNALIVRO é um livro inteiro publicado em forma de jornal e a preço de jornal. É editado pela Sociedae Cultural JORNALIVRO, fundada em 1980 com a preocupação de divulgar experiências de lutas e formas de organização popular, como também obras de interesse para o trabalhador. Até hoje, o JORNALIVRO já publicou e distribuiu a preço acessível as seguintes obras:

JORNALIVRO Nº 0: **"Nicarágua Livre, de Frei Betto.** Aborda a experiência da Revolução Sandinista e a participação dos cristãos naquele acontecimento histórico. (Edição esgotada)

JORNALIVRO Nº 1: **"Se Me Deixam Falar — Domitila Barrios", de Moema Viezzer.** Através dessa leitura vamos conhecer Domitila Barrios, esposa de um trabalhador mineiro boliviano, que participa ativamente da luta dos trabalhadores. (Preço: Cr$ 5 mil)

JORNALIVRO Nº 2: **"Falemos de Nós Mesmos", de Moema Viezzer.** É o retrato de uma experiência de organização das mulheres bolivianas, o "Comitê das Donas de Casa do Século XX", que existe desde 1961. (Preço: Cr$ 4 mil)

JORNALIVRO Nº 3: **"O Massacre dos Posseiros", de Ricardo Kotscho.** Relato em forma jornalística da resistência dos posseiros do Araguaia-Tocantins. (Preço: Cr$ 5 mil)

JORNALIVRO Nº 4: **"Revolta do Chicoteiro", de Roberto Franco.** Contos escritos por um operário metalúrgico paulista sobre o dia-a-dia dos trabalhadores nas grandes cidades. (Preço Cr$ 4 mil)

JORNALIVRO Nº 5: **"El Salvador Vencerá**, coletânia inédita de informações e textos que circulam em El Salvador, mostrando como pensa, sofre e se organiza o povo salvadorenho. (Preço: Cr$ 5 mil)

JORNALIVRO Nº 6: **"A Mãe", de Máximo Górki.** É a história de um trabalhador russo que desperta para a ação revolucionária e de sua mãe, camponesa analfabeta, que também desperta para a luta e participa de missões perigosas.

JORNALIVRO Nº 7: **"Vietnã, a Guerrilha Vista por Dentro", de Wilfred G. Burchett.** Um impressionante depoimento jornalístico vivido pelo autor, mostrando a luta do povo vietnamita contra a opressão do imperialismo norte-americano. (Preço: Cr$ 5 mil)

JORNALIVRO Nº 8: **"A Montanha é Algo Mais do que uma Imensa Estepe Verde", de Omar Cabezas Lacayo.** Depoimento de um guerrilheiro sandinista sobre as experiências na Revolução Popular Sandinista. Este livro recebeu o prêmio "Casa das Américas" em Havana (1982). Último JORNALIVRO lançado. (Preço: Cr$ 5 mil)

Os números do JORNALIVRO podem ser solicitados no seguinte endereço: Rua Vergueiro, 7.290, São Paulo-SP. CEP: 04272. Ou pelo telefone (011) 273-6828

**Jornalivro**

**A montanha é algo mais do que uma imensa estepe verde**

NOTAS

### Onze anos depois

Depois de 11 anos de luta, o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Conceição do Araguaia, no Sul do Pará, voltou às mãos dos trabalhadores. Num clima tenso, com a cidade cheia de pistoleiros, a chapa 2, encabeçada por Felipe Alves Macedo, o "Felipinho", fez 289 votos contra 209 votos dados à chapa do pelego Raimundo Feitosa, que teve o apoio do atual presidente, o militar reformado Bertoldo Siqueira de Lima, do prefeito Orlando Mendonça (PMDB), do PDS da cidade e dos latifundiários da região. O militar Bertoldo Siqueira foi nomeado interventor do Sindicato em 1974, quando os militares acabaram com a guerrilha que existia na região. Ele sempre venceu as eleições, com o apoio de pistoleiros e da polícia, a mando do coronel-deputado Sebastião Curió (PFL), que tem seu curral eleitoral na região. Conceição do Araguaia tem uma história marcada de sangue. De maio de 1980 até hoje, foram assassinados 70 lavradores sem que o sindicato se levantasse uma só vez contra esses crimes. Nas vésperas da eleição de 1980, foi assassinado Raimundo Ferreira Lima, o "Gringo", que concorreria às eleições como presidente da chapa de oposição.

### Reconhecimento

No sudoeste do Paraná, (município de Nova Prata do Iguaçu), mais uma vitória do sindicalismo autêntico. A Chapa 1, da atual diretoria, venceu as duas outras chapas concorrentes, encabeçadas por pelegos. A chapa fez 318 votos, contra apenas 33 da chapa 2 e 85 da chapa 3, esta última encabeçada pelo vereador Francisco Pizzato (PMDB) e apoiada pelo prefeito Setembrino Tomazzi (PMDB) e pelo padre David Fontana. Mas como a chapa 1 não obteve o quorum necessário, apesar da grande votação, será realizada uma segunda votação nos dias 14 e 15 de agosto. A vitória na primeira votação comprova que o trabalho desenvolvido por Maximino Piran (candidato à reeleição) e seus companheiros de diretoria está sendo reconhecido pelos lavradores de Nova Prata do Iguaçu.

### Pelego a menos

No Rio Grande do Sul, o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Seberi, na região do Alto Uruguai, saiu das mãos dos pelegos e passou para as mãos de dirigentes combativos.A vitória não foi fácil e necessitou de duas votações. Na primeira, a chapa 2 fez 848 votos contra 828 da chapa 1, encabeçada pelo pelego André Crenchisque, mas não obteve o quorum necessário. Na segunda votação, realizada dia 31 de julho, a chapa 2 fez 929 votos contra 878 da chapa 1, vencendo por uma diferença de 51 votos. A nova direção eleita, encabeçada por Atalibio Satteler, Osmar A. Bonfante e Teófilo Tonozak, apóia a luta dos sem terra.

### Greve em Linhares

Em Linhares, segundo maior município do Espírito Santo, mais de 600 cortadores de cana da empresa Lagrisa Agropecuária S.A. entraram em greve dia 25 de julho (Dia do Agricultor) reivindicando piso salarial de Cr$ 500 mil; plantio de cinco carreiras em vez de sete; 40 horas semanais; reajustes trimestrais; não pagamento do transporte; aceitação de atestados médicos por parte da empresa; mudança do transporte pau-de-arara para ônibus e que seja contado o tempo, para fins de pagamento, da saída do ponto até a usina, que leva geralmente duas horas.

**Assine o SEM TERRA**

**Desejo fazer uma assinatura do Jornal dos Trabalhadores SEM TERRA. Para isto estou enviando um Cheque Nominal ou Vale Postal em favor do Jornal Trabalhadores SEM TERRA,** Rua Ministro Godói, 1484, Perdizes, São Paulo CEP 05015.

☐ Assinatura anual (normal) Cr$ 20.000,00
☐ Assinatura de apoio Cr$ 40.000,00
☐ Cheque Nominal ☐ Vale Postal

NOME _____ FONE _____
PROFISSÃO _____
ENDEREÇO _____ CEP _____ ESTADO _____
CIDADE _____

As assinaturas do **SEM TERRA** valem por 12 edições. Os meses em que o jornal deixou de circular serão considerados.



***Jornal dos Trabalhadores Sem Terra nº 46***

Brasil, agosto de 1985

Acervo Armazém da Memória /Cortesia Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST)

**Marçal Tupã'i (1920-1983)**

***"Sou uma pessoa marcada para morrer, mas por uma causa justa a gente morre."***

Do povo Nhandeva, foi um dos precursores da luta pelo reconhecimento territorial no estado do Mato Grosso do Sul e fundador da União das Nações Indígenas (UNI) em 1980. Marçal foi assassinado em uma emboscada em 1983.

ROBERTO HIGA
Jornal Correio do Estado
Fotografia. Brasil, s/d

**Ângelo Kretã (1942-1980)**

***"Não tenho medo de morrer, porque depois de mim virão mil Kretã para continuar a luta dos Kaingang."***

Grande liderança do povo Kaingang, foi o primeiro vereador indígena do país. Nos anos 1970, liderou os povos da região sul em processos de retomada de territórios invadidos por não indígenas. Ameaçado, faleceu em 1980, vítima de um atentado.

VINCENT CARELLI
Vídeo. Brasil, 1989

Acervo Vídeo nas Aldeias

**Xikão Xukuru (1950-1998)**

***"Em cima do medo, coragem! E diga ao povo que avance!"***

Francisco de Assis Araújo, também conhecido como Xikão ou Mandaru, foi cacique do povo Xukuru da Serra do Ororubá (Pernambuco). Mobilizou diversas forças pela retomada dos territórios de seu povo de 1985 até 1998, quando foi morto a mando de fazendeiros da região.

CONSELHO INDIGENISTA MISSIONÁRIO CIMI
Fotografia. Brasil, s/d

Acervo CIMI da Região Nordeste

**DIREITOS INDÍGENAS NA CONSTITUIÇÃO FEDERAL DE 1988**

**Artigo 231**
São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens.

**§ 1º** São terras tradicionalmente ocupadas pelos índios as por eles habitadas em caráter permanente, as utilizadas para suas atividades produtivas, as imprescindíveis à preservação dos recursos ambientais necessários a seu bem-estar e as necessárias à sua reprodução física e cultural, segundo seus usos, costumes e tradições.

**§ 2º** As terras tradicionalmente ocupadas pelos índios destinam-se à sua posse permanente, cabendo-lhes o usufruto exclusivo das riquezas do solo, dos rios e dos lagos nelas existentes.

**Artigo 232**
Os índios, suas comunidades e organizações são partes legítimas para ingressar em juízo em defesa de seus direitos e interesses, intervindo o Ministério Público em todos os atos do processo.

***Nesse processo de luta de interesses que tem se manifestado extremamente aético, espero não agredir, com a minha manifestação, o protocolo desta casa. Mas acredito que os senhores não poderão ficar omissos, os senhores não terão como ficar alheios a mais essa agressão movida pelo poder econômico, pela ganância, pela ignorância do que significa ser um povo indígena. Povo indígena tem um jeito de pensar, tem um jeito de viver, tem condições fundamentais para a sua existência e para a manifestação de sua tradição, da sua vida, da sua cultura que não colocam em risco e nunca colocaram a existência sequer dos animais que vivem ao redor das áreas indígenas, quanto mais de outros seres humanos. Creio que nenhum dos senhores poderia nunca apontar atos, atitude da gente indígena do Brasil que colocou em risco seja a vida, seja o patrimônio de qualquer pessoa, de qualquer grupo humano neste país. E hoje somos o alvo de uma agressão que pretende atingir na essência a nossa fé, a nossa confiança de que ainda existe dignidade, de que ainda é possível construir uma sociedade que saiba respeitar os mais fracos, que saiba respeitar aqueles que não têm o dinheiro para manter uma campanha incessante de difamação, que saiba respeitar um povo que sempre viveu à revelia de todas as riquezas, um povo que habita casas cobertas de palha e dorme em esteiras no chão, e não deve ser identificado de jeito nenhum como o povo que é o inimigo dos interesses do Brasil, inimigo dos interesses da nação e que coloca em risco qualquer desenvolvimento. O povo indígena tem regado com sangue cada hectare dos 8 milhões de quilômetros quadrados do Brasil. Os senhores são testemunhas disso. Eu agradeço à presidência desta casa, agradeço aos senhores e espero não ter agredido com as minhas palavras o sentimento dos senhores que se encontram nesta casa. Obrigado.***

**Discurso de Ailton Krenak no Congresso Nacional**

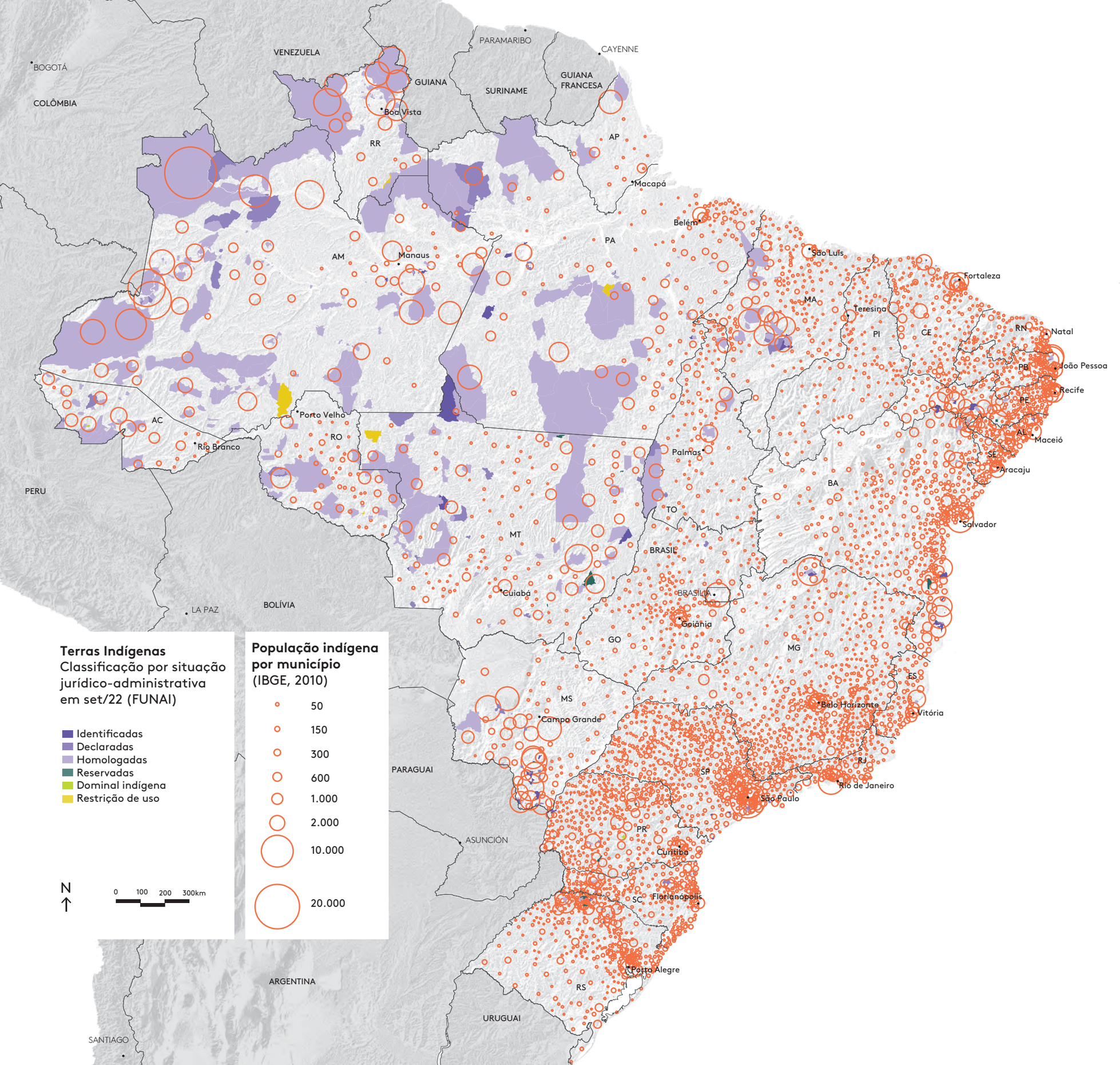
Vídeo. Brasil, 4 de setembro de 1987

A Constituinte foi marcada pela defesa da Emenda Popular da União das Nações Indígenas (UNI). Seu porta-voz fez um discurso decisivo para a aprovação dos artigos 231 e 232.

cortesia: TV Câmara

# POPULAÇÃO INDÍGENA E TERRAS RECONHECIDAS NO BRASIL (2022)

O mapa sobrepõe dois conjuntos de dados importantes sobre a população indígena no país. De um lado, mostra a localização das Terras Indígenas reconhecidas até o momento e sua classificação segundo a situação jurídico-administrativa informada pela Funai (atual Fundação Nacional dos Povos Indígenas). De outro, os dados do último censo divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), de 2010, sobre a população indígena organizados por município. O objetivo principal aqui é evidenciar a presença indígena em todo o território nacional e explicitar, entre outras coisas, a discrepância entre o tamanho das Terras Indígenas na região Norte e aquelas situadas no Nordeste, Sul e Sudeste – uma expressão da violência colonial sobre os territórios indígenas nessas regiões.



BAHSÁ BUSÃ: MAHÃPOARI AHKARO
BAHSÁ BUSÃ: PLUMÁRIAS E ADORNOS DO POVO YEPAMAHSÃ
ENTRE A BORRACHA E A CRUZ
GUERRAS NO BRASIL
DAKAYA KWATTIKINDO
PRIVA ANDO
AREKATEBALE ANDO
DAKAYA KWATTIKINDO
PÁS
RKI DOIMYHÃDE AJURÕNA WOKUDKÝNA
NETOS E AVÓS
NETAS, NETOS
OMOMBARETE AWÃ

COMUNICAÇÃO INDÍGENA

LINGUAGENS E EXPRESSÕES INDÍGENAS

Toda sociedade expressa sua cosmovisão através de linguagens próprias. À sua maneira, ela se comunica com o mundo e constrói relações de identidade e alteridade. As formas de expressão indígena são múltiplas, assim como o são seus povos.

Ainda que os conceitos ocidentais de arte sejam insuficientes para revelar a complexidade das linguagens e tecnologias originárias, é preciso reconhecer que sempre houve artistas indígenas.

Recentemente, no Brasil, o diálogo dos povos originários com a sociedade mais ampla se fortaleceu com a presença de artistas indígenas em espaços antes restritos, como galerias e museus. Esses figuras tiveram um papel fundamental na articulação com instituições que até então invisibilizavam a presença indígena, suas lutas, demandas, culturas e seus territórios.

Ao utilizar diferentes plataformas como o audiovisual, as artes visuais, a música, a fotografia, a literatura e as mídias digitais, artistas indígenas produzem novas estratégias para contracolonizar, isto é, desconstruir o racismo predominante e elaborar outros narrativas sobre si próprios, valorizando as expressões tradicionais e as histórias de resistência de seus povos.

MÚSICA INDÍGENA

ARTES VISUAIS

TERRAIZ

RETORNO

DEMOCRAÇIA É DEMARCAR TODAS AS TERRAS INDÍGENAS

SP TERRA INDÍGENA

À TERRA

FLORESTA de pé fascismo NO chão

DECOLONIZE-SE

paisagem ancestral

MAMA MUHENAWÃ QUE SONOS DESTA TERRA

RAMKJÃ KAIVE NGA

# DAMREME ĨTSIPTEDE

Rotsa'rada ĩhöimana'õ hawi, damreme niptede te tihöiba danhiptete na pótó da hã. Waihu'u petse na te tsanhamri da duré ĩtsaprĩ da romnho'u, rowa'õno ĩhöiba ré dza'ra hã niwamhã ĩhöiba dza'ra õ. Romreme duré danho're ĩhi uptabi te ĩnharĩ dza'ra mono hã ĩbö na, ĩtsãmridzéb 'remhã, rotsa'rata na, damreme duré ĩ'manharĩ na.

A'uwẽ norĩ te 'watsari datsitsãmridzé hã, marĩ ãna, damreme mono bö ti'i ne te're tsãmra, ãma 're tsimapa dza'ra mono da tihöimana dzawi-te duré tite rowa'õtõ dzawi-te hã. Ĩmorĩ 'rata na ro'wapé aimawi tsi ro tsimitsutu dahöiba hawi. Wahub 're, a'uwẽ ubumro na'rata norĩ hã ro'manharĩdzé romnho'uma u hã we tsitsa'retse dza'ra. Damremedzé ĩtsiwaptóm na hã, bödödi ro'wapédzém ne damrami tsiwadzari petse na datsimapa dahöimana'u'ötsi da.

Ĩhöiba bö tsa'ẽtẽ na, ĩmorĩ 'rata na a'uwẽ norĩ nhimi ro'wapé te te prub dza'ra pitsutu petse na hã da'madö ne. Damama nhimi ro'madö'ö ne duré a'uwẽ uptsãtãdzé te pitsutu dza'ra, datsi'ãma dahöimana marĩ nomridzé bötö putsidzém ne mitsidzahu wahum na. Danebdzé apö ĩtsimatsitsi'õ: taré wa norĩ hã, wahöiba ãna.

Niwamhã rowatsu'u nhib'rowi, ĩró'ópótó na, romhörödzém na, tsihötönhoré'ubumro na, ro'manharĩdzém na duré ro daprédu wẽ dzéb're. Duré tô dahöimanató 'remhã, rowatsu wahub 're ti ĩtém ne te te waibu tinhiptete na te ãma ĩtsaprĩ dza'ra mono da hã. Ã norĩ ti hã, te uwe dza'ra mono da te 'matsitsi dza'ra mono da datsiri hã robtsãmidzé hã. Duré datób'udzu na, marĩ ãna, rotsa'rada ĩ'uwaibaba te höiba da ĩpibuipetse'wa ne duré atéma na morĩ da ti'a nhitsiwi hã.

[Tradução para o Xavante: Caetano Tserenhi'ru Moritu]



# PALAVRA TEM PODER

Desde tempos imemoriais, a potência da palavra está na força criadora capaz de tecer e transformar mundos, sejam territórios materiais ou imateriais. As mensagens e os cantos dos mais velhos expressam a coerência entre sentimento, pensamento, palavra e ação.

Os indígenas carregam a consciência de que cada palavra é uma flecha lançada para defender sua vida e seus territórios. A partir do protagonismo em diferentes espaços da sociedade não indígena, as ações contemporâneas dos povos originários no mundo se manifestam em múltiplas linguagens como estratégias de uma luta que abraça a diversidade em defesa da existência.

Cada vez maior, o protagonismo dos povos indígenas rompe definitivamente com a tutela, o paternalismo e o racismo que marcaram as relações com as instituições ocidentais durante séculos. É um caminho sem volta: *nada sobre nós, sem nós*! Seja por meio da comunicação, do cinema, da música, da literatura, das artes, dos espaços educacionais e até mesmo do humor, as narrativas contemporâneas são as novas flechas que assumem seu poder de transformação. Que essas flechas possam atingir em cheio os corações para sensibilizar e encantar e que nossos pensamentos sejam redirecionados para uma forma responsável e suave de caminhar sobre a Terra.

## DAMREME ĨTSIPTEDE

Rotsa'rada ĩhõimana'õ hawi, damreme niptede te tihõiba danhiptete na pótó da hã. Waihu'u petse na te tsanhamri da duré ĩtsaprĩ da romnho'u, rowa'õno ĩhõiba ré dza'ra hã niwamhã ĩhõiba dza'ra õ. Romreme duré danho're ĩhi uptabi te ĩnharĩ dza'ra mono hã ĩbõ na, ĩtsãmridzéb 'remhã, rotsa'rato na, damreme duré ĩ'manharĩ na.

A'uwẽ norĩ te 'watsari datsitsãmridzé hã, marĩ ãna, damreme mono bõ ti'i ne te're tsãmra, ãma 're tsimapa dza'ra mono da tihõimana dzawi-te duré tite rowa'ôtõ dzawi-te hã. Ĩmorĩ 'rata na ro'wapé aimawi tsi ro tsimitsutu dahõiba hawi. Wahub 're, a'uwẽ ubumro na'rata norĩ hã ro'manharĩdzé romnho'uma u hã we tsitsa'retse dza'ra. Damremedze ĩtsiwaptóm na hã, bõdõdi ro'wapédzém ne damrami tsiwadzari petse na datsimapa dahõimana'u'ôtsi da.

Ĩhõiba bõ tsa'ẽtẽ na, ĩmorĩ 'rata na a'uwẽ norĩ nhimi ro'wapé te te prub dza'ra pitsutu petse na hã da'madõ ne. Damama nhimi ro'madõ'õ ne duré a'uwẽ uptsãtõdzé te pitsutu dza'ra, datsi'ãma dahõimana marĩ nomridzé bõtõ putsidzém ne mitsidzahu wahum na. Danebdzé apõ ĩtsimatsitsi'õ: taré wa norĩ hã, wahõiba ãna.

Niwamhã rowatsu'u nhib'rowi, ĩrõ'õpótõ na, romhõrõdzém na, tsihõtõnhoré'ubumro na, ro'manharĩdzém na duré ro daprédu wẽ dzéb're. Duré tõ dahõimanato 'remhã rowatsu wahub 're ti ĩtém ne te te waibu tinhiptete na te ãma ĩtsaprĩ dza'ra mono da hã. Ã norĩ ti hã, te uwe dza'ra mono da te 'matsitsi dza'ra mono da datsiri hã robtsãmidzé hã. Duré datob'udzu na, marĩ ãna, rotsa'rado ĩ'uwaibaba te hõiba da ĩpibu'petse'wa ne duré atéma na morĩ da ti'a nhitsiwi hã.

Tradução para o Xavante:
Caetano Tserenhi'ru Moritu

## PALAVRA TEM PODER

Desde tempos imemoriais, a potência da palavra está na força criadora capaz de tecer e transformar mundos, sejam territórios materiais ou imateriais. As mensagens e os cantos dos mais velhos expressam a coerência entre sentimento, pensamento, palavra e ação.

Os indígenas carregam a consciência de que cada palavra é uma flecha lançada para defender sua vida e seus territórios. A partir do protagonismo em diferentes espaços da sociedade, as ações contemporâneas dos povos originários no mundo se manifestam em múltiplas linguagens como estratégias de uma luta que abraça a diversidade em defesa da existência.

Cada vez maior, o protagonismo dos povos indígenas rompe definitivamente com a tutela, o paternalismo e o racismo que marcaram as relações com as instituições ocidentais durante séculos. É um caminho sem volta: *nada sobre nós, sem nós!*

Seja por meio da comunicação, do cinema, da música, da literatura, dos artes, dos espaços educacionais e até mesmo do humor, as narrativas contemporâneas são as novas flechas que assumem seu poder de transformação. Que essas flechas possam atingir em cheio os corações para sensibilizar e encantar e que nossos pensamentos sejam redirecionados para uma forma responsável e suave de caminhar sobre a Terra.

(...) A primeiro índio, a primeiro fruta, a primeira nação que está representando índio brasileiro. (...) Nós não soma tutelados, e nós soma responsáveis, e nós soma gente, nós soma ser humano!

Mário Juruna, 19 de abril de 1983, Câmara dos Deputados, Brasília – DF.

**Mário Juruna, do povo Xavante, primeiro indígena eleito deputado federal no Brasil**

BETH CRUZ
Ágil
Fotografia, Brasil, 1983

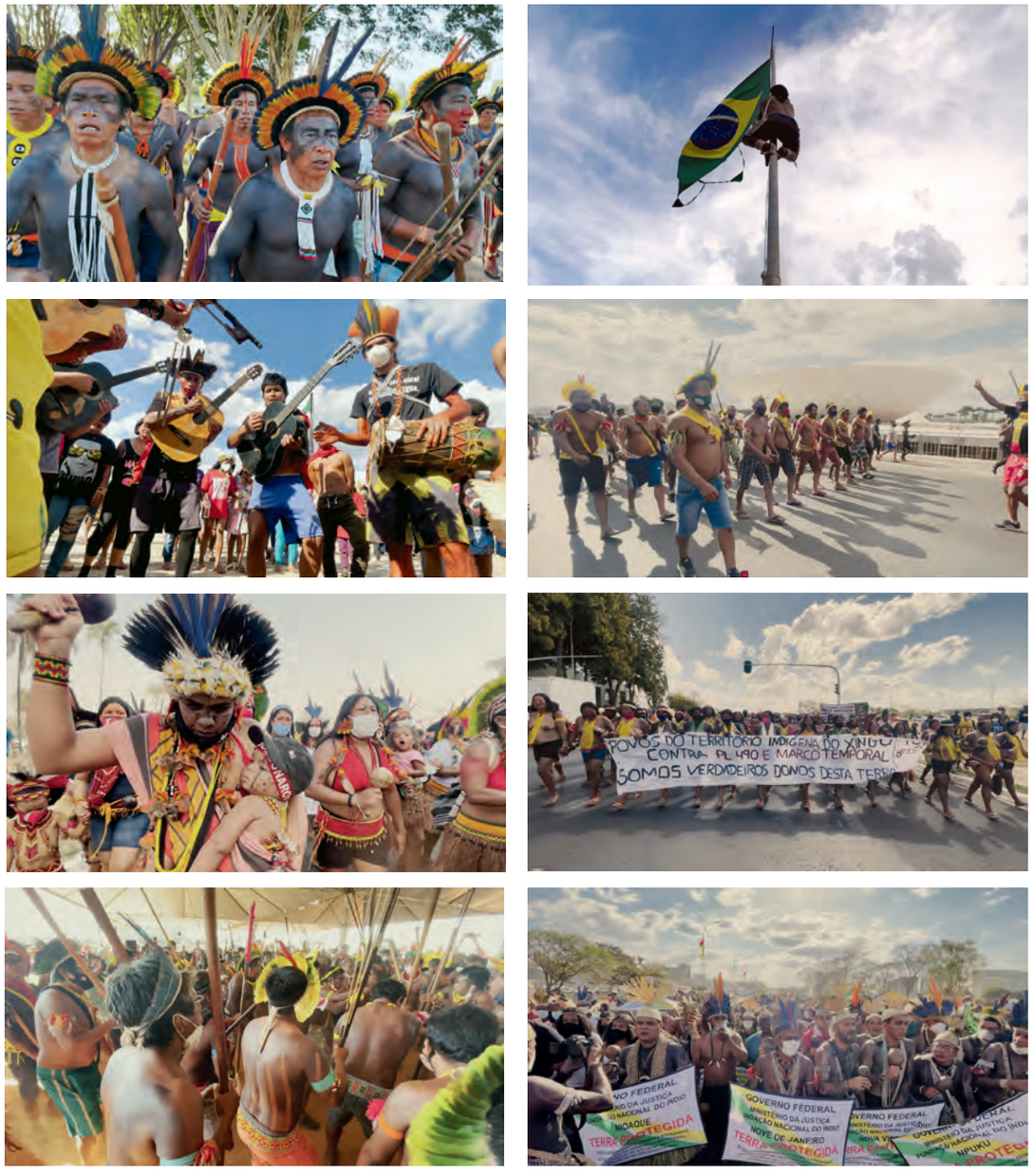
***Quando entrei na política, muita gente achava, falava contra Juruna. Gente falava: "imagina, como é que Juruna vai entrar na Plenária?", "imagina, índio, que que vai resolver na Plenária?", "imagina, como é que índio vai representar índio?". E eu quero saber: imagina o que branco representa aqui no Brasil? (...) O primeiro índio, a primeira fruta, a primeira nação que está representando o índio brasileiro. Por que o governo brasileiro não dá oportunidade para o índio? Porque ele quer continuar tutelar toda a vida dos índios. E nós não somos tutelados, nós somos responsáveis, nós somos gente, nós somos ser humano.***

***(...) Esse já é fruto [que] está nascendo aqui dentro do Brasil, esse já é sinal, está nascendo aqui dentro do plenário. Único índio que está falando hoje, único deputado que está falando hoje: não é terceiro deputado, não é quinto deputado, não é cinquenta deputado. Se tiver ao menos mais cinquenta Juruna, o Juruna já tinha mudado o Brasil. Juruna já tinha virado a mesa.***

***(...) Agora o problema da Fundação Nacional do Índio (Funai) é que nós somos tutelados, somos considerados crianças e somos menores que a criança. E a Funai é papaizinho, Funai é padrasto do índio. Agora, como é que Funai está deixando índio morrer de fome? Como é que Funai está deixando a terra ir para fazendeiro? Como é que Funai não assume o estatuto ao lado do índio? Onde está o Estatuto do Índio? Onde está a lei do Estatuto do Índio? E por que não pode criar outro estatuto? Cria estatuto da repressão contra índio, cria estatuto chamando de Fundação Nacional Militar. Tem que mudar tudo isso! Os militares, que são contra índios; federais, que são contra índio, a Funai, que é contra índio. (...) A Funai está matando índio, a Funai está acabando com índio!***

[Trecho de pronunciamento realizado no "Dia do Índio", no Plenário da Câmara dos Deputados, Brasília (DF), Brasil, 19 de abril de 1983.]






***Marcha dos Povos Indígenas***

DIREÇÃO E IMAGENS: KAMIKIA KISÊDJÊ
edição: Mari Corrêa; mixagem: Hélio Rimaud e Rafael Nicolau Gobbo
Vídeo. Brasil, 2022

# EDUCAÇÃO INDÍGENA

Historicamente, a educação formal esteve a serviço do apagamento dos povos indígenas sob o pretexto da "integração", tornando as instituições de ensino um lugar de perpetuação do racismo e da violência contra os povos originários. Foi a partir da luta cidadã que os indígenas construíram políticas que atendessem às necessidades específicas de sua população para salvaguardar suas línguas e culturas e formar uma geração de profissionais indígenas preparados para enfrentar e desconstruir o racismo impregnado em todas as instituições.

Hoje, a população indígena é o grupo com menor acesso ao ensino básico e à formação de qualidade no país. Apesar da crescente presença indígena nas universidades, em decorrência de políticas afirmativas como a implementação de cotas, há muito a ser feito para assegurar o acesso a todos os cursos e o acolhimento dos estudantes que estão distantes de suas comunidades.

O direito à educação escolar diferenciada, ao acesso pleno ao ensino de qualidade e à atualização dos currículos escolares, na forma da Lei 11.645 – que torna obrigatória a inclusão da história afro-brasileira e indígena no currículo escolar –, representam uma política de reparação histórica para toda a sociedade.

**Karai Poty**

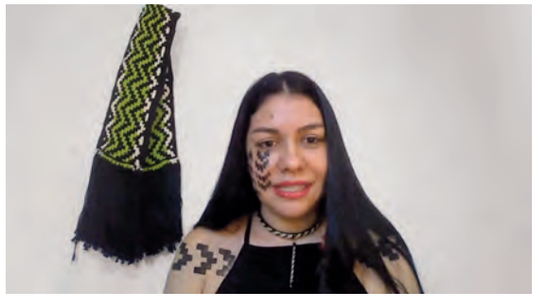
MARIA INÊS LADEIRA
Centro de Trabalho Indigenista CTI
Fotografia. Terra Indígena Tenondé Porã, São Paulo, Brasil, 1980

Dirigente espiritual guarani no Sul e Sudeste e professor, alfabetizou-se na escola da aldeia da Barragem por ação do CTI



**Entrevista com Fernanda Kaingang, advogada e educadora do povo Kaingang**

MUSEU DA LÍNGUA PORTUGUESA
Vídeo. Brasil, 2022



***O protagonismo dos profissionais indígenas de norte a sul do país tem sido fundamental para reverter o processo de colonização e construir um movimento de contracolonização da educação formal ofertada nas escolas. Quando a minha geração atingiu a idade para ir à universidade, não existiam formações específicas, terceiro grau indígena nem licenciaturas interculturais. A geração dos meus pais decidiu que seria importante ter advogados na comunidade, e fomos as primeiras advogadas do sul do país. Nossos pais marcharam até Brasília sem Instagram, Facebook ou Twitter e conquistaram artigos da lei maior do Brasil. Depois, lutaram pela regulamentação dessas leis, como a Lei de Diretrizes e Bases, para incluir uma educação escolar diferenciada, específica, bilíngue e intercultural. Então, o processo para colocar em prática uma educação que forme cidadãos indígenas cientes do seu valor cultural, com identidade fortalecida, faz parte dos desafios da minha geração. Fomos historicamente negados, e a educação escolar é uma estratégia, um instrumento de afirmação de direitos que preexistem ao Estado, antes de o Brasil ser Brasil. Que as nossas leis não sejam letras frias, não sejam palavras que o vento leva, mas símbolo de que a riqueza e a diversidade cultural do Brasil são valorizadas, respeitadas e colocadas em prática.***

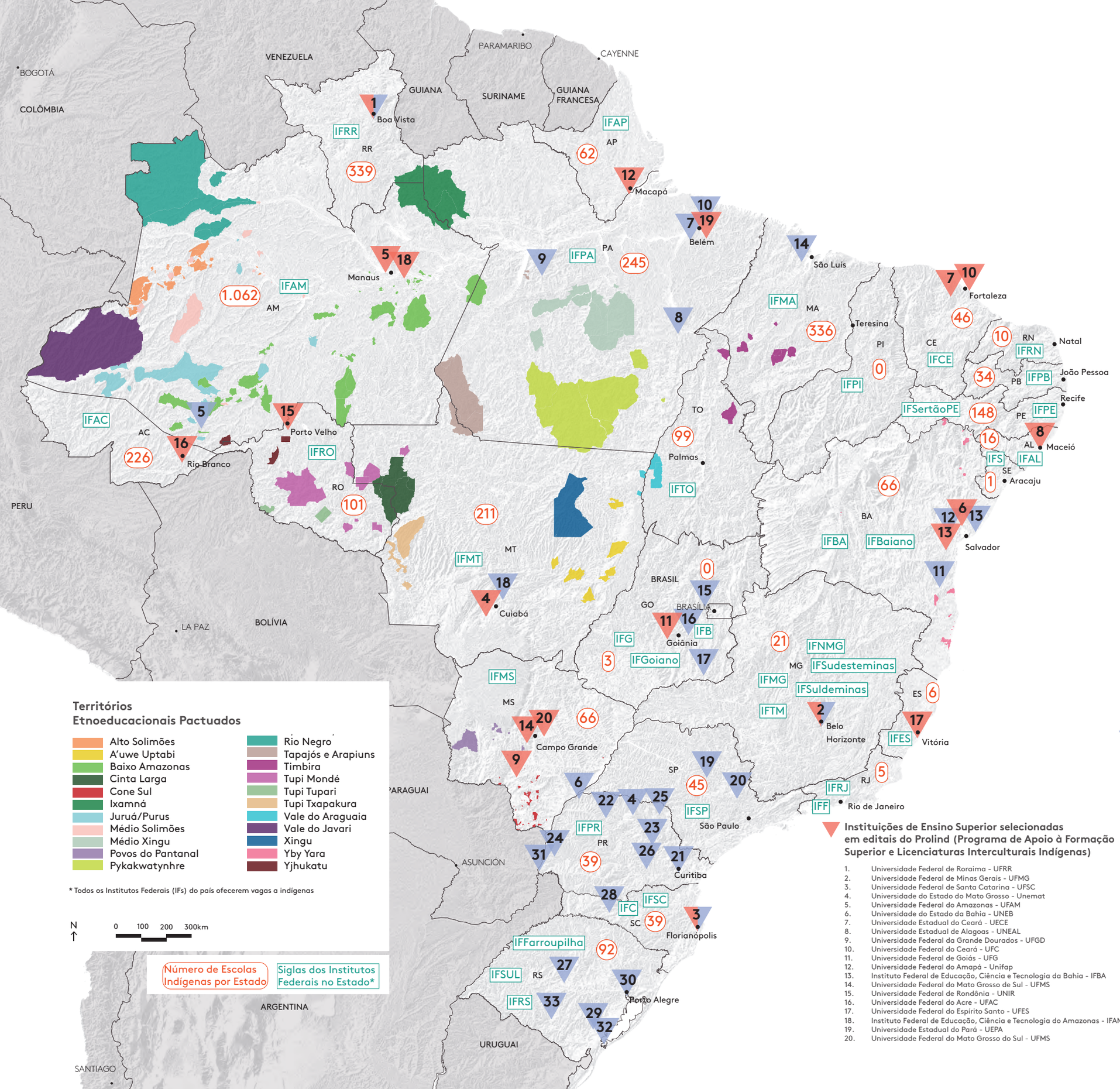
**Entrevista com Braulina Baniwa, antropóloga e ativista do povo Baniwa**

MUSEU DA LÍNGUA PORTUGUESA
Vídeo. Brasil, 2022

***A gente está na universidade para valorizar todos os processos de conhecimento e ter a liberdade de entrar e permanecer ali. A partir do momento que a gente consegue o respeito pela nossa diversidade, a gente também passa a ter liberdade de construir os nossos próprios conceitos, decidir como queremos ser citados e participar dessas múltiplas frentes de discussão. Nós, indígenas mulheres, somos produtoras de conhecimento a partir da nossa visão, da nossa expertise, da competência de sermos continuação das nossas avós; das vozes de mulheres que defendem essa voz coletiva de todos os povos. A gente está no processo para potencializar essa fala em todos os espaços, junto com os nossos homens, mas ainda é um passo cheio de desafios. Somos povos da oralidade e também povos que escrevem; somos povos pensantes que precisam desse respeito para estar em vários espaços com o nosso corpo-território carregado de conhecimentos e línguas. A nossa presença também tem desafiado as universidades. É preciso transformar o pensamento racista e discriminatório das pessoas não indígenas e nos respeitar como produtores de conhecimento. Pensar na universidade com a nossa voz, com o nosso corpo-território gerindo esse processo, é formar pessoas com pensamento humanizado que valorizem a diversidade. Precisamos caminhar em conjunto e trazer esse sentimento humano de se colocar no lugar do outro. Isso é ainda distante, mas não impossível.***

# POLÍTICAS DE EDUCAÇÃO PARA INDÍGENAS NO BRASIL (ATÉ 2022)

Estão reunidas aqui diversas informações sobre as políticas educacionais para os povos indígenas existentes no Brasil, a saber: dados mais recentes sobre o número de escolas indígenas por estado; as instituições federais por UF que oferecem vagas à indígenas; as instituições de ensino superior selecionadas em editais do Prolind (Programa de apoio à formação superior e licenciatura intercultural indígena); e universidades com vestibular indígena. Em destaque, o mapa apresenta a localização dos Territórios Etnoeducacionais (TEEs) pactuados até hoje. A criação dos TEEs em 2009 (Decreto nº 6.861) é resultado da luta indígena por garantia de direitos e inaugura uma etapa importante do processo histórico de protagonismo escolar indígena. Os Territórios Etnoeducacionais reconhecem as especificidades dos povos indígenas e possibilitam uma gestão mais autônoma de processos escolares e em sintonia com suas territorialidades, independentemente da divisão política entre estados e municípios do país.




**Territórios Etnoeducacionais Pactuados**

- Alto Solimões
- A'uwe Uptabi
- Baixo Amazonas
- Cinta Larga
- Cone Sul
- Ixamná
- Juruá/Purus
- Médio Solimões
- Médio Xingu
- Povos do Pantanal
- Pykakwatynhre
- Rio Negro
- Tapajós e Arapiuns
- Timbira
- Tupi Mondé
- Tupi Tupari
- Tupi Txapakura
- Vale do Araguaia
- Vale do Javari
- Xingu
- Yby Yara
- Yjhukatu

* Todos os Institutos Federais (IFs) do país ofecerem vagas a indígenas

N ↑ 0 100 200 300km

Número de Escolas Indígenas por Estado

Siglas dos Institutos Federais no Estado*

**Instituições de Ensino Superior selecionadas em editais do Prolind (Programa de Apoio à Formação Superior e Licenciaturas Interculturais Indígenas)**

1. Universidade Federal de Roraima - UFRR
2. Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG
3. Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC
4. Universidade do Estado do Mato Grosso - Unemat
5. Universidade Federal do Amazonas - UFAM
6. Universidade do Estado da Bahia - UNEB
7. Universidade Estadual do Ceará - UECE
8. Universidade Estadual de Alagoas - UNEAL
9. Universidade Federal da Grande Dourados - UFGD
10. Universidade Federal do Ceará - UFC
11. Universidade Federal de Goiás - UFG
12. Universidade Federal do Amapá - Unifap
13. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia - IFBA
14. Universidade Federal do Mato Grosso de Sul - UFMS
15. Universidade Federal de Rondônia - UNIR
16. Universidade Federal do Acre - UFAC
17. Universidade Federal do Espírito Santo - UFES
18. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas - IFAM
19. Universidade Estadual do Pará - UEPA
20. Universidade Federal do Mato Grosso do Sul - UFMS

**Universidades com Vestibular Indígena**

1. Universidade Federal de Roraima - UFRR
2. Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG
3. Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC
4. Universidade Estadual de Londrina - UEL
5. Universidade do Estado do Amazonas - UEA
6. Universidade Estadual do Paraná - UNESPAR
7. Universidade Federal do Pará - UFPA
8. Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará - UNIFESSPA
9. Universidade Federal do Oeste do Pará - UFOPA
10. Universidade Federal Rural da Amazônia - UFRA
11. Universidade Federal do Sul da Bahia - UFSB
12. Universidade Federal do Recôncavo Baiano - UFRB
13. Universidade do Estado da Bahia - UNEB
14. Universidade Estadual do Maranhão - UEMA
15. Universidade de Brasília - UNB
16. Universidade Federal de Goiás - UFG
17. Universidade Federal de Catalão - UFCAT
18. Universidade Federal do Mato Grosso - UFMT
19. Universidade Federal de São Carlos - UFSCar
20. Universidade Estadual de Campinas - Unicamp
21. Universidade Federal do Paraná - UFPR
22. Universidade Estadual de Maringá - UEM
23. Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG
24. Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Unioeste
25. Universidade Estadual do Norte do Paraná - UENP
26. Universidade Estadual do Centro Oeste - Unicentro
27. Universidade Federal de Santa Maria - UFSM
28. Universidade Federal de Fronteira do Sul - UFFS
29. Universidade Federal de Pelotas - UFPel
30. Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS
31. Universidade Federal da Integração Latino-Americana - UNILA
32. Universidade Federal do Rio Grande - FURG
33. Universidade Federal do Pampa - Unipampa

# LINGUISTAS INDÍGENAS

Durante muito tempo, as línguas indígenas foram objeto de pesquisa dos brancos. Só recentemente seus falantes se tornaram protagonistas desses estudos e de iniciativas de fortalecimento linguístico e cultural em suas comunidades. *Nada sobre nós, sem nós* é o lema do plano de ação para a Década Internacional das Línguas Indígenas, que vem mobilizando indígenas de diferentes partes do mundo em prol do reconhecimento, da valorização e da manutenção dessas línguas.

No Brasil, linguistas indígenas estão organizados em grupos de trabalho com agenda e iniciativas comuns sobre o tema, reafirmando seu protagonismo na construção das ações para esta década, como a criação da Rede de Pesquisadores Indígenas de Línguas Ancestrais. O plano de ação elaborado pelo Grupo de Trabalho Nacional reúne propostas e anseios dos povos indígenas e de diferentes agentes engajados nos direitos linguísticos dessas comunidades, voltados ao reconhecimento, à promoção, valorização, difusão e vitalização das línguas indígenas no país.

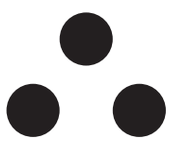
JOAQUIM MANÁ HUNI KUIN é professor do povo Huni kuĩ, originário do território da Praia da Carapanã (Tarauacá, AC), e o primeiro indígena doutor em linguística do país. Em 2014, defendeu sua tese na Universidade de Brasília: *Para uma gramática da Língua Hãtxa Kuin*. Pioneiro no registro das histórias e dos cantos de seu povo, também é autor de importantes materiais para o fortalecimento do ensino do Hãtxa kuĩ: um dicionário da língua e de livros como *Shenipabu Miyui – Histórias Dos Antigos*. Pesquisador criterioso da língua, estimula a formação de jovens cantores *txaná* e coordena a Década das Línguas Indígenas no Acre.

Fotografia. Brasil, s/d

Acervo Pessoal

**Entrevista com Altaci Corrêa Rubim, do povo Kokama, linguista, docente da Universidade de Brasília e representante indígena no Grupo de Trabalho Mundial da Década das Línguas Indígenas.**

MUSEU DA LÍNGUA PORTUGUESA
Vídeo. Brasil, 2022



Representação gráfica. Brasil, 2022 – homenagem da curadoria.

**Grafismo tradicional usado pelo pensador Laklãnõ-Xokleng.**

NANBLÁ GAKRAN (1963–2021) foi um importante pensador do povo Laklãnõ-Xokleng e o primeiro indígena a fazer um pós-doutorado em linguística do país. Autoridade na pesquisa da língua Laklãnõ, então falada por menos de cem pessoas em Santa Catarina, Nanblá foi uma das figuras centrais no desenvolvimento do alfabeto e na vitalização do Laklãnõ nas escolas, que até então ensinavam apenas o português. Foi ele que conceituou a ideia de que as línguas não morrem: elas adormecem e podem ser sonhadas, recuperando a potência do sonhar.

***Um dos órgãos mais respeitados do planeta, a Unesco, convoca os povos indígenas a fortalecer as suas línguas e chama a sociedade para reconhecer que os povos e as línguas indígenas podem contribuir para salvar o mundo, não somente a biodiversidade, mas tudo o que nos cerca por meio dos conhecimentos e saberes que as línguas guardam. Todos nós estamos sendo chamados, neste momento, a pensar o mundo de uma outra forma para podermos viver por mais tempo aqui neste planeta. A entrada de nós, linguistas indígenas, na universidade vem abrindo espaço para o diálogo, porque precisamos somar forças, o planeta está pedindo socorro. Temos que segurar as mãos uns dos outros para alcançar nossos objetivos; o principal é salvaguardar o próprio planeta, as línguas indígenas, os saberes e, principalmente, a vida dos povos indígenas. Estamos aqui justamente para provocar essa reflexão. E estamos reivindicando a parceria de todos para que as políticas de fortalecimento linguístico sejam pensadas pelos próprios indígenas, as nossas epistemologias sejam conhecidas e para que tenhamos mais força para ir além da Década e não mais deixar as línguas e os povos indígenas à mercê de políticas de destruição. A língua é espírito e é despertada em nossos rituais. Os espíritos das línguas indígenas estão mais vivos do que nunca.***

# DOCUMENTAÇÃO DE LÍNGUAS

Há algumas décadas os indígenas registram de forma autônoma suas línguas e seus modos de expressão. Suas estratégias voltadas à documentação dos patrimônios linguísticos e culturais são variadas e têm como finalidade a circulação desses registros e o fortalecimento desses conhecimentos dentro das comunidades. Além desses materiais escritos e sonoros, muitos povos utilizam ferramentas audiovisuais para cuidar do legado dos mestres e das mestras da palavra.

No Brasil, poucas instituições têm se dedicado a projetos de documentação de línguas indígenas e à formação e manutenção de acervos linguísticos e culturais desses povos, como é o caso do Museu do Índio e do Museu Paraense Emílio Goeldi. Mais recentemente, com a digitalização dos arquivos, o investimento na formação de pesquisadores indígenas e o desenvolvimento de parcerias com suas comunidades, foi possível dar os primeiros passos para diminuir a distância entre os acervos de museus e os herdeiros e as herdeiras desses patrimônios. É preciso fortalecer iniciativas que tenham como objetivo documentar as línguas originárias e promover sua revitalização.

***Nukẽ Tsãi – Nossa Língua***

NÚCLEO DE PESQUISAS LINGUÍSTICAS (Nupeli/MUSEU NACIONAL/UFRJ)
Vídeo. Brasil, 2017

***Patxohã – Língua retomada***

NÚCLEO DE PESQUISAS LINGUÍSTICAS (NuPeLi/MUSEU NACIONAL/UFRJ)
Vídeo. Brasil, 2018



**Entrevista com Anari Braz Bomfim, linguista e antropóloga do povo Pataxó**

MUSEU DA LÍNGUA PORTUGUESA
Vídeo. Brasil, 2022

***Nossa língua resistiu por um tempo, mas em determinado momento foi perdendo a força por conta da língua portuguesa. (...) Na década de 1940, todos do povo Pataxó falavam o português, mas era um português bem marcado por conta desse processo de moldar também as outras línguas. Na década de 1960, os brancos queriam ver se no Monte Pascoal tinha "índio mesmo", se tinha "índio de verdade" lá. Então, juntaram os anciões. Nesse tempo ainda existiam os últimos "língua" – pessoas que sabiam se comunicar um pouco na nossa língua. Vieram todos trajados, armados com os arcos e flechas, e puxaram os cantos diante do pessoal do Governo. (...) Foram esses últimos "língua" que vieram resistindo: é a força do povo Pataxó com relação à língua que ficou guardada na memória.***

***A retomada da nossa língua, o Patxohã, é uma metáfora em relação à retomada do próprio território indígena, porque a língua foi deixada na terra; sua raiz, seu tronco. (...) Essa língua começou a criar os galhos, se fortalecer, gerar os frutos e mais árvores. Então, a gente entende que é a partir do momento que os povos indígenas passam a retomar os territórios que também passam a semear esse lugar. Ali passam a crescer mais árvores que brotam com esse cuidado que nós, povos indígenas, temos. À medida que essas árvores vão crescendo, tudo volta ao seu lugar. A gente entende que o Patxohã é o mover desse território, o espírito da língua se movendo de novo em seu lugar.***

**Entrevista com Awoy Pataxó, coordenador do grupo de pesquisa Atxôhã do povo Pataxó**

MUSEU DA LÍNGUA PORTUGUESA
Vídeo. Brasil, 2022

***Estávamos sentindo que realmente a nossa cultura estava adormecida. Era preciso fazer alguma coisa para fortalecer a nossa cultura, nossa língua, nossos cânticos e valorizar os mais velhos. Em 1998, com a criação da reserva indígena, surgiu um espaço de vivência, e nasceu um movimento de fortalecimento da cultura e da língua. Na época, vários jovens se empenharam em fazer esse trabalho e foram para algumas comunidades para registrar os cânticos e o idioma que os velhos ainda guardavam em suas memórias. (...) Esse movimento foi crescendo na comunidade Coroa Vermelha e em outras aldeias com a participação de professores e pesquisadores pataxó. Não é um trabalho pensado de fora para dentro, é pensado de dentro das comunidades, com os nossos jovens e as nossas lideranças. (...) Hoje, alguns Pataxó já conseguem se comunicar somente na língua Patxohã. Isso é uma vitória, uma conquista muito grande para o nosso povo, porque conseguimos dar vida a uma língua que era considerada "morta" por muitos linguistas. (...) Esse trabalho de revitalização serve de exemplo a outras comunidades e a outros povos que também estão fazendo o registro de suas línguas. Acho que não é só o despertar da língua que fizemos, nós despertamos o espírito guerreiro dos Pataxó, que também estava adormecido. O movimento de retomada linguística acordou o espírito guerreiro do nosso povo.***

## CATEGORIAS DE VITALIDADE DAS LÍNGUAS

Linguistas indígenas são fundamentais para atualizar as pesquisas, promover diálogos e ações voltadas ao fortalecimento linguístico, bem como repensar a classificação das línguas com relação à sua vitalidade. Em 2022, os integrantes do Grupo de Trabalho Nacional da Década das Línguas Indígenas propuseram uma nova categorização:

1. Línguas em manutenção: vitalidade e transmissão intergeracional fortes.
2. Línguas em vitalização: baixa transmissão intergeracional.
3. Línguas em revitalização: transmissão intergeracional interrompida.
4. Línguas em retomada: línguas retomadas coletivamente por meio de registros documentais e/ou de rituais.
5. Línguas adormecidas: não mais faladas pela comunidade, mas podem ser retomadas.

Essa reformulação questiona a ideia da extinção das línguas, deixando aberta a possibilidade de processos de retomada linguística, e resgata a potência dos pensamentos e das práticas dos povos originários.

Fonte sobre línguas em retomada: Edilson Baniwa (UnB), Anari Braz Bomfim (UFRJ) e Altaci Corrêa Rubim (UnB) do GT Nacional da Década das Línguas Indígenas, 2022.

Fonte sobre línguas adormecidas: levantamento de Gustavo de Godoy e Silva, 2022.



## LÍNGUAS ADORMECIDAS E LÍNGUAS EM RETOMADA (EM DESTAQUE)

Aisuari
Akroá
Amanayé
Anajá
Ápama
Apiaká (Tocantins)
Arachã
Araiku (waraiku)
Arapaso
Arikem
Aroaqui
Aruã
Baúna
Caeté
Camarapim
Canichana
Carari
Cariaí (Carajahi)
Carijó (Cario)
Carnao
Catuquinaru
Cauixana (Kawishana)
Coroado

### Dzubukuá

Echoaladi
Guachi
Guajará
Guamo
Guarani (Guareni)
Ingain (Kimdá)
Itatim
Jaiko
Joane (Acacá)
Jumana (Yumana)
Kaixana
Kamakã
Katawixi
Kavaipitena

### Kipeá-dzubukuá
### Kiriri kipeá

Koropó
Kotoxó (Mongoyó)
Kueretu
Kukurá
Kupẽ-rop
Kustenau

### Kwaytikindo (Puri)

### Tupi-Nheengatu
### Tupi antigo

Tupiná (Tupinaé)
Tupinambá
Tupinambarana
Tupiniquim
Tupiniquim-Temiminó
Turiuara (Turiwara)
Tuxá
Uamué
Uirina (Uarira)
Viana gamela
Xakriabá
Xiriana (Bahuana)
Yarumá
Yurimagua

### Pataxó hãhãhãe
### Patxohã

Numa
Omuranu
Oti
Pacajá
Paiaguá
Palmela
Pankararu
Parauana (Parivillana)
Pasé
Pimenteira
Potiguara
Saraveca
Shebayo
Tabajara
Taconhapé
Tamoio-Tupinambá
Tape
Tarariú
Tembey
Tibakena
Tubiba tapuia

### Nheengatu

Laiana
língua geral baiana
língua geral paulista
Maeauaná
Mainatari (Yabaâna)
Máku (Jukude)
Makuní
Malali
Manao
Mapuá
Maragua (Marawa)
Mariarana (Amariavana)
Maritsauá
Masakará
Matanawi
Menien
Mepuri
Muchine
Mura

# COMUNICAÇÃO INDÍGENA

A comunicação é uma arma de luta e mobilização de indígenas do mundo todo para o reconhecimento de seus direitos e de sua autonomia. A comunicação indígena nasce da necessidade de apropriação de novas ferramentas e das mídias para ocupar espaços negados.

Jornais como *A Palavra do Índio* surgiram na década de 1970 como uma forma de reunir lideranças de todo país. Pouco tempo depois, surgiu em São Paulo a primeira mídia indígena: o *Programa de Índio*, na Rádio USP, apresentado por Ailton Krenak e Álvaro Tukano, existiu entre 1985 e 1990 e foi uma plataforma fundamental para reunir as assinaturas necessárias para o processo constituinte.

A internet trouxe a oportunidade de criação de mídias digitais como o portal Índios Online (2004), a Rádio Yandê (2013), a primeira rádio indígena on-line no Brasil, e iniciativas mais recentes como a Mídia Indígena e a Rede Wayuri, ambas formadas em 2017. Hoje, os povos originários também estão demarcando as telas pelas redes sociais.

***Minha origem não é fantasia***

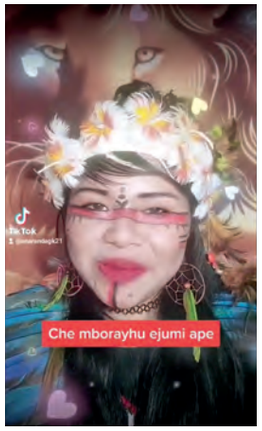
SAMELA SATERÉ MAWÉ
Vídeo. Brasil, 2022

@sam_satere-mawe

***Desafios do Ensino Indígena***

PRISCILA TAPAJOWARA
Vídeo. Brasil, 2022

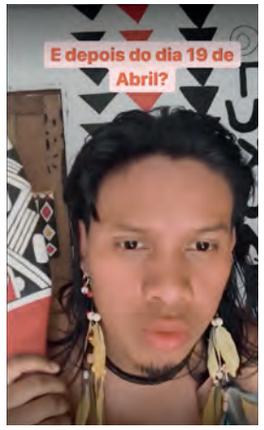
@priscilatapa-jowara




***Aprenda falar guarani comigo!***

ANARANDÁ MC
Vídeo. Brasil, 2021

@anarandagk21




***E depois do dia 19 de abril?***

TUKUMÃ PATAXÓ
Vídeo. Brasil, 2021

@tukuma_pataxo

***Povos Indígenas do Brasil***

CRISTIAN WARI'U
Vídeo. Brasil, 2019

@cristianwariu

***Tatuar grafismos indígenas é homenagem? Bate papo com Benício Pitaguary***

CRISTIAN WARI'U
Benício Pitaguary
Vídeo. Brasil, 2019

***Somos a Rede Wayuri***

REDE WAYURI
Vídeo. Brasil, 2019

@rede.wayuri

***Pé de iPhone e Mandiophone 13***

KAURI WAJÃPI – D'ALDEIA OFICIAL
Vídeo. Brasil, 2021 e 2022

@daldeiaoficial

***Ẽg Rá: As Marcas Kaingang***

DIREÇÃO: CLEBER KRONUN
Vídeo. Brasil, 2018

12′

***Os espíritos só entendem o nosso idioma***

DIREÇÃO: CILEUZA JEMJUSI, ROBERT TAMUXI E VALDEILSON JOLASI
Vídeo. Brasil, 2019

5′

***Kunhangue: universo de um novo mundo***

DIREÇÃO: GRACIELA GUARANI
Vídeo. Brasil, 2020

21′

***Ywy Nhe'en Porã: Palavras da Terra***

DIREÇÃO: ALBERTO ÁLVARES
Vídeo. Brasil, 2020

13′

***Tecendo nossos caminhos***

DIREÇÃO: MARTA TIPUICI, CLEDSON KANUNXI E JACKSON XINUNXI
Vídeo. Brasil, 2019

5′

***Xixiá: Mestre dos cânticos Fulni-ô***

DIREÇÃO: HUGO FULNI-Ô
Vídeo. Brasil, 2022

20′

***Mãtãnãg: A Encantada***

DIREÇÃO: SHAWARA MAXAKALI E CHARLES BICALHO
Vídeo. Brasil, 2019

14′

# LINGUAGENS E EXPRESSÕES INDÍGENAS

Toda sociedade expressa sua cosmovisão através de linguagens próprias. À sua maneira, ela se comunica com o mundo e constrói relações de identidade e alteridade. As formas de expressão indígena são múltiplas, assim como o são seus povos.

Ainda que os conceitos ocidentais de arte sejam insuficientes para revelar a complexidade das linguagens e tecnologias originárias, é preciso reconhecer que sempre houve artistas indígenas.

Recentemente, no Brasil, o diálogo dos povos originários com os não indígenas se fortaleceu com a presença de artistas indígenas em espaços antes restritos, como galerias e museus. Essas figuras tiveram um papel fundamental na articulação com instituições que até então invisibilizavam a presença indígena, suas lutas, demandas, culturas e seus territórios.

Ao utilizar diferentes plataformas como audiovisual, as artes visuais, a música, a fotografia, a literatura e as mídias digitais, artistas indígenas produzem novas estratégias para contracolonizar, isto é, desconstruir o racismo predominante e elaborar outras narrativas sobre si próprios, valorizando as expressões tradicionais e as histórias de resistência de seus povos.

***Como vivi nesses dois mundos – da aldeia e da cidade –, consigo entender os dois códigos de mundo, inclusive as armadilhas do processo colonizador. Estou nesse lugar de iconoclasta: de pegar ídolos, quebrá-los e refazê-los de uma maneira indígena.***

***Entendo que o processo colonizador começa com a chegada dos europeus nas Américas, com Cristóvão Colombo e depois o Pedro Álvares Cabral. Mas estamos em 2019; é impossível voltar no tempo. Acho que a decolonização parte do princípio de entender como estamos hoje e, a partir daí, indigenizar as coisas, torná-las indígenas o máximo que a gente puder. Ter essa memória de volta e ter aquele território como um território indígena. Seja ele qual for, em qualquer lugar do Brasil.***

***Enquanto artista, me sinto no dever de chamar outros artistas para falarmos bem alto, talvez gritar: "Oi, estamos aqui. Somos artistas, somos indígenas, estamos no contemporâneo. Temos um trabalho que vocês não podem mais invisibilizar. Vocês não podem mais nos calar".***

**Denilson Baniwa**, artista, curador, designer, ilustrador, comunicador e ativista dos direitos indígenas. [Trecho editado de "Episódio 02", *Originárias*, podcast, julho 2019.]

DENILSON BANIWA, JAIDER ESBELL, SALLISA ROSA, GUSTAVO CABOCO, OCUPEACIDADE, PSSP ESTÚDIO E LASTRO ARTE
Cartazes. Brasil, 2018-2019

Cartazes produzidos coletivamente em oficinas #SPTerraIndígena realizadas no Parquinho Gráfico/ Casa do Povo.

# MANTO TUPINAMBÁ

*O manto sagrado (...) representa para nós, Tupinambá, a revitalização da nossa cultura, da nossa língua, dos nossos fazeres, das nossas técnicas. O manto vem desvendando segredos.*

*(...) A confecção do manto reavivou então muitas memórias. O manto tem uma linguagem própria, uma personalidade própria. Ele nos revela uma maneira de se camuflar, de se esconder, de conseguir passar despercebido por dentro da mata. Segundo o cacique Babau, ao vestir o manto, ele consegue se camuflar e se sente como se fosse uma coruja. A coruja representa para a gente os olhos da noite. Ela é a guardiã da noite. É um símbolo muito forte.*

*(...) Foi importante trazer vida para o manto e mostrar que não era aquela coisa obsoleta, guardada em um canto, só para ser observado e ir se deteriorando com o tempo. Os mantos têm uma vida e um propósito dentro do seu povo. Esse é o retorno do manto.*

**Glicéria Tupinambá**, liderança, professora e artista do povo Tupinambá. [Fragmento de "Manto Tupinambá", publicado no site do projeto "Um Outro Céu", dezembro de 2020.]

***A dança dos encantados – Glicéria Tupinambá***

FERNANDA LIBERT
Fotografia. Brasil, s/d

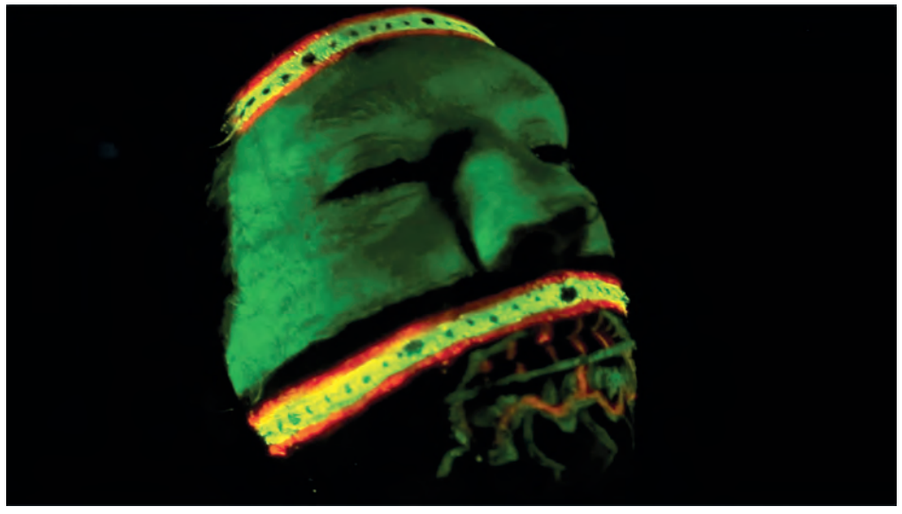
**Entrevista com Naine Terena, artista, ativista, educadora e pesquisadora do povo Terena.**

MUSEU DA LÍNGUA PORTUGUESA
Vídeo. Brasil, 2022

***Percebo uma ascensão indígena e uma ocupação de espaços antes negados que são importantes para sermos compreendidos, primeiro entre nós mesmos, e depois, por um público mais amplo. O que vejo neste momento é que as linguagens utilizadas pelos indígenas se aproximam daquelas utilizadas pelos não indígenas e ganham mais espaço justamente porque fica fácil a apreensão quando utilizamos as ferramentas e tecnologias deles.***

***É uma ascensão de conhecimentos que vão se costurando, se hibridizando, fazendo atravessamentos para chegar ao outro, usando as linguagens que ele reconhece. Isso tem suas vantagens, mas também tem um estranhamento: achar que essas linguagens têm mais valor do que o que é feito originalmente por nossos povos. Tudo o que fazemos hoje também precisa valorizar as nossas tecnologias, que são nossas formas de fazer, de comunicar, de se relacionar com tudo que está no entorno. E nossas maneiras de comunicação são muitas e múltiplas.***

***A gente vive um momento de reelaboração de maneiras de conversar com o outro – o não indígena – para que a gente possa ser, senão compreendida, ao menos ouvida, e que tenhamos as contranarrativas inseridas na chamada "história oficial".***



***Floresta Cura Remix***

DJUENA TIKUNA & LOZK
Videoclipe. Brasil, 2022



# MÚSICA INDÍGENA

*Olha quem chegou? Pankararu*

*A cara do índio tem numa pedra*
*No pé da serra na ladeira da Serrinha*
*Quem não viu tem que ver*
*o que a natureza pode fazer*
*Nas terras indígenas de Pankararu*
*Tomar banho de bica lá no Jitó*
*Dançar um toré pendurar um aio*
*Botar uma corrente de licuri*
*Fazer padê de feijão de corda*
*Assistir as tubibas e o menino no rancho*
*A garapa de cana na festa do imbu*
*Admirar os praiás com a roupa de croá*
*Fumar um campiô com folha de arara*
*Oi, dá tontura em quem nunca fumou*

*Tem cacique e pajé, com o tronco que herdou*
*Tem cultura e riqueza aqui sim sinhô!*
*Somos filhos da terra, somos Pankararu*
*Índios de guerra sopra o rabo do tatu*
*Tem o ritual que é do Cansanção*
*Francisco e Fernando com o maracá na mão*
*E fechando a festa tem o mestre guia*
*Em Joaquim Serafim na aldeia Serrinha*

**Gean Ramos**, cantor e compositor do povo Pankararu.
[Canção "Cartão Postal Pankararu", 2008.]

1

2

3

4

**1**
***Índio do Brasil***

MATSIPAYA WAURA TXUCARRAMÃE
**gravadora: Form**
Videoclipe. Brasil, 2017

**2**
***Koangagua***

BRÔ MC'S
Videoclipe. Brasil, 2020

**3**
***Meu nome não é Manuel***

EDIVAN FULNI-Ô
Videoclipe. Brasil, 2021

**4**
***Atxa Mümü***

BIRACI ISKUKUA YAWANAWÁ
**edição: Jairo Lima**
Videoclipe. Brasil, 2018

**extraído do filme "Awara Nane Putane" de Sérgio de Carvalho**

# LITERATURA INDÍGENA

***Minha avó, minhas tias-avós, minha mãe, eram muitas as mulheres da família. Todas muito envolvidas com a sua etnia, com a sua cultura, com suas tradições. Passei a infância escutando a história dessas mulheres guerreiras e fui educada de forma bastante contundente por elas. No início do século XX, e nas décadas anteriores, ser indígena no Brasil era ter um estigma e sofrer preconceito. Até hoje o povo brasileiro não tem empatia com os povos originários. [De] Algumas décadas para cá, a gente vem se organizando e se conscientizando mais da nossa condição como indígena, como etnia, reconhecendo nossa cultura, língua e espiritualidade. A gente tem tido um pequeno avanço, mas somos ainda muito discriminados. Atualmente muitos indígenas têm buscado o estudo, as universidades, a formação acadêmica e a formação pessoal para entender mais o que é a sociedade brasileira, sem se integrar a ela, e saber de fato qual o seu papel no Brasil. Quando alguém sai da sua comunidade e consegue perceber a sociedade brasileira e entender como foi oprimido ao ter que esconder a sua identidade, há um salto. Esse processo de retomada é extremamente importante. Foi aí que comecei a pensar junto com os professores sobre a contação de histórias e a literatura indígena. Por que não transformar aquilo que escrevemos em forma de luta e resistência? Ninguém pode arrancar a minha voz. Ninguém pode dizer "você não vai contar essa história", "você não vai ser assim". A minha história é contada sempre com muita emoção, porque eu sinto. Como é que não vou sentir uma coisa que eu vi, [de] que sou testemunha ocular? Sempre que falo isso me emociono. As lágrimas vêm, brotam nos meus olhos, e eu escrevo. Então, a minha literatura nasceu das raízes indígenas, da história indígena, nasceu das avós, das tias-avós, dos avôs, nasceu dessa base.***

**Entrevista com Eliane Potiguara, escritora, poeta, ativista, professora do povo Potiguara. É considerada a primeira escritora indígena do Brasil**

MUSEU DA LÍNGUA PORTUGUESA
Vídeo. Brasil, 2022

***Exnãukôtxêpiátá: as onças e o tempo novo***

TAMIKUÃ TXIHI
Acrílica sobre tela
290 × 443 cm. Brasil, 2022

# XAPIRI THË Ã AMOAHA XAPIRIPË KUA

“Kami urihiha yamakɨ pɨrɨowi yamakɨ. Kami yamakɨ pihi xariruwi ai thë kua. Yãkoana yama pë koaɨwi thëha yamakɨ pihi xariru, hapa ai thëpë xapiri pruuwi thëpëha. Yamakɨ xapiriaɨ, yamakɨ ũtupë praha huuwi, xapiri yai yama thëpë xëɨwi, hutukara yama parɨkɨ aumaɨwi. Kami yamakɨnë xapiri amoa yamapëã pree hiramaɨ yama pihi yai moyãmë pruuwi. ɬnaha xapiri thëãha yamakɨ pihi xaariaɨ kuaɨ. ɬhɨ thë kakii kami yamakɨ pihi xariruuwi ɨnaha thë kua, papel sipëha yamakɨ pihi xariruwi yama thë peximaimi. Yãkoana pënë yamakɨ pihi xariramaɨ paxio. Momanë yama thëpë tapraimi ai thëpë. Omama a mao tëhë yanomae thë kuprariowi thëã wëaɨ. ɬhɨ thëã waroho mahi kua. Waro pata thëpënë thëã wëaɨhe, thëpë urihipë ãha wëaɨhe aho hwaoho pë huu kuaimaɨwi, xoahapë yutuha. Wa xapiri pruu pihio tëhë, xapiri thëpënë amoapëa hiramaɨhe. ɬhɨ yama thëpë ã hiri maproimi yama thëpëã hiri xi wãri proti. ɬhɨ thëkaki thë kuaɨ xi wãriki yamakɨ ũuxiha yama thëãnëhë mohoti taamaɨ kõoimi.”

**Davi Kopenawa**
[Tradução para o Yanomami: Morzaniel ɬramari Aranariutheri]



# PALAVRA TEM ESPÍRITO

“Nós somos habitantes da floresta. Nosso estudo é outro. Aprendemos as coisas bebendo o pó de *yākoana* como nossos xamãs mais antigos. Nos fazem virar espírito e levam nossa imagem muito longe, para combater os espíritos maléficos ou para consertar o peito do céu. (...) Nos ensinam também a palavra de seus cantos e a fazem crescer em nosso pensamento. (...) É assim que aprendemos a pensar direito com os *xapiri*. É esse o nosso modo de estudar e, assim, não precisamos de peles de papel. O poder da *yākoana* nos basta! (...). Com olhos de vivente, não é possível ver realmente as coisas. As palavras que contam como os humanos vieram a existir pertencem a Omama. São muito numerosas. Os grandes homens as revelam a nós em seus discursos, falando dos lugares onde seus pais e avós viveram no passado. Quando se tornam espíritos, os xamãs também as dão para nós em seus cantos. Na verdade, nunca paramos de escutá-las! É desse modo que elas se fixam firmemente dentro de nós e nunca se perdem.”

**Davi Kopenawa**
[Trecho de *A queda do Céu: palavras de um xamã yanomami*, de Davi Kopenawa e Bruce Albert. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.]

# AOS MESTRES E ÀS MESTRAS DA PALAVRA

**Meriná, a vovó Bernaldina do povo Makuxi (Roraima)**

JAIDER ESBELL
Fotografia. Brasil, 2020

**Grande mestra de cantos, rezas e danças de seu povo. Faleceu aos 75 anos, vítima de covid-19. Na exposição, ouve-se o canto *Tukui* (Beija-flor), de sua autoria.**

Acervo Galeria Jaider Esbell de Arte Indígena Contemporânea

**Cizino, cacique e pajé do povo Karitiana (Rondônia)**

DIDIER DEMOLIN
Fotografia. Brasil, s/d

**Reconhecido detentor dos conhecimentos rituais de seu povo. A voz de Cizino preenche a última sala com o canto *Kabmyn aejom tyki* (Eu te salvo).**

**Ahkïto, Casimiro Lobo Sampaio, *kumu* e *baya* do povo Yepamahsã (Amazonas)**

GABRIEL SCHLICKMANN ROTTGERS CARDOSO
Fotografia. Brasil, s/d

**Rezador e mestre de cerimônia, foi um grande músico, intelectual e historiador do Alto Rio Negro. Faleceu com mais de cem anos de covid-19 em 2020. Intercalando com outras vozes, o sábio canta *kahpisõ*.**

***Petyngua*, cachimbo do povo Kaiowá**

Madeira e cerâmica
15 × 4 × 3,5 cm. s/d

Acervo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo

**Maracás do povo Karipuna utilizados em rituais de pajelança e nas festas do Turé**

Madeira, cabaça, resina e plumas
26,5 × 15 × 9 cm;
3 × 19 × 10,5 cm. s/d

Coleção Lux Vidal /Acervo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo

**Yawarani, pajé do povo Yawanawa (Acre)**

DEBORA CRISTINA SARAIVA DA SILVA
Fotografia. Brasil, s/d

**Importante sábio que lutou pelo fortalecimento da cultura yawanawa. Faleceu em 2018, deixando muitos ensinamentos. Sua voz faz ecoar o canto de cura do espírito da onça.**

**Davi Kopenawa, xamã e liderança do povo Yanomami (Amazonas e Roraima)**

VICTOR MORIYAMA
Instituto Socioambiental ISA
Fotografia. Brasil, 2019

**Mundialmente reconhecido por sua luta pelos direitos indígenas e por difundir o conhecimento sobre *urihi*, a terra-floresta. Davi entoa cantos dos *xapiripë* – espíritos xamânicos.**

## XAPIRI THË Ã AMOAHA XAPIRIPË KUA

Kami urihiha yamaki piriawi yamaki. Kami yamaki pihi xariruwi ai thë kua. Yãkoana yama pë koaiwi thëha yamaki pihi xariru, hapa ai thëpë xapiri pruuwi thëpëha. Yamaki xapiriai, yamaki ũtupë praha huuwi, xapiri yai yama thëpë xeiwi, hutukara yama pariki aumaiwi. Kami yamakinë xapiri amoa yamapëã pree hiramai yama pihi yai moyãmë pruuwi. Inaha xapiri thëãha yamaki pihi xaariai kuai. Ihi thë kakii kami yamaki pihi xariruuwi inaha thë kua, papel sipëha yamaki pihi xariruwi yama thë peximaimi. Yãkoana pënë yamaki pihi xariramai paxio. Momanë yama thëpë tapraimi ai thëpë. Omama a mao tëhë yanamae thë kuprariawi thëã wëai. Ihi thëã waraha mahi kua. Wara pata thëpenë thëã wëaihe, thëpë urihipë ãha wëaihe aha hwaaha pë huu kuaimaiwi, xoahapë yutuha. Wa xapiri pruu pihio tëhë, xapiri thëpënë amoapëa hiramaihe. Ihi yama thëpë ã hiri mapraimi yama thëpëã hiri xi wãri prati. Ihi thëkaki thë kuai xi wãriki yamaki ũuxiha yama thëãnëhë mahati taamai kõaimi.

Davi Kopenawa

Tradução para o Yanomam:
Morzaniel Iramari Aranariutheri

## PALAVRA TEM ESPÍRITO

Nós somos habitantes da floresta. Nosso estudo é outro. Aprendemos as coisas bebendo o pó de yãkoana como nossos xamãs mais antigos. Nos fazem virar espírito e levam nossa imagem muito longe, para combater os espíritos maléficos ou para consertar o peito do céu. (...) Nos ensinam também a palavra de seus cantos e a fazem crescer em nosso pensamento. (...) É assim que aprendemos a pensar direito com os xapiri. É esse o nosso modo de estudar e, assim, não precisamos de peles de papel. O poder da yãkoana nos basta! (...) Com olhos de vivente, não é possível ver realmente as coisas. As palavras que contam como os humanos vieram a existir pertencem a Omama. São muito numerosas. Os grandes homens as revelam a nós em seus discursos, falando dos lugares onde seus pais e avós viveram no passado. Quando se tornam espíritos, os xamãs também as dão para nós em seus cantos. Na verdade, nunca paramos de escutá-las! É desse modo que elas se fixam firmemente dentro de nós e nunca se perdem.

Davi Kopenawa

Trecho de A queda do Céu: Palavras de um xamã yanomami, de Davi Kopenawa e Bruce Albert, São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

## GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

**Governador**
Tarcísio de Freitas

**Vice-Governador**
Felício Ramuth

**Secretária de Estado de Cultura e Economia Criativa**
Marilia Marton

**Secretário Executivo**
Marcelo Assis

**Chefe de Gabinete**
Daniel Scheiblich Rodrigues

**Coordenadora da Unidade de Preservação do Patrimônio Museológico**
Vanessa Costa Ribeiro (em exercício)

**Diretora do Grupo Técnico de Coordenação do Sistema Estadual de Museus**
Renata Cittadin

**Diretora do Núcleo de Apoio Administrativo**
Denise dos Santos Parreira

**Equipe técnica da Unidade de Preservação do Patrimônio Museológico**
Angelita Soraia Fantagussi, Edna Lucia da Cruz, Eleonora Maria Fincato Fleury, Fabiana Josefa da Silva Magalhães Araújo, Kelly Rizzo Toledo Cunegundes, Luana Gonçalves Viera da Silva, Luiz Fernando Mizukami, Marcia Pisaneschi Sorrentino, Mirian Midori Peres Yagui, Marcos Antônio Nogueira da Silva, Rafael Egashira, Regiane Lima Justino, Roberta Martins Silva, Sofia Gonçalez, Tayna da Silva Rios

## MUSEU DA LÍNGUA PORTUGUESA

**GESTÃO**
IDBrasil Cultura, Educação e Esporte – Organização Social de Cultura

**CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO**
**Presidente**
Carlos Antonio Luque

**Vice-Presidente**
Clara de Assunção Azevedo

**Conselheiros**
Dalton Pastore, Esmeralda Vailati Negrão, Felipe Artur Pie Abib Andery, Francisco Vidal Luna, Fernando José de Almeida, Haim Franco, Julia Pacccanaro Rosa, Larissa Torres Graça, Ligia Ferreira, Luiz Laurent Bloch, Matheus Gregorini Costa, Mauro da Silva, Melise Pereira Lopes da Silva

**Conselho Consultivo**
Aline Pellegrino, Antonio de Pádua Prado Jr, Caio Luiz Cibella de Carvalho, Carlos Augusto Barros e Silva, Danilo Santos de Miranda, Eduardo Alfano Vieira, Eduardo Machado Barella, Hélio de Seixas Guimarães, Lilia Katri Moritz Schwarcz, Luiz Francisco de Sales, Marcos Ribeiro de Mendonça, Maria Luiza de Souza Dias, Marina de Mello e Souza, Mário Lucio Matias de Sousa Mendes, Nelson Savioli, Silvio Luiz de Almeida.

**CONSELHO FISCAL**
**Presidente**
André de Araújo Souza

**Conselheiros**
Raul Antonio Correa da Silva e Vicente de Paula de Oliveira

**DIRETORA EXECUTIVA**
Renata Vieira da Motta

**DIRETORA ADMINISTRATIVA E FINANCEIRA**
Vitória Boldrin

**DIRETORA TÉCNICA**
Marília Bonas

**CURADORA ESPECIAL DO MUSEU DA LÍNGUA PORTUGUESA**
Isa Grinspum Ferraz

**ASSESSORIA MUSEOLÓGICA**
**Assessor de Museologia** Maurício Rafael
**Museóloga** Juliana Pons

**ASSISTENTES DE DIRETORIA**
Lucas Borges e Naiah Mendonça

**ARTICULAÇÃO SOCIAL**
**Articuladora social**
Evelyn Ariane Lauro
**Articuladora social** Marta Silva
**Articuladora social jr** Uma Sorrequia

**NÚCLEO DE COMUNICAÇÃO**
**Coordenadora** Renata Beltrão
**Assessor de imprensa** Alan de Faria
**Assistente de comunicação**
José Mota
**Analista de comunicação**
Simone Hozawa
**Designer** Beto Cavalcante
**Estagiária** Anna Leite

**NÚCLEO DE DESENVOLVIMENTO INSTITUCIONAL**
**Coordenadora** Carolina Bianchi
**Supervisora de desenvolvimento institucional** Ariana Marassi
**Assistente de relações institucionais** Flávia Macedo
**Técnicas** Carolina Gomes e Luana Cavalcanti

**NÚCLEO DE EXPOSIÇÕES E PROGRAMAÇÃO CULTURAL**
**Coordenadora** Alita Mariah
**Produtora** Clara Machado
**Produtor** Vinicius Rigoletto
**Produtora** Letícia Leal

**NÚCLEO DE GESTÃO ADMINISTRATIVA E FINANCEIRA**
**Coordenadora** Sueli de Cássia Borges Santiago
**Analistas** Andresa Gomes Martins, Carlos Odilon, Cintia Yuri, Leonardo Costa, Melise Pereira, Rafael Iesposti
**Supervisor de bilheteria** Piter Torres
**Bilheteiros/as** Brena Bonoto, Giovanna Lanfranchi, Kauê Queiroz, Giovana Meireles, Talita Santos
**Recepcionista** Isabella Veríssimo

**NÚCLEO DE GESTÃO DE RECURSOS HUMANOS**
**Coordenador** Paulo Silva
**Analistas** Andreza Lima, Jessica Priori, Karolina Ferreira, Sergio Lourenço, Thalyta Ramos

**NÚCLEO DE OPERAÇÕES E INFRAESTRUTURA**
**Coordenador** Luis Marcatto
**Assistente de coordenação** Marcelo Reis
**Assistente de serviços operacionais** Anderson Dias
**Assistente administrativo**
Rafael Viana Lumazini
**Auxiliares de serviços de manutenção** Aldair Ferreira, Everton Ivanoff, Jonas Gonçalves, Sidiney Santos

**NÚCLEO DE TECNOLOGIA**
**Coordenador** Felipe Macchiaverni
**Analistas** Anderson Almeida, David Vieira da Costa, Luciano Ornelas, Raul Ferreira
**Estagiário** Lucas Jerônimo

**NÚCLEO DO CENTRO DE REFERÊNCIA**
**Coordenadora** Camila Aderaldo
**Pesquisadora** Cecília Farias
**Supervisora** Luiza Magalhães
**Técnico em documentação**
Leonardo Arouca

**NÚCLEO EDUCATIVO**
**Coordenadora** Marina Toledo
**Assistente de formação e conteúdo**
Amanda Cuesta
**Assistente de coordenação**
Guilherme Santos
**Supervisor** Edson Ignácio
**Assistente administrativo**
Leticia Garcia
**Educadores/as** Amanda Amaral, Anaily Sequera, Daniela Soares, Daniela Lima, Ellen Silva, Ingrid dos Anjos, Isabela Silva, Mariana Lachner, Matheus Dionísio, Mauricio Augusto Perussi De Souza, Mylena Carvalho, Rafael Silva, Sidney Zonatto, Vanessa Oliveira, Victor Mocellin
**Orientadores/as** Aline Anastácio, Alyce Kowalkowski, Ana Oliveira, Cainã Barbosa, Carlos Silva, Daniela Almeida, Giane Andrade, Jaqueline Reis, Jaz Hausf, Jean Lucca, Jeferson Santos, Jordana Oliveira, Kauê Pontes, Larissa Trindade, Leonardo Salvaterra, Marcelo Gomes, Nathalia Oliveira, Paula Santos, Raíssa Souza, Regina Santos, Rita Ferreira, Tatiane Silva, Vian Tenório, Vitória Moreira, Viviane Inácio

## VALE | INSTITUTO CULTURAL VALE

**Vice-Presidente Executiva de Sustentabilidade da Vale e Presidente do Conselho do Instituto Cultural Vale**
Maria Luiza de Oliveira Pinto e Paiva

**Diretor Presidente do Instituto Cultural Vale**
Hugo Barreto

## NHE'Ẽ PORÃ: MEMÓRIA E TRANSFORMAÇÃO

**CONCEPÇÃO E CURADORIA**
Daiara Tukano

**ASSISTÊNCIA DE CURADORIA E COORDENAÇÃO DE PESQUISA**
Majoí Favero Gongora

**CURADORIA ESPECIAL PARA LÍNGUAS INDÍGENAS**
Luciana Raccanello Storto

**PESQUISA**
Altaci Kokama, Gustavo de Godoy e Silva, Daiara Tukano, Majoí Favero Gongora

**ARQUITETURA EXPOSITIVA**
Estúdio GRU
Jeanine Menezes
**Assistentes** Lia Untem e Lucas Donnangelo

**PRODUÇÃO EXECUTIVA**
Arte 3
Ana Helena Curti, Franco Almada
**Assistente de produção** Letícia Elisa Leal

**DESIGN**
Elaine Ramos e Flávia Castanheira
**Assistente de design** Julia Paccola

**DESENHO DE MAPAS**
Bruna Keese

**DESENHO DE LUZ**
Anna Turra
**Assistente de montagem de luz**
Camila Jordão

**CONSULTORIA E PROJETO DE AUDIOVISUAL**
Marcos Santos

**CONSULTORIA DE CLIMATIZAÇÃO**
Bruno Fedeli

**PROJETO DE ACESSIBILIDADE**
INCLUA-ME Arte e Cultura para Todos

**PESQUISA ICONOGRÁFICA**
Hog Lacerda

**ROTEIROS**
Marcelo Macca, Gustavo de Godoy e Silva, Daiara Tukano

**PRODUÇÃO EDITORIAL**
Daiara Tukano, Majoí Favero Gongora, Maria Fernanda Ribeiro

**TRADUÇÃO PARA LÍNGUAS INDÍGENAS**
Caetano Tserenhi'ru Moritu (Xavante), Jera Guarani (Mbya), João Paulo Lima Barreto (Dahseaye), Morzaniel Ɨramari Aranariutheri (Yanomami), Ricardo Tupiniquim Ramos (Tupi-Antigo)

**CENOTECNIA**
Elástica Cenografia
William Zarella, Hugo Lefort

**LETRISTAS**
Alexandro Marques, Karina Kosugue, Patrícia Del Sole e Wilton Carvalho

**MONTAGEM FINA**
Gala

**EDIÇÃO DE ÁUDIO E PAISAGEM SONORA**
Acalanto Projetos Criativos
Fernando Alves, Leandro Rodrigo

**EDIÇÃO DE VÍDEOS**
Z&S Filmes

**EQUIPAMENTOS E MONTAGEM DA ILUMINAÇÃO**
Santa Luz

**EQUIPAMENTOS E MONTAGEM DO AUDIOVISUAL**
Maxi Audio

**ANIMAÇÃO, VIDEO MAPPING E MULTIMÍDIAS**
Estúdio Bijari

**REVISÃO DE TEXTOS E TRADUÇÃO PARA O INGLÊS**
Alyne Azuma

**VETORIZAÇÃO DE IMAGENS**
Lee Dawkins

**TRATAMENTO DE IMAGENS**
Heinar Maracy

**IMPRESSÃO FINEART**
Outside Fineart

**LAUDOS MUSEOLÓGICOS**
Mariane Tomi Sato

**TRANSPORTE**
Millenium Transportes

**SINALIZAÇÃO**
Watervision

**SEGURO**
Liberty

**COOPERAÇÃO**
UNESCO

**PARCERIA**
Instituto Socioambiental
Museu Paraense Emílio Goeldi
Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo
Museu do Índio – Fundação Nacional dos Povos Indígenas

## CATÁLOGO

**CONCEPÇÃO**
Daiara Tukano

**COORDENAÇÃO EDITORIAL E EDIÇÃO**
Majoí Favero Gongora

**PROJETO GRÁFICO**
Elaine Ramos

**Assistentes de design** Julia Paccola e Nikolas Suguiyama

**MAPAS**
Bruna Keese

**REVISÃO**
Alyne Azuma

**TRADUÇÃO PARA O INGLÊS**
Alyne Azuma e Tony Rosenberg

**TRANSCRIÇÃO**
Isadora Fávero

**PRODUÇÃO GRÁFICA**
Lilia Goes

**TRATAMENTO DE IMAGEM**
Lucas Blat

**GRÁFICA**
Cinelândia

## CRÉDITOS

**CAPA**
**Floresta de Muitos Cantos** (frente) e **Chuva de Palavras** (verso)
Daiara Tukano, 2022.

**ILUSTRAÇÕES E OBRAS**
**Águia, Gavião-Real, Beija-Flor, Condor e Cobra-Grande** [p. 1-6, 14] e **Árvores-Diagrama das Línguas e Famílias Linguísticas** [p. 32-53]
Daiara Tukano, 2022.
**Fonte** Línguas e famílias apresentadas nos diagramas são atualizações feitas pelos pesquisadores da exposição a partir do balanço de Moore ("As Línguas Indígenas no Brasil hoje". Mello, H.; Altenhofen, C.; Raso, T. [orgs.]. *Os contatos linguísticos no Brasil*, Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, pp. 217-240) e de pesquisas recentes, como: Labrada, J. E. R.; Chacon, T.; Medina, F. "Arutani (Venezuela and Brazil) – Language Snapshot". Peter K. Austin (ed.) *Language Documentation and Description 17*, 2020, pp. 170-177. London: EL Publishing; Nikulin, A. *Proto-macro-jê: um estudo reconstrutivo* (Tese de Doutorado). Universidade de Brasília, 2020; Godoy e Silva, G. de. *Os Ka'apor: seus gestos e sinais* (Tese de Doutorado), Museu Nacional/UFRJ, 2020 e comunicações orais, 2022; de Carvalho, F. O. "The diachrony of velar coronalization in Mojeño (Arawakan)". *Folia Linguistica*, 2019, vol. 53, n. s40-s2, pp. 301-322. Buscou-se atualizar os nomes das línguas segundo as designações utilizadas pelos próprios falantes - parte desses dados foi encontrada no site *Povos Indígenas no Brasil* do Instituto Socioambiental-ISA, https://pib.socioambiental.org/.

**Resistência Indígena**
**Animação** Estúdio Bijari
**Ilustrações** Daiara Tukano
**Roteiro** Marcelo Macca e Daiara Tukano
**Pesquisa** Gustavo de Godoy e Silva
**Referências para mapas** Carbonesi, J. R. R. M.; Rocha, N. de S.; Gil, T. L. "Historiografia sobre a América Portuguesa em diálogo: vilas e cidades no período colonial". *Nuevo mundo mundos nuevos*, 2022.; Moraes, L.; Carvalho, C.; Rendeiro, M.; Gil, T. "Eliminando manchas brancas: um desmonte da cartografia indigenista de Curt Nimuendajú. História da Historiografia". *International Journal of Theory and History of Historiography,* Ouro Preto, 2022, v. 14, n. 37, pp. 17–61; 62; *Atlas Histórico do Brasil da Fundação Getulio Vargas*, 2016 https://atlas.fgv.br/; *Terras Indígenas*: ISA, 2022; Ricardo, Fany; Gongora, Majoí (org.). *Cercos e resistências: povos indígenas isolados na Amazônia brasileira*. São Paulo: ISA, 2019; *População autodeclarada indígena por situação do domicílio, segundo os municípios: Censo 2010*, IBGE, Brasil, 1991-2010.
**Histórias da Cobranização**
Daiara Tukano, 2022. Impressão digital a partir de original - acrílica sobre papel.

**INSTALAÇÕES**
**Rio de Palavras**
**Concepção, desenho e poesia**
Daiara Tukano
**Letristas** Alexandro Marques, Karina Kosugue, Patrícia Del Sole e Wilton Carvalho
**Chuva de Palavras**
**Concepção e poesia** Daiara Tukano
**Video mapping** Estúdio Bijari
**Traduções para línguas indígenas**
Hadomari Leandro Lariwana (Karajá), Jywateju Kaiabi (Kawaiwete), Lua Apyká (Tupiguarani), Sinvaldo Oliveira Wahuka (Karajá), Tutushamum Puri Teyxokawam (Kwaytikindo Puri), Altaci Kokama (Kokama), Juliana Kerexu (Mbya), Sueli Krengre Cândido (Kaingang), Janina dos Santos Forte (Karipuna), Paulo Honorato Mendes Filho (Tikuna), Hugo Fulni-ô (Yaathe), Lidimara Terena (Terena)
**Floresta de Muitos Cantos**
**Concepção e desenho**
Daiara Tukano
**Pássaros**
**Concepção e desenho**
Daiara Tukano
**Pintura** Vinicius de Assis
**Constelações**
**Concepção** Daiara Tukano
**Constelações** Homem Velho, Serpente, Jaguar e Anta do Norte

**CANTOS**
**Canto de Davi Kopenawa**
**Gravação** Marcos W. de Oliveira
**Acervo** Instituto Socioambiental e Hutukara Associação Yanomami
**Canto Tukui de Meriná**
**Gravação** Devair A. Fiorotti
**Acervo** Devair A. Fiorotti e Sony Ferseck
**Canto Kahpisõ de Ahkïto**
**Gravação** Álvaro Tukano
**Acervo** Daiara Tukano
**Canto de Yawarani Yawanawa**
**Gravação e Acervo** Tashka Yawanawa
**Canto de Cizino Karitiana**
**Gravação** Luciana Storto e Didier Demolin - *Yjkii*: Musique des Karitiana. Chants du renouveau de la tradition (CD). Colophon Records, 2007.

**FOTOGRAFIA**
**Everton Ballardin**
Objetos da exposição [p. 61, 65, 79, 84, 85, 86, 87, 89, 136, 137]
Arara-vermelha [p. 16, 17]
Obras *Histórias da Cobranização* de Daiara Tukano e *Marcha dos Povos Indígenas* de Kamikia Kisêjdê [p. 104, 105]
Projeção do filme *Mãtãnãg: A Encantada* [p. 120, 121]
Vitrine com obras de autores e autoras indígenas [p. 130]
**Gabriel barrera**
Obras [p. 80, 81, 132, 133]
Instalação *Floresta de Muitos Cantos* [p. 20, 21]
Sala *Língua é Memória*, com destaque à urna funerária da cultura marajoara [p. 56, 57]
Sala *Língua é Memória*; no centro, o tambor trocano [p. 98, 99]
Sala *Palavra tem Poder* [p. 100, 101]
Sala *Palavra tem Espírito* [p. 138, 139]

**MAPAS**
**Base Comum**
**Terras Indígenas** ISA, 2022
**Fronteiras, limites estaduais e municipais, capitais e cidades**
IBGE, 2017
**Relevo** USGS Global 30 Arc-Second Elevation (GTOPO30) Digital Object Identifier (DOI) number:/10.5066/F7DF6PQS
**Hidrografia** ESRI "World Water Bodies", escala não fornecida. Garmin International, Inc. https://www.arcgis.com/home/item.html?id=e750071279bf450cbd510454a80f2e63, acesso em: 10 ago. 2022
**Terra de Muitos Cantos: Famílias Linguísticas Originárias das Américas (2022)**
**Fonte** Artic Council (Indigenous Peoples Secretariat, 2019). *Arctic Indigenous languages map*; Campbell, Lyle. *American Indian Languages: The Historical Linguistics of Native America*. Oxford: Oxford University Press, 1997; Jost Gippert. *South American Languages: Historical Distribution*, 1999-2003; Loukotka, Čestmír. *Classification of South American Indian Languages*. Los Angeles: UCLA Latin American Center, 1968; Native Land Digital https://native-land.ca/, 10 ago. 2022; Santos, Rodrigo Martins dos. *Mapeamento da desterritorialização etnolinguística no Sudeste e Leste do Brasil durante as primeiras invasões europeias (1500-1700 EC)*, 2021; Hopkins, Nicholas e Josserand, Kathryn. *The Native Languages of Mesoamerica: approximate distributions at European Contact ca. 1500 A.D*, 2005; Longacre, Robert. *Handbook of Middle American Indians*, vol. 5, 1967; Campbell, Lyle. *The Linguistics of Southeast Chiapas*, 1988
**Famílias Linguísticas Faladas em Terras Indígenas Reconhecidas no Brasil (2022)**
**Fonte** Terras Indígenas, povos indígenas e famílias linguísticas: ISA, 2022
**População Indígena e Terras Reconhecidas no Brasil (2022)**
**Fonte** População autodeclarada indígena por situação do domicílio, segundo os municípios: Censo 2010, IBGE, Brasil, 1991-2010
**Políticas de Educação Para Indígenas no Brasil (até 2022)**
**Fonte** Secadi/MEC, Semesp/MEC, Censo Escolar/INEP-2020.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

Nhe'ẽ Porã: memória e transformação / curadoria Daiara Tukano – São Paulo, SP: Museu da Língua Portuguesa, 2023.

Vários colaboradores.
ISBN 978 65 999470 1 8

1. Diversidade cultural. 2. Línguas e linguagem. 3. Línguas indígenas – Gramática. 4. Multilinguismo. 5. Museu da Língua Portuguesa (São Paulo, SP) – Catálogos. 6. Povos indígenas - Brasil. I. Tukano, Daiara.

23-162530 CDD-069.098161

**Índices para catálogo sistemático:**
1. Museu da Língua Portuguesa: São Paulo: Cidade: Catálogos 069.098161
Tábata Alves da Silva, Bibliotecária – CRB-8/9253

## EXPOSIÇÃO VIRTUAL

**EXPOSIÇÃO TEMPORÁRIA**
**NHE'Ẽ PORÃ: MEMÓRIA E TRANSFORMAÇÃO**

Articulação e Patrocínio Máster

Lei de Incentivo à Cultura
Lei Rouanet

INSTITUTO CULTURAL VALE

Patrocínio

VOLVO

BR PETROBRAS

Apoio

MATTOS FILHO

Cooperação

unesco

2022-2032 | INTERNATIONAL DECADE OF Indigenous Languages

Parceria

Instituto Socioambiental

MAE MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA

MUSEU do ÍNDIO FUNAI

MG MUSEU GOELDI

## Museu da Língua Portuguesa

Gestão

idbrasil Organização Social de Cultura

Museu da Língua Portuguesa

Concepção e Implantação

Fundação Roberto Marinho

Realização

TUDO VIRA CULTURA EM SP

SÃO PAULO
GOVERNO DO ESTADO
SÃO PAULO SÃO TODOS
Secretaria da Cultura, Economia e Indústria Criativas

MINISTÉRIO DA CULTURA

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO

ISBN 978 65 99947 01 8